



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES – CH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE**  
**LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E IDENTIDADES**

**ERCÍLIO HENRIQUE DE LIMA GADELHA**

**DISCURSO E PODER DIRIGENTE: AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE LIMOEIRO  
DO NORTE-CE NA “NOVA REPÚBLICA” (1988-2016)**

**CAMPINA GRANDE/PB**

**Setembro/2021**

**ERCÍLIO HENRIQUE DE LIMA GADELHA**

**DISCURSO E PODER DIRIGENTE: AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE LIMOEIRO  
DO NORTE-CE NA “NOVA REPÚBLICA” (1988-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelly Pereira de Sousa Cordão.

**CAMPINA GRANDE/PB**

**Setembro/2021**

G124d Gadelha, Ercílio Henrique de Lima.  
Discurso e poder dirigente: As eleições municipais de Limoeiro do Norte-CE na “Nova República” (1988-2016) / Ercílio Henrique de Lima Gadelha. – Campina Grande, 2021.  
111 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

“Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelly Pereira de Sousa Cordão”.  
Referências.

1. Eleições. 2. Limoeiro do Norte. 3. Poder dirigente. 4. Discurso. I. Cordão, Michelly Pereira de Sousa. II. Título.

CDU 324“1988-2016”(813.1)(043)

**ERCÍLIO HENRIQUE DE LIMA GADELHA**

**Discurso e poder dirigente: As eleições municipais de Limoeiro do Norte-CE na “Nova República” (1988-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente à linha de pesquisa Cultura, poder e identidades, e área de concentração em História, cultura e sociedade, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado(a) em: 28/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelly Pereira de Sousa Cordão – PPGH/UFCG. Orientadora**

---

**Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima – PPGH/UFCG. Examinador Interno**

---

**Prof. Dr. Altemar da costa Muniz – FECLESC/UECE. Examinador Externo**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima – PPGH/UFCG. Examinadora Interna (Suplente)**

---

**Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves. Examinador Externo (Suplente)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Às 18:30h (dezoito e trinta) do dia 28 (vinte e oito) de setembro de 2021 (dois mil nove e cem e vinte e um), através de sala de videoconferência do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Ercílio Henrique de Lima Gadelha**, intitulada: **“Discurso e Poder Dirigente: As Eleições Municipais de Limoeiro do Norte - CE na “Nova República” (1988-2016)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Michelly Pereira de Sousa Cordão (Orientadora), Luciano Mendonça de Lima (Examinador Interno), Altemar da Costa Muniz (Examinador Externo). Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

Parecer: A banca examinadora se reuniu isoladamente após as arguições e decidiu pela aprovação do candidato que deve fazer alguns ajustes para a entrega do texto final. A banca considerou, também, que o candidato avançou bastante em relação ao texto da qualificação e que seu trabalho ofereceu contribuições significativas para a compreensão do processo histórico investigado.

**Lista de Presença**

Orientador(a)	Michelly Pereira de Sousa Cordão	
Examinador (a) Interno(a)	Luciano Mendonça de Lima	
Examinador(a) Externo (a)	Altemar da Costa Muniz	
Coordenador	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande-PB, 28 de setembro de 2021

## AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi fruto de muitos aprendizados, que trouxeram à tona questionamentos sobre minha vida acadêmica e pessoal. Durante esse período acabei desenvolvendo Transtorno de Ansiedade e início de Depressão, fato agravado com o advento da pandemia. Por esse motivo, não poderia deixar de agradecer, primeiramente, minha mãe, Overlândia Mendes de Lima, meu pai, Ercílio de Freitas Gadelha, e minha Irmã, Amanda de Lima Gadelha, pois sem eles não teria conseguido fechar esse ciclo tão importante. Por esse mesmo motivo, agradeço ao amigo Dândi Mendes e a amiga Lia Lemos Andrade, bem como a psicóloga Erislene Oliveira e ao psiquiatra Maximilo Ribeiro pelos cuidados, sou eternamente grato.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro, fundamental para a minha entrada e permanência no PPGH da UFCG, pois minha família não tinha condições de arcar com os custos de aluguel, alimentação, transporte, etc., morando em outro Estado (sou cearense).

Agradeço aos amigos e amigas que fiz durante essa passagem na cidade de Campina Grande: a Flávio Benitez (Samurai), Jeferson Matos, Jaíne Chianca, Pedro Dantas; Jean Lucas; Lucas Tadeu (Zepa), Lorrane Agra, Andresson Araújo, Yuri Brito, Ítalo Ramon (Sochin), Jefferson Scar, Eduarda Vasconcelos. Jamais esquecerei de vocês.

Agradeço a minha orientadora, professora e amiga Michelly Pereira de Sousa Cordão, pelo aprendizado, cuidado, paciência e parceria, não poderia ter sido outra pessoa. Agradeço também aos ensinamentos dos professores Gervácio Batista Aranha, José Luciano de Queiroz Aires e Luciano Mendonça de Lima, com quem aprendi a verdadeira importância do método do materialismo histórico dialético para a pesquisa em História, conquistaram mais um admirador. Agradeço ao professor Altemar da Costa Muniz, e novamente ao professor Luciano Mendonça de Lima pela disponibilidade em participar da banca examinadora desta dissertação, suas observações foram enriquecedoras. Agradeço também ao meu orientador de monografia de graduação, professor e amigo José Olivenor Souza Chaves, que eu costumo dizer que me ensinou a escrever, além de me auxiliar na construção do projeto de mestrado, sua importância será sempre lembrada.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as eleições para prefeito do município de Limoeiro do Norte no Estado do Ceará, ocorridas após a segunda redemocratização do país. Sendo assim, foram analisadas as eleições realizadas entre os anos de 1988 a 2016. Desde sua elevação a vila em 1873, Limoeiro foi dominado politicamente por apenas dois grupos, os Chaves de 1873 a 1955, e os Oliveiras a partir de 1955, fato que, dentre outras forças sociais, como a atuação da Diocese, influenciou nas disputas pelo poder do executivo municipal ocorridas no pós-redemocratização. Diante disso, essas eleições foram analisadas tomando como referencial teórico-metodológico os estudos referentes ao materialismo histórico dialético, dentro da perspectiva da “história total”, com destaque para o conceito de “poder dirigente” ou “grupos dirigentes” do italiano Antonio Gramsci. A pesquisa evidenciou que nessas eleições não existiam grupos de oposição na atuação política, mas que eram formadas oposições circunstancialmente para cada eleição. Isto ocorreu, sobretudo, pela origem política comum de seus personagens, bem como porque estes eram socialmente semelhantes.

**PALAVRAS-CHAVES:** Limoeiro do Norte; Eleições; Poder dirigente; Discurso.

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze the elections for mayor of the municipality of Limoeiro do Norte in the State of Ceará, which occurred after the second redemocratization of the country. Thus, the elections held between 1988 and 2016 were analyzed. Since its elevation to the village in 1873, Limoeiro has been politically dominated by only two groups, the Chaves from 1873 to 1955, and the Oliveiras from 1955, a fact that, among other social forces, such as the action of the Diocese, influenced the disputes for the municipal executive power that occurred in the post-redemocratization. Therefore, these elections were analyzed taking as theoretical and methodological reference the studies referring to dialectical historical materialism, within the perspective of "total history", with emphasis on the concept of "ruling power" or "ruling groups" of the Italian Antonio Gramsci. The research showed that in these elections there were no opposition groups in political action, but that oppositions were formed circumstantially for each election. This was mainly due to the common political origin of their characters, as well as because they were socially similar.

**KEYWORDS:** Limoeiro do Norte; Elections; Ruling power; Speech.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Limoeiro do Norte.....	03
Figura 2 – Exposição do projeto “Pedala Limoeiro” .....	27
Figura 3 – Escultura a partir de bicicletas.....	28
Figura 4 – “Limoeiro: Ano 100 – Um passeio na História” .....	33
Figura 5 – Charge evidenciando falta de assistência às ruas de Limoeiro.....	83
Figura 6 – Caminhada da campanha eleitoral de João Dilmar.....	88
Figura 7 – Cartaz sugerindo aproximação entre Arivan Lucena e Dilma Rousseff.....	92
Figura 8 – Chamada para 3º pedalada da campanha de Arivan Lucena.....	94
Figura 9 – Pedalada eleitoral de Arivan Lucena.....	95

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado das Eleições do ano 1988.....	56
Quadro 2 – Resultado das Eleições do ano 1992.....	60
Quadro 3 – Distribuição dos Perímetros irrigados no Nordeste.....	64
Quadro 4 – Lista dos cursos ofertados no Instituto CENTEC.....	65
Quadro 5 – Resultado das Eleições do ano 1996.....	67
Quadro 6 – Resultado das Eleições do ano 2000.....	73
Quadro 7 – Resultado das Eleições do ano 2004.....	85
Quadro 8 – Resultado das Eleições do ano 2008.....	89
Quadro 9 – Resultado das Eleições do ano 2012.....	96
Quadro 10 – Resultado das Eleições do ano 2016.....	102

## ABREVIATURAS

ACLN – Associação Cultural de Limoeiro do Norte  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
CENTEC – Centro de Tecnologia do Estado do Ceará  
CIC – Centro Industrial do Ceará  
CVT – Centro Vocacional Tecnológico  
DEM – Democratas  
DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito  
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas  
ESG – Escola Superior de Guerra  
FAFIDAM – Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos  
IBAD – Instituto Brasileiro de Ação Democrática  
IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro  
NIT – Núcleo de Informação Tecnológica  
OAB – Ordem de Advogados do Brasil  
PC do B – Partido Comunista do Brasil  
PDT – Partido Democrático Trabalhista  
PHS – Partido Humanista da Solidariedade  
PL – Partido Liberal  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PMN – Partido da Mobilização Nacional  
PP – Partido Progressista  
PPB – Partido Progressista Brasileiro  
PPL – Partido Pátria Livre  
PPS – Partido Popular Socialista  
PR – Partido da República  
PRB – Partido Republicano Brasileiro  
PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional  
PROS – Partido Republicano da Ordem Social  
PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro  
PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSD – Partido Social Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSDC – Partido Social Democrata Cristão

PSL – Partido Social Liberal

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTC – Partido Trabalhista Cristão

PT do B – Partido Trabalhista do Brasil

PTN – Partido Nacionalista dos Trabalhadores

PV – Partido Verde

NUDOC – Núcleo de Documentação Cultural

SECITECE – Secretaria da Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará

SEFAZ – Secretaria de Estado da Fazenda

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UDN – União Democrática Nacional

UFC – Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: A “TRADIÇÃO SELETIVA”: LIMOEIRO DO NORTE ENTRE O BUCÓLICO E A MODERNIDADE.....</b>	<b>16</b>
1.1) UM PASSEIO NA HISTÓRIA DA ILHA LIMOEIRO: DE UM MUNDO ISOLADO À CIVILIZAÇÃO.....	19
1.2) A “PRINCESA DO VALE” E SEU PODER SIMBÓLICO.....	35
<b>CAPÍTULO II: TRANSIÇÃO POLÍTICA E A INSTÂNCIA MUNICIPAL: ELEIÇÕES EM LIMOEIRO DO NORTE NO PÓS-REDEMOCRATIZAÇÃO (1988-2000).....</b>	<b>47</b>
2.1) MUDANÇAS ELEITORAIS EM LIMOEIRO DO NORTE NO INÍCIO DA “NOVA REPÚBLICA”.....	53
2.2) A PREFEITURA DE LIMOEIRO DO NORTE E OS PROJETOS DE ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO DO ESTADO DO CEARÁ.....	62
<b>CAPÍTULO III: TRÊS CANDIDATOS, UMA HEGEMONIA: AS ELEIÇÕES EM LIMOEIRO DO NORTE A PARTIR DOS ANOS 2000.....</b>	<b>73</b>
3.1) AS ELEIÇÕES DE 2004: UMA ALIANÇA PARA VITÓRIA.....	84
3.2) AS ELEIÇÕES DE 2008: UMA DISPUTA JÁ CONHECIDA.....	87
3.3) AS ELEIÇÕES DE 2012: DOS BASTIDORES PARA A CENA POLÍTICA.....	90
3.4) AS ELEIÇÕES DE 2016: UMA NOVA ALIANÇA.....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

No final da década de 1950, com o desenvolvimento industrial e a urbanização, o poderio ideológico das classes dominantes sobre a classe trabalhadora enfraqueceu, deixando em crise o populismo. As Ligas Camponesas mobilizavam os trabalhadores rurais, floresciam as atividades sindicais, havia intensa mobilização estudantil, bem como havia debates no interior das forças armadas, que polarizavam suas atitudes em torno da questão do nacionalismo (DREIFUSS, 1981).

Aliado a isso, o acirramento das lutas sociais entre os interesses multinacionais e associados e os interesses dos “de baixo” tornou-se ainda mais intenso quando João Goulart assumiu a presidência da república e iniciou uma política de reformas de base.

Nessa conjuntura, havia um discurso sinalizando “perigo vermelho”, ou seja, um golpe comunista, levantando especulações de que existiam no Brasil grupos de esquerda fortemente armados e treinados, inclusive financiados por Cuba, como considera Jorge Ferreira (2010, p. 359). O que teria levado o bloco da direita empresarial, multinacional e militar a conspirar, nos termos de Ferreira (2010), “de maneira mais organizada” que a esquerda, declarando assim um golpe de Estado, ou seja, teria ocorrido um “contra golpe” em 1964, discurso que culpabiliza a esquerda pela implantação da ditadura.

A pergunta que fica é, por onde estiveram esses grupos armados de esquerda nos primeiros momentos do golpe, uma vez que já existiam? Fato é que esses sujeitos ditos “de baixo”, sendo trabalhadores do campo e da cidade, segmentos da pequena burguesia, estudantes e intelectuais, se organizavam nesse período que antecede ao golpe para lutar por direitos. Em contra medida, a elite brasileira se esforçava para manter seus privilégios (LIMA, 2016, p. 91).

Aliado a esse discurso de culpabilização da esquerda pelo golpe, a leitura não só de Jorge Ferreira, mas de boa parte dos historiadores revisionistas, entende que o que se viu no Brasil foi uma “ditadura civil-militar”, problema que, como bem descreveu Luciano Mendonça de Lima (2016), descaracteriza a ditadura como ela essencialmente foi, sai “uma ordem social baseada na coerção extrema e seus cortejos triunfais de horrores, entra um regime legitimado socialmente e com ares de consagração popular”.

Com isso, tornou-se necessário problematizar o que os integrantes dessa história dita revisionista estão querendo afirmar através do termo “civil-militar”, uma vez que o próprio Dreifuss, em 1981, já identificava a participação de “civis” no golpe e na ditadura, contudo, ao contrário do termo generalista utilizado pelos revisionistas, a pesquisa de Dreifuss, através da análise da luta de classes, permite identificar socialmente esses “civis”, tornando mais incisivo e condizente com a experiência do regime o termo “ditadura empresarial-militar”.

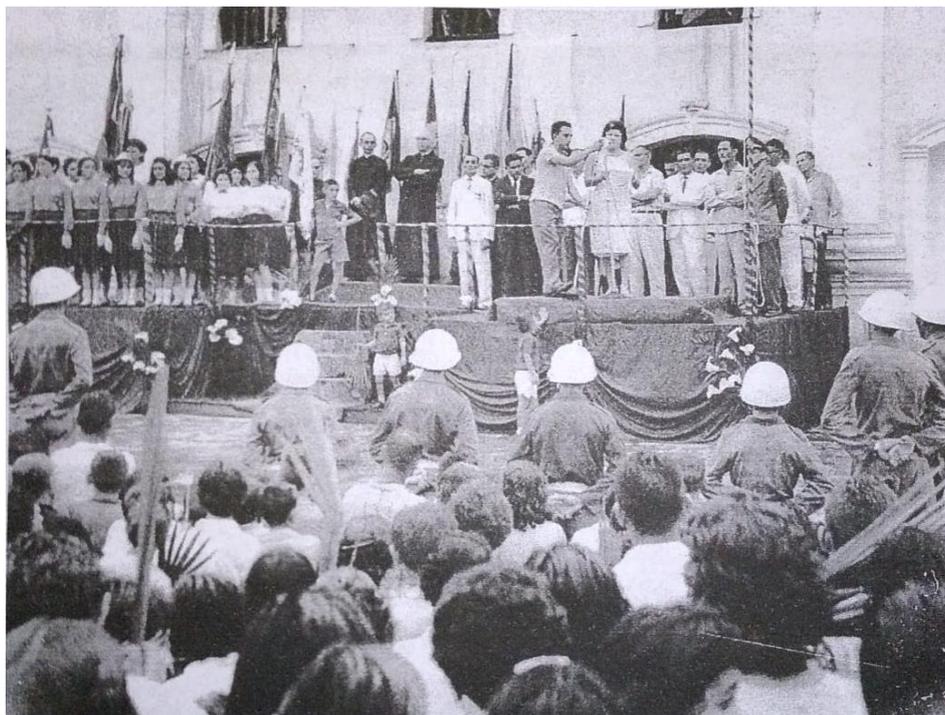
Para o historiador revisionista Daniel Aarão Reis Filho (2010), favorável ao termo “civil-militar”, as “Marchas da Família com Deus pela Liberdade” seriam uma das justificativas para afirmar apoio “extenso e consistente” da população ao golpe e à ditadura.

Na cidade de Limoeiro do Norte do Estado do Ceará, recorte espacial dessa pesquisa, no dia 31 de março de 1964 também ocorreu essa marcha, que percorreu as ruas da cidade até a praça da Matriz, reunindo autoridades civis, militares, eclesiásticos, estudantes<sup>1</sup> e etc. Em frente à Igreja Catedral foi montado um palanque, onde as autoridades locais discursaram em prol do golpe (FREITAS; OLIVEIRA, 1997).

**Figura 1 – Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Limoeiro do Norte.**

---

<sup>1</sup> Estiveram presentes estudantes fardados da Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte (FREITAS; OLIVEIRA, 1997, p. 253).



Fonte: FREITAS; OLIVEIRA, 1997.

A marcha foi coordenada por Dom Aureliano Matos, 1º bispo da diocese de Limoeiro do Norte, que atende a região do Vale do Jaguaribe. Além dele, subiram no palanque outros eclesiásticos, como os padres Misael Alves de Sousa, Mariano Rocha Matos e Francisco de Assis Pitombeira. Também esteve presente no palanque o prefeito Pedro Alves Filho, o radialista Célio Mano, o Militar Gregório Freitas, Antônio Pergentino Nunes, ex-vice prefeito (1955-1959)<sup>2</sup>, além de alunas da Escola Normal Rural e outros não identificados.

Uma das estudantes que estiveram presentes na marcha, foi Maria das Dores Vidal Freitas, autora do livro *Limoeiro em Fotos e Fatos* (1997), no qual pode ser encontrado a fotografia acima. Na ocasião, a autora estava vestida com a farda da Escola Normal Rural, onde estudava as filhas da elite limoeirense do período.

---

<sup>2</sup> Além de ex-vice prefeito, Pergentino foi chefe do escritório regional do governo do Estado do Ceará na região Jaguaribana entre dezembro de 1972 e fevereiro de 1982. Assumiu o cargo de vereador no município de Limoeiro do Norte em quatro oportunidades. Possui formação de professor. Lecionou no Colégio Diocesano Padre Anchieta e na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM. Autor do livro *Minha Vida... Minha Luta...* (1999).

Em seu livro, onde intercalou fotografias e textos (descrições e opiniões), a autora fez uma crítica ao sistema de repressão advindo de 1964 e questionou o sentido da própria Marcha da família com Deus pela liberdade, da qual fez parte:

E se perguntaram todos: “O que comemoramos nas ruas de Limoeiro, naquele 31 de março de 1964, não era A MARCHA COM DEUS PELA LIBERDADE?” No entanto, estavam todos amordaçados e assistindo silenciosamente aos massacres, às torturas, aos exílios, às prisões dos compatriotas (FREITAS; OLIVEIRA, 1997, p. 289-290)

Apesar de podermos encontrar na marcha sujeitos de todos os setores sociais, estudantes, religiosos, políticos, militares e outros, que significaram “realmente demonstrações de apoio ao golpe”, é preciso “tentar identificar socialmente que setores se viam representados” não só nesses eventos, como também nos governos pós-64, bem como observou Marcelo Badaró (2014). Não podemos colocar no mesmo patamar movimentos como esse e as ações estratégicas de órgãos como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e a Escola Superior de Guerra (ESG) que conspiravam desde 1961, inclusive elaborando contra propostas de reformas. Diferentemente das manifestações, nesses órgãos podemos identificar distinção de classe bem estabelecida.

A importância e o alcance das “Marchas” e fenômenos similares é uma questão muito interessante, porém o que Dreifuss demonstrara, e que frequentemente é ignorado pelos pesquisadores que compartilham de abordagens mais ou menos revisionistas do golpe, é que existe uma hierarquia de determinações entre esse tipo de “participação de civis” e a “participação” de “civis” que conspiravam no IPES desde 1961, e que acabaram por implantar seu projeto de classe em 1964 (HOEVELER, 2014).

Sendo assim, ignorando o que disse Dreifuss (1981) sobre a hierarquia das participações de civis no golpe de 1964, Aarão Reis Filho (2010, p. 174) ainda apresenta mais dois fatores que segundo ele, somados a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, bastariam para elucidar o apoio da população ao golpe e a ditadura: pesquisa indicando altos índices de popularidade do presidente Garrastazu Médice; e as “expressivas votações obtidas pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA)”.

Em vez disso, se entendermos o papel de cada civil no regime ditatorial, reconhecendo aqueles que atuaram de forma direta e organizada defendendo seus interesses de classe, torna-se possível compreender a conjuntura desses conflitos sociais de tal forma que o comando social e as camadas negligenciadas por esse comando possam ser identificados, independentemente se ocupavam os espaços públicos de poder.

Para a identificação desse tipo de comando, o italiano Antonio Gramsci (2001) criou a noção de grupos dirigentes, que são grupos restritos que determinam atividades econômicas, políticas e culturais de uma massa social, em instâncias diretivas, seja a partir do poder de coerção estatal, ou nos diferentes campos de direção social.

O próprio Dreifuss, em sua tese de doutorado que deu origem ao livro *1964: a conquista do Estado* (1981) utiliza os escritos de Gramsci para entender o golpe e a ditadura. Esses escritos tornam-se centrais na compreensão não apenas do golpe e do regime, mas também do período de redemocratização, uma vez que não ocorreu mudanças antagônicas com a ordem diretiva, inclusive com inúmeros ex-apoiadores da ditadura mantidos no poder.

É o período de redemocratização que nos interessa aqui, contudo, esse recuo temporal até o período que antecede ao golpe de 1964 é necessário, não só para entender a natureza dos conflitos sociais causados pelo golpe e a ditadura vividos por toda a sociedade brasileira, mas também por que o local que representa o recorte espacial dessa pesquisa, ou seja, a cidade de Limoeiro do Norte, do Estado do Ceará, passou nesse período por um *status* de transição que remodelou vários de seus aspectos, como território e lideranças políticas e sociais. Mudanças que persistiram no período de redemocratização e permanecem até os dias atuais.

Na segunda metade da década de 1950, Limoeiro do Norte estava envolvida por uma conjuntura turbulenta causada pela proposta de emancipação dos distritos de Alto Santo, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte. Com isso, Limoeiro perderia noventa por cento de seu território.

A proposta dividiu a elite limoeirense. Políticos, comerciantes e religiosos representantes de famílias tradicionais do município, como os Chaves, os Oliveira, os Holanda, e os Osterne, criaram uma comissão intitulada *Comitê Pró-Defesa de Limoeiro do Norte* que lutava contra os interesses dos líderes distritais que defendiam a proposta de emancipação (MACHADO, 2016, p. 43-44).

Em setembro de 1957, no governo estadual de Paulo Sarasate, esses distritos passaram à categoria de cidade. Para isso, ocorreu uma aproximação entre os dois Deputados Estaduais que representavam a política tradicional do Vale do Jaguaribe, o Coronel Franklin Chaves, do PSD, e o Coronel Manuel de Castro Filho, da UDN. Ambos foram pressionados pelos grupos pró e contra, mas acabaram cedendo a independência dos distritos.

Essa mudança não diz respeito apenas à condição territorial de Limoeiro do Norte, ela interferiu diretamente na maneira como o município se organizava em seus variados aspectos. As lideranças e o colégio eleitoral (ou zonas eleitorais) da cidade se dividiram. O município não era mais o mesmo. Limoeiro terminou a década de cinquenta e abriu a década de sessenta com novos horizontes, “[...] a maneira de procurar um Norte era distinta. Uma coisa era buscar uma direção para um município que possuía vários distritos, outra coisa era procurar um caminho para um município que perdeu noventa por cento do seu território” (MACHADO, 2016, p. 43).

Nesse período, a política limoeirense experienciava outra mudança. A família Chaves que exercia forte controle sobre as escolhas dos prefeitos da cidade se viu derrotada pela primeira vez nas eleições de 1955, depois de um domínio que durou mais de oitenta anos (1873-1955). O candidato vitorioso foi um ex-integralista nascido na cidade de Russas, o senhor Sabino Roberto. Ele foi apoiado pelo Coronel Manoel de Castro Filho, que, vindo da cidade de Morada Nova, despontava na política de Limoeiro do Norte através do apadrinhamento de outra família tradicional do município, os Oliveira (LIMA, 1997, 324).

Com isso, muito do que conhecemos hoje sobre a geografia do município de Limoeiro do Norte, bem como sua dinâmica política, lideranças e grupos políticos, foram sendo construídos a partir das décadas de 50 e 60, permanecendo até os dias atuais. Um exemplo disso foi a força do Coronel Manoel de Castro Filho que depois de conseguir eleger Sabino Roberto em 1955, dominou completamente as duas décadas seguintes, ajudando a eleger Pedro Alves Filho em 1962; Evaldo Holanda em 1964 e 1976; Antônio Holanda em 1972.

Ele ainda foi responsável pela vitória de José de Oliveira Bandeira<sup>3</sup> (o Careca) em 1982. A força política do Coronel Manoel de Castro Filho em Limoeiro pode ser notada ainda nos dias atuais com José Maria de Oliveira Lucena<sup>4</sup>. José Maria foi o principal secretário da gestão de Manoel a frente do governo do Estado do Ceará (1982-1983), e foi recentemente eleito prefeito de Limoeiro do Norte em 2016 e reeleito em 2020.

Limoeiro do Norte é uma cidade do Estado do Ceará fundada em 1897, que teve sua origem ligada principalmente aos caminhos percorridos ainda no século XVII, que adentravam os sertões cearenses pelo leito de rios e riachos secos. Traçaram esses caminhos os refugiados da “guerra-holandesa” (1654), da “guerra dos mascates” (1711) e outros que vieram de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte “pelas praias e, a partir da foz do Jaguaribe, subiam por suas ribeiras e afluentes em busca das nascentes, tangendo as primeiras “sementes” de gado”. A microrregião do baixo-Jaguaribe, da qual Limoeiro faz parte, funcionou como uma encruzilhada desses caminhos, assim, provavelmente, “Limoeiro, São João, Alto Santo, Quixeré, Russas... foram “pontos de encontro” destas linhas de penetração” (LIMA, 1997).

Embora a colonização no Ceará tenha ocorrido de forma contrária ao restante do Brasil, ou seja, do sertão para o litoral, a colonização na região cearense do Vale do Jaguaribe, subdividida nas microrregiões alto, médio e baixo-jaguaribe, se deu a partir do litoral, especificamente do porto das barcas de Aracati, considerada a “boca do sertão” pelo acesso dado ao rio Jaguaribe<sup>5</sup>, principal via de penetração nos sertões cearenses (LIMA, 1997).

No fim do século XVIII, Manoel José Rodrigues da Silva se instalou em terras correspondentes ao atual Limoeiro, tornando-se, provavelmente, o 1º fazendeiro. Essas terras faziam parte do povoado Sítio Igreja das Russas<sup>6</sup> desde 1734. Apesar da chegada do Pe. Vicente em 1808, Limoeiro fugia à regra da colônia portuguesa no que diz respeito

---

<sup>3</sup> José de Oliveira Bandeira, conhecido popularmente como Gladstone Bandeira ou Careca, disputou quatro eleições para prefeito de Limoeiro do Norte, 1976, 1982, 1992, 1996, saindo vitorioso em duas oportunidades, 1982 e 1996. O político faleceu no dia 24 de agosto de 2010 aos 81 anos.

<sup>4</sup> José Maria de Oliveira Lucena ou Zé Maria, nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 01 de julho de 1945. É um Desembargador Federal aposentado. Iniciou sua vida política em 1967 quando foi eleito para a câmara municipal de Limoeiro do Norte. Foi Assessor da Vice-Governadoria do Estado do Ceará de 1981 a 1982, e Secretário para Assuntos da Casa Civil e de Administração do governo do Estado do Ceará entre 1982 e 1983. Atualmente ocupa o cargo de prefeito do município de Limoeiro do Norte, para o qual foi eleito no ano de 2016 e reeleito no ano de 2020.

<sup>5</sup> Seu curso, com afluentes, vai de Aracati até os brejos do Cariri, encontrando-se com o rio Salgado, e até os sertões de Quixeramobim, subindo o rio Banabuiú (LIMA, 1997, p. 31).

<sup>6</sup> Povoado elevado à Vila de São Bernardo de Russas em 1801.

ao desenvolvimento de um povoado em torno de uma capela, inaugurando tal centro católico apenas em 1845 (LIMA, 1997).

Não só Limoeiro, mas todas as localidades, para conquistar o status de Vila (município) no período imperial, passou por um processo determinado pelo Concelho Geral da Província. O padre Francisco de Assis Pitombeira<sup>7</sup>, descreveu bem o processo em que Limoeiro percorreu até conquistar as competências necessárias para a sua autonomia política.

[...] é assinalada no seu início pela benção da Capela de Nossa Senhora da Conceição. Esse fato abriu caminho para a criação do distrito de paz e, em seguida, para a instalação da freguesia. Essa veio em 1863. Não obstante o vaivém de transferência da sede entre Limoeiro e São João, essa fixa-se definitivamente em Limoeiro em 1870. Daí para elevação do povoado a Vila foi um passo, pois era praxe do Conselho da Província erigir em vila (município) a povoação onde houvesse matriz. Graças à interferência do vigário, Pe. Francisco Ribeiro Bessa, então deputado provincial, que barrou pretensões de Morada Nova, Limoeiro foi erigida em Vila em 1871. Essa fase em que Limoeiro adquiriu os instrumentos institucionais de sua autonomia política<sup>8</sup>.

Como relatou o padre Pitombeira, Limoeiro elevou seu status a Vila em 22 de julho de 1871, contudo, ela só foi instalada em 1873. Com isso, instalou-se o primeiro tabelionato (cartório) de Limoeiro, o que praticamente iniciou e consolidou o domínio da Família Chaves na política limoieirense, com a nomeação de Serafim Tolentino Freire Chaves como tabelião (LIMA, 1997).

O cartório, por excelência, é uma fonte de poder, pois todos os registros de posse e escrituras ficam sob sua responsabilidade, além do que, dentro do jogo político partidário tem o privilégio de conduzir os processos eleitorais, que via de regra, eram fraudulentos. Eram nos cartórios que se elaboravam as listas de votação, execução do processo eleitoral e contagem dos votos, numa época em que as eleições foram por muitos estudiosos definidas como eleições à bico de pena” (REGIS, 2004, p. 90).

---

<sup>7</sup> Francisco de Assis Pitombeira formou-se padre pela Diocese de Limoeiro do Norte. Foi um dos eclesiásticos presentes no palanque montado pela ocasião da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Assumiu a direção do Colégio Diocesano Padre Anchieta, bem como foi diretor da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos por vários anos, lugar onde lecionou Latim (REGIS, 2004, p. 19).

<sup>8</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

Com o controle do cartório era possível fraudar as eleições, como afirmou Franklin Gondin Chaves<sup>9</sup>, em entrevista concedida para o Núcleo de Documentação Cultural da UFC - NUDOC, “quinze dias antes da eleição meu tio [Francisco Celestino] começava a chamar: Fulano assina aqui. E o sujeito assinava quatro, cinco nome de eleitor, modificando letra do eleitor”<sup>10</sup>.

Esse cartório foi passado “de mão em mão” pela família Chaves. De Tolentino Chaves para Francisco Celestino, que foi casado com uma filha de Tolentino, de Celestino para Sindulfo Chaves, e dele, após sua morte, o comando foi entregue a sua filha, Judith Chaves.

Essa família, mesmo sendo originária da região jaguaribana, distante 201 km da capital cearense, mantinha forte relação com a política estadual. Franklin Chaves contou para o NUDOC que seu pai, Sindulfo Chaves, “vivia para o Accioly”<sup>11</sup>. Ele se referia a Oligarquia Acciolina, grupo político liderado por Antônio Nogueira Accioly. A família Chaves foi uma forte aliada dessa Oligarquia “que ficou longos anos no poder, no Estado do Ceará, no auge da “política dos governadores” da Primeira República, sendo destituído por uma revolta popular, em 1912, liderada por Franco Rabelo” (REGIS, 2004, p. 85).

No período que antecede a elevação da Vila à categoria de cidade ocorrida em 30 de agosto de 1897, Limoeiro possuía um comércio ainda em forma embrionária, “limitava-se às bodegas que funcionavam nos “quartos” do mercado arrematados da Câmara Municipal, mediante leilão anual” (LIMA, 1997, p. 319).

Esse cenário mudou apenas com a valorização da cera da carnaúba, que permitiu a acumulação de riqueza dos donos dos carnaubais. Esse enriquecimento fez nascer um “novo tipo de liderança social e política, baseada na produção de cera e no comércio a ponto de “fazendeiros” poderem ser eleitos prefeitos”. Com isso, pela primeira vez, a burocracia político-administrativa de Limoeiro do Norte construída a partir do poder cartorial foi questionada (LIMA, 1997).

---

<sup>9</sup> Franklin Gondin Chaves nasceu no dia 10 de fevereiro de 1908, no Sítio Bom Futuro, onde hoje fica o Bairro Damas, em Fortaleza. Sua família é originária da Região Jaguaribana. Seu avô paterno era de Aracati e seu avô materno era do Icó. Sua família já exercia atividade política tanto em Limoeiro como em Fortaleza. Em 1933, Franklin foi eleito para a Câmara Municipal de Limoeiro do Norte, exercendo várias vezes o cargo interino de prefeito. Fundou e liderou o movimento da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro. No cenário estadual, foi governador do Ceará (12 de agosto a 12 de setembro de 1966) e assumiu sucessivos mandatos como Deputado Estadual (REGIS, 2004).

<sup>10</sup> NUDOC, Projeto Lideranças políticas: Franklin Gondin Chaves.

<sup>11</sup> NUDOC, Projeto lideranças políticas: Franklin Gondin Chaves.

Limoeiro nunca teve “Coronel de baração e cutelo”, um chefe prepotente comandante de um exército de cabras e de jagunços, um fazendeiro latifundiário coiteiro de cangaceiros. Pelo contrário, a alternância das secas e cheias não permitia a acumulação de riqueza, provinda de pecuária, numa área que cedo fragmentou-se em pequenas propriedades. O conflito político ia estabelecer-se entre comerciantes e burocratas (LIMA, 1997, p. 321)

O centro de Limoeiro, lugar onde foi construída sua capela em 1845, e por isso, lugar de referência para o início de sua povoação, é banhado e cercado por quatro rios secos: Jaguaribe, Banabuiú, Quixeré e Riacho Seco. Com isso, no baixo-Jaguaribe, Limoeiro era o lugar mais afetado com as alterações climáticas da região, sofrendo entre períodos de secas e de cheias. Fato que permaneceu até 2002, quando foi concluída a construção do maior reservatório de água doce do Estado do Ceará, o açude Castanhão<sup>12</sup>, que estabilizou a situação desses rios mantendo o nível de água adequado durante todo o ano.

Pelas razões climáticas citadas, até o final do século XIX o sistema de produção em Limoeiro, segundo Lauro de Oliveira Lima (1997), basicamente consistia em pecuária de quintal e agricultura de subsistência. Assim, o conflito entre burocratas e comerciantes estabeleceu-se apenas a partir de 1920, pois foi o período no qual a riqueza acumulada da cera da carnaúba, e não da pecuária, permitiu o surgimento de um novo tipo de liderança.

Como já foi mencionado, os Chaves eram os representantes dessa burocracia político-administrativa. Tal família também exerceu atividades comerciais, como cita LIMA (1997, p. 322), “mantiveram por muito tempo um pequeno comércio de consumo (a Casa Grande de Antônio Gomes, a loja de Camilo Cunha, etc)”. Bem como alega REGIS (2004, p. 82), “Franklin Chaves era um comerciante local que mantinha uma casa comercial na companhia de seu irmão José Chaves [...]. A casa comercial lidava com produtos variados, mas sua principal atividade era no ramo de tecidos”. Contudo, não eram práticas comerciais engajadas “na transformação econômica provocada pela valorização comercial da cera de carnaúba” (LIMA, 1997).

---

<sup>12</sup> O Açude Castanhão ou Açude Público Padre Cícero foi construído no leito do rio Jaguaribe, no município de Jaguaribara-CE. Teve suas obras iniciadas em 1995 e concluídas em 2002.

Foram Os Oliveira, liderados por Manfredo de Oliveira Lima, proprietário da sociedade comercial Oliveira & Irmão, que assumiram a “gerência financeira das rendas acumuladas pelos produtores de cera, criando um novo pólo de poder informal” (LIMA, 1997).

Dito isto, existiu um conflito “burocracia x economia”, termos dados por Lauro de Oliveira Lima (1997) para sintetizar, respectivamente, o grupo dos Chaves, que teve como origem de seu poder sócio-político a dominação cartorial, ou seja, a dominação burocrática, e o grupo dos Oliveiras, que conseguiu sua ascensão sócio-política a partir da gerência do comércio da cera de carnaúba produzida na região. Para compreendermos a dimensão e a importância desse conflito, vejamos as seguintes listas dos prefeitos eleitos através da influência direta de cada grupo político.

### **Burocracia**

- Filipe Santiago de Lima (1919-1927)
- Pedro Saraiva de Menezes (1927-1930)
- Sindulfo Serafim Freire Chaves (1933-1934)
- Custódio Saraiva (1935-1936)
- José Chaves (1936-1937)<sup>13</sup>
- Francisco Pergentino Mendes Guerreiro (1937)
- Custódio Saraiva (1937-1945)
- Sindulfo Serafim Freire Chaves (1945)<sup>14</sup>
- Francisco Remígio (1945-1948)
- Estevão Remígio de Freitas (1948-1951)
- Francisco Nonato Freitas (1951-1955)

### **Economia**

- Sabino Roberto (1955-1959)

---

<sup>13</sup> Irmão de Franklin Chaves. Renunciou ao cargo em 1937, segundo Lauro de Oliveira Lima (1997) por ocasião do golpe de Getúlio Vargas ocorrido neste mesmo ano, sendo substituído por Francisco Pergentino Mendes Guerreiro, que assumiu a prefeitura por alguns meses.

<sup>14</sup> Com a queda da ditadura (1937-1945), Sindulfo Chaves volta a ser prefeito por alguns meses.

- Pedro Alves Filho (1963-1965)
- Evaldo Holanda (1965-1967)
- Antônio Holanda (1973-1977)
- Evaldo Holanda (1977-1983)
- José de Oliveira Bandeira (1983-1988)

Dessa forma, Limoeiro chegou no período da segunda redemocratização do Brasil com uma política local dominada pelos grupos apoiados por Manoel de Castro Filho, representante dos interesses dos Oliveiras, família que teve como base para sua ascensão social o comércio da cera da carnaúba. Diferentemente dos Chaves, que utilizavam as ferramentas do próprio Estado, especificamente a burocracia cartorial, para manter seu poder de coerção e direção social, os Oliveiras construíram um poderio econômico que lhes concederam condições para exercer direção social.

É nítido o domínio do “grupo da economia” a partir de 1955. A vitória de José de Oliveira Bandeira em 1982 foi a última eleição com influência direta de Manuel de Castro, contudo, não significou o fim da influência desse Coronel na política limoeirense. Mesmo que de forma indireta, onde não existia mais a atuação de Manuel, Limoeiro contou com sua influência através de lideranças que ele havia iniciado na política local. Essas lideranças não só disputaram as eleições seguintes, como dominaram o executivo municipal.

O Limoeirense Lauro de Oliveira Lima (1997) chegou a afirmar que, “os dois caciques da política de Limoeiro, Manuel de Castro Filho, (herdeiro dos Oliveira) e Franklin, (representante dos Chaves), envelhecidos, emigram para Fortaleza, sem deixar herdeiros políticos, em Limoeiro.” (1997, p. 328). Entretanto, pelo menos no que se refere a Manuel de Castro, ele deixou representantes que ainda exercem comando na política limoeirense.

É importante destacar que representantes das famílias Chaves e Oliveira Lima, como Franklin Gondim Chaves e Manfredo de Oliveira Lima, não dominaram apenas a esfera política. Foram indivíduos que comandavam grupos de características dirigentes, ou seja, seu poder era exercido em várias camadas da sociedade. Os integrantes dessas famílias eram intelectuais, comerciantes, políticos e etc. Dessas lideranças surgiram

“autores como Maria das Dores Vidal e Lauro de Oliveira Lima, que ajudaram a construir a memória do município e das suas próprias famílias” (MACHADO, 2016, 32)

Inclusive, a citação referente a ascensão dos Oliveira na política limoeirense, através da vitória de Sabino Roberto sobre o candidato dos Chaves nas eleições de 1955, foi feita a partir do texto do próprio descendente dos Oliveira, o Professor Lauro de Oliveira Lima<sup>15</sup>.

É importante compreendermos que quando se trata da vida política de Limoeiro do Norte, estamos tratando de um conjunto de práticas e personagens envolvidos por diversas instâncias sociais. Política, imprensa e literatura por muitas vezes se misturam, sendo campos em que um mesmo sujeito foi profundamente atuante. Caso de Edilson Santiago (política e imprensa), Pedro Julião (política e imprensa), Antônio Pergentino Nunes (política e literatura), Irajá Pinheiro (política e literatura), dentre outros.

Considerando o percurso e a formação de cada grupo político mencionado, bem como as permanências e rupturas nas características desses grupos da política limoeirense, o objetivo desse trabalho foi analisar as eleições para prefeito do município de Limoeiro do Norte ocorridas no período do pós-redemocratização, havendo como delimitação temporal inicial o ano de 1988, por ter sido o ano em que ocorreu a primeira eleição após o início da chamada nova república, e como delimitação temporal final o ano de 2016, por entender que a vitória de José Maria de Oliveira Lucena e João Dilmar da Silva na eleição deste ano, respectivamente, para prefeito e vice-prefeito de Limoeiro do Norte, certificou a influência deixada e ainda presente do Coronel Manoel de Castro, bem como carimbou o que Maurilo Freitas<sup>16</sup> chamou de “ciclo dos amigos”<sup>17</sup>, uma vez que

---

<sup>15</sup> Lauro de Oliveira Lima nasceu em Limoeiro do Norte, interior do Estado do Ceará, no ano de 1921. "Formou-se em direito e filosofia, foi diretor do ensino secundário do MEC, trabalhou no Ministério da Educação no início da implantação dos planos nacionais de alfabetização, foi cassado pelo governo militar, pioneiro de um método pedagógico baseado na teoria da psicogênese de Piaget" (MUNIZ, 2007, p. 120).

<sup>16</sup> Maurilo Freitas narra em sua publicação intitulada “História Política de Limoeiro do Norte”, como ele mesmo descreve, acordos e conchavos da política limoeirense, desde as primeiras décadas do século XIX até o ano de 1990. Na publicação, o autor é bastante crítico em relação a elite política limoeirense, além de estabelecer, com uma certa frequência, relações com a política estadual. Disponível em: <[História Política de Limoeiro do Norte \(maurilofreitas.blogspot.com\)](http://maurilofreitas.blogspot.com)>. Acesso em: 27 jul. 2021.

<sup>17</sup> No ano de 1982, começava o que Maurilo Freitas chamou de “ciclo dos amigos”, que denominava todos os políticos limoeirenses que eram “crias” do Coronel Manoel de Castro. Os que compunham o “ciclo dos amigos”, a cada eleição, a cada campanha política, participavam de acordos estabelecidos entre seus próprios componentes, ora com um, ora com outro, como um verdadeiro jogo praticado que os mantinham no poder. Era e continua sendo comum entre eles disputarem como opositores em uma eleição e se unirem em outra.

dentre os integrantes desse ciclo, José Maria era o único sem cargo no executivo limoeirense.

Para tal, a pesquisa foi organizada em três capítulos, cada um com seus devidos objetivos específicos, buscando sempre um diálogo conjunto na construção do tema em questão.

O 1º capítulo tratou das mudanças ocorridas em Limoeiro do Norte após a instalação do bispado (1937) que influenciou na vida política do município. Para muitos, a instalação do bispado deu início a passagem do Limoeiro bucólico e essencialmente rural, para o Limoeiro moderno e civilizado. Com a influência dessa instalação, uma série de construções, chamadas por Machado (2008) de “arquiteturas do poder”, foram levantadas entre as décadas de 1940 e 1960 no centro de Limoeiro do Norte. Essas arquiteturas tornaram Limoeiro o centro de sua região, fato que atribuiu ao município a designação de “Princesa do Vale”, pela qual passou a ser chamado. Tanto a mencionada “passagem”, quanto a designação de “Princesa do Vale”, levam ao ideal de civilização, e são amplamente selecionadas e incorporadas pelos agentes da política limoeirense.

O 2º capítulo se deteve em analisar as três primeiras eleições para prefeito de Limoeiro do Norte ocorridas após o início da chamada Nova República, especificamente nos anos 1988, 1992 e 1996, focando nas mudanças e permanências que puderam ser observadas no município após as transições políticas ocorridas tanto em âmbito estadual quanto nacional. O capítulo ainda tratou da implementação dos projetos educacionais de características profissionais e tecnológicos desenvolvidos pela Secretaria da Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (SECITECE), que tiveram seus primeiros polos inaugurados em Limoeiro do Norte durante a gestão de José de Oliveira Bandeira (1997-2000).

O 3º capítulo buscou analisar as eleições ocorridas após o ano 2000, reunindo um total de cinco eleições, 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. Esse momento da história política de Limoeiro do Norte foi iniciado a partir da apertada vitória de Arivan Lucena como primeira mulher eleita prefeita do município. Essa eleição marcou o início da hegemonia política de três lideranças que ainda exercem poder sobre os processos eleitorais da cidade. Para a análise dessas eleições foram consideradas três questões: 1) as articulações das lideranças políticas em cada pleito eleitoral, no que diz respeito aos seus laços e rupturas; 2) o contato dessas lideranças com as relações tradicionais da política local e

estadual, bem como com as relações de modernização dos aspectos visuais e marketing político; 3) o discurso jornalístico, realizado pela *Folha do Vale*, único jornal em circulação durante o período estudado que teve como objeto de suas redações, exclusivamente, a microrregião do Baixo-Jaguaribe.

## CAPÍTULO I

### A “TRADIÇÃO SELETIVA”: LIMOEIRO DO NORTE ENTRE O BUCÓLICO E A MODERNIDADE

Para essa etapa da dissertação é necessário que levemos em consideração, antecipadamente, as categorias “tradicional” e “moderno”, ou “antigo” e “novo”. Pelo seu caráter dicotômico, essas categorias não seriam válidas no sentido amplo do termo, uma vez que todas as formas de cultura estão sempre envolvidas pelas contradições dos conflitos sociais entre dominadores e dominados, podendo ser encontrada nas identidades sociais dos sujeitos uma certa ambiguidade, ou seja, “[...] identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde” (THOMPSON, 1998, p. 20). Contudo, tais categorias são úteis e necessárias quando utilizadas como indicadores das situações residuais ou emergenciais dos sujeitos, objetos, práticas e/ou ideias, em cada conjuntura política e social abordada.

Culturas residuais e culturas emergenciais são conceitos utilizados neste trabalho a partir do sentido dado por Raymond Williams, significando respectivamente; práticas e experiências reais provenientes de alguma parte do passado; “[...] novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências [que] estão sendo continuamente criados” (2011, p. 56-57).

Assim, as características incorporadas como elementos de identificação do município de Limoeiro do Norte, são analisadas aqui respeitando as situações pelas quais cada uma delas faz sentido, enquanto formas inseparáveis das relações sociais formadoras de uma certa cultura que lhe confere valor.

A partir de obras literárias, dos jornais *Folha do Vale* e *Diário do Nordeste*, fotografias, além de entrevistas, comícios e reuniões partidárias filmadas e publicadas pela *Tv Jaguar*, percebemos que ocorre uma tentativa de ruptura que divide dicotomicamente Limoeiro do Norte a partir do marco *antes e depois da chegada do bispado* (1937). O que implica numa série de características que contextualizam, expressando cada lado através de práticas selecionadas.

Depois de ter conquistado a sede do bispado, a cidade passou por um processo de modernização, a partir do qual, tendo à frente seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos, foi sendo desenhada “novas arquiteturas do poder”: Maternidade (1942), Ginásio

Diocesano (1942), Comarca (1946), Patronato Santo Antônio dos pobres (1947), Tiro de Guerra (1947), Seminário (1947), Liceu de Artes e Ofícios (1953), Rádio Vale (1953), Rádio Educadora (1965), Ponte sobre o rio Jaguaribe (1965) e Faculdade de Educação (1968), bem como a chegada de equipamentos urbanos (MACHADO, 2008).

Com isso, foram construídas narrativas de ruptura com um mundo dito “isolado e colonial”, designando, para isso, a chegada do bispado como fator central. Assim fez Lauro de Oliveira Lima em seu livro *Na Ribeira do Rio das Onças*: “Limoeiro que era um pequeno mundo isolado, começava a acordar para o progresso”, “[...] despertava, neste momento, do sonho colonial e da dominação burocrática e cartorial. Chegava a civilização” (LIMA, 1997).

Vejamos que para o autor, o “sonho colonial” e a dominação burocrática e cartorial eram fatores de uma mesma realidade que impediam o despertar de Limoeiro para o progresso. É importante destacar que essa dominação burocrática foi exercida pelos Chaves através de seu poder cartorial, e que só foi superada na eleição de 1954 com a vitória de Sabino Roberto, candidato dos Oliveiras, principais comerciantes da cera da carnaúba em Limoeiro. Apesar disso, Lauro entendeu que a chegada do bispado (1937) iniciou o processo dessa superação.

A partir do efeito de “ruptura” causado pelo impacto das obras construídas através da influência do bispado, a figura do bispo Dom Aureliano Matos recebeu uma série de características a partir dos anos 1990, pelo menos no que diz respeito às narrativas escritas, identificando-o como: o “prefeito que veio do céu” ou “o “prefeito” que os céus elegeram para Limoeiro” (PINHEIRO, 1997); “o pastor do amanhã” (FREITAS; OLIVEIRA, 1997); “o verdadeiro grande administrador de Limoeiro” (LIMA, 1997); o “pastor de um grande rebanho” (NUNES, 1999); “de grande visão dotado” (ALENCAR, 2011); que “plantou a semente do desenvolvimento” em Limoeiro<sup>18</sup>; o “construtor das grandes obras, uma espécie de Super-Prefeito de Limoeiro do Norte”<sup>19</sup>; “nosso maior benfeitor”<sup>20</sup>.

O mesmo ocorreu com as estruturas construídas a partir da influência exercida pelo bispado. Podemos citar a Faculdade de Educação que leva o nome do primeiro bispo,

---

<sup>18</sup> Texto de Edílson Santiago de Oliveira, então Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Tecnologia. Publicado em: FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

<sup>19</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 08, jul. 1998.

<sup>20</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 104, set. 2005.

Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, a qual foi atribuída características como: “a árvore pelo senhor [D. Aureliano] plantada”, a “grande árvore universitária” (NUNES, 1999).

É importante perceber que mesmo com a tentativa de criar uma imagem de ruptura após a chegada do bispado, podemos ver características residuais na própria forma de apontar o “moderno”, como faz Pergentino Nunes ao tratar da FAFIDAM por analogia a uma árvore que D. Aureliano plantou. Ora, se o município de Limoeiro do Norte anterior a chegada do bispo é visto como essencialmente rural, percebemos que a paisagem ruralista não foi retirada do dialeto, ou do modo de pensar do limoeirense.

Tanto o Limoeiro anterior quanto o Limoeiro pós-chegada do bispado, sendo o primeiro caracterizado como bucólico, essencialmente rural, isolado e colonial, e o segundo como moderno e civilizado, apresentam formas sociais de identificação. Essas formas passaram a ser selecionadas e incorporadas pelos personagens da política limoeirense.

Sendo assim, torna-se importante a compreensão da relação entre a forma e o conteúdo nos estudos históricos. Segundo Antonio Gramsci, a distinção entre forças materiais e formas simbólicas é algo puramente didático, uma vez que uma não seria historicamente concebível sem a outra. Entendo assim que as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens, através de diversas formas, e por isso, os elementos de distinção e coesão interna de um grupo, estariam no devir de suas relações sociais (GRAMSCI, 1999, p. 238-245). Segundo Pierre Bourdieu,

Com Durkheim, as formas de classificação deixam de ser formas universais (transcendentais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em *formas sociais*, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas (BOURDIEU, 2001, p. 06).

Assim, é nas transformações das relações sociais, que o significado de muitas das formas culturalmente construídas e difundidas pelo senso comum dos participantes de um determinado grupo acabam se modificando e perdendo seu valor. Por isso, é preciso entender que, para que tenham sido esquecidos (os sinais aparentes de uma cultura), foram

necessárias mudanças culturais proporcionadas por novas relações sociais, fazendo com que as antigas formas simbólicas não façam mais sentido.

Essas formas simbólicas seriam, corroborando com Erwin Panofsky (2001), fenomenais, pois estariam no devir das relações sociais<sup>21</sup> que, por sua vez, é o que faz uma determinada cultura ser o que ela é. Se as relações sociais mudam, a cultura muda, assim como suas formas.

Desse modo, a cada período, geração ou ciclo de uma sociedade surgem enredos que equivalem a uma nova “página” das “lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer [...]” a identidade de uma determinada nação, região ou município em relação as nações, regiões ou municípios circunvizinhos, e, sobretudo, a um passado indesejado (circunstantialmente pelo presente) deles mesmos, através de seus devidos sinais aparentes, chamados por Pierre Bourdieu (2001) de “representações objectais” (emblemas, bandeiras, cores, etc.).

A partir destas questões, o presente capítulo analisa o discurso construído em torno dessa passagem entre o Limoeiro bucólico e o Limoeiro moderno e civilizado, tendo como objetivo principal entender como essa passagem foi vivida e significada pelos limoeirenses, dentre eles, os personagens políticos atuantes no município durante o período aqui estudado, 1988 a 2016, tornando-se parte da mentalidade coletiva, influenciando discursos e práticas desses indivíduos. Esse capítulo também trata da designação de “Princesa do Vale” amplamente selecionada e incorporada como sinônimo de progresso.

## **1.1. UM PASSEIO NA HISTÓRIA DA ILHA LIMOEIRO: DE UM MUNDO ISOLADO À CIVILIZAÇÃO**

Por entre o carnaubal

Uma mata ciliar

Bem no baixo-Jaguaribe

---

<sup>21</sup> Essas relações sociais são equivalentes ao que o autor entende pelas qualidades que determinam a forma sob a qual os acontecimentos visíveis se manifestam. O significado apreendido dessas qualidades é o que o mesmo chamou por iconologia, contrário de iconografia que é, portanto, a descrição e a classificação desses acontecimentos visíveis. (PANOFSKY, 2001, p. 49-53)

Limoeiro veio brotar  
Nesta ilha deslumbrante  
Musa de poeta e amante  
É deusa do meu cantar.  
[...]

Banabuiú Jaguaribe  
Que abraçam esta cidade  
Em épocas mais chuvosas  
Davam medo e ansiedade  
As casas sendo tomadas  
Pelas águas desvairadas  
Trazendo calamidades.”

(ALENCAR, 2011, p. 84-87)

O trecho da poesia de Vânia Freitas de Alencar (2011, p. 84-87) destacado acima apresentou a cidade de Limoeiro do Norte a partir de suas características geográficas, com ênfase nos dois principais rios que abraçam a cidade, os rios Jaguaribe e Banabuiú. Segundo Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 65), nesses rios correm boa parte das águas do Ceará, uma vez que as águas da rede potâmica dos sertões de Inhamuns correm pelo Jaguaribe e as águas dos tabuleiros de Quixadá e de Quixeramobim descem pelo Banabuiú.

Para além do Jaguaribe e do Banabuiú, a cidade ainda é banhada por mais dois rios, Riacho Seco e Quixeré. Este último cumpre um papel importante, sendo um braço do rio Jaguaribe que se dividiu na altura da localidade de Moita Verde, volta a se encontrar no território do município de Russas, fechando assim um círculo que abraça por completo o centro de Limoeiro do Norte, fato que serviu de ancoradouro para os termos “Ilha Fecunda”, “Terra de Parapuã”<sup>22</sup> ou “Ilha-Pátria” que passaram a designar a cidade de Limoeiro do Norte (LIMA, 1997).

Sendo o centro de Limoeiro uma ilha, seus habitantes habituavam-se a certos costumes e sentimentos advindos das necessidades que tal característica geográfica lhes

---

<sup>22</sup> Segundo José Wellington de Oliveira Machado (2010, p. 40), “Parapuã” é uma palavra da língua dos índios Paiacu, e significa “terra entre rios”.

proporcionavam, como a utilização do pontão<sup>23</sup> e das canoas como meios para chegar as cidades circunvizinhas, bem como o medo e a ansiedade em períodos mais chuvosos, pela possibilidade de cheias.

O destino de Limoeiro esteve sempre ligado à saga dos dois rios que se encontram em seu território. Pode-se-ia dizer que, no fundo, no fundo, Limoeiro é um florido “pontão”... ancorado no Baixo-Jaguaribe, entre o pé da chapada do Apodi e as caatingas de Jatobá... (LIMA, 1997, p. 529)

Para muitos, esse destino começa a mudar quando no ano de 1965 foi inaugurada a ponte Senador Fernandes Távora sobre o rio Jaguaribe, obra realizada durante a administração do professor e então prefeito Pedro Alves Filho pela construtora Odebrecht na localidade de Bom Jesus. A cerimônia de inauguração contou com a presença do então Presidente da República Humberto de Alencar Castelo Branco, bem como com a transmissão realizada pela Rádio Vale do Jaguaribe (NUNES, 1999).

Rufino Maia e Silva, através de uma poesia citada no livro *Limoeiro em Fotos e Fatos* de Maria das Dores Vidal Freitas e Maria Lenira de Oliveira, apresentou a ponte Senador Fernandes Távora como aquela “que ligou Limoeiro ao mundo”, entendendo que “A ponte em Limoeiro é a vitória/ Do fruto sazonado do civismo” (1997, p. 231).

Semelhante a Rufino pensou Maria Freitas e Maria Oliveira, para ambas a construção libertou “o “ir e vir” da Ilha/Limoeiro, até então acorrentada ao Pontão de Celso Malveira, de Manoel Guerreiro e às canoas, quando chegava o inverno” (1997, p. 231). Bem como pensou Lúcia Silva, “libertava-se assim a Ilha Limoeiro das amarras do pontão e das canoas” (1998, p. 79). E o professor Pergentino Nunes, a ponte “dando acesso à cidade de Limoeiro, é considerada a obra do século para aquela cidade” (1999, p. 294).

Se por um lado, a ponte Senador Fernandes Távora serviu para libertar o Limoeiro das amarras do pontão e das canoas, ligando Limoeiro ao mundo, significando uma vitória “do fruto sazonado do civismo”, essa mesma construção acabava de criar, no campo da

---

<sup>23</sup> O pontão era um transporte, construído totalmente de madeira, que era utilizado para transportar caminhão, carroça, dentre outros transportes, de uma margem para a outra do rio (PINHEIRO, 1997). Além do pontão, as canoas também tinham sua importância transportando pessoas e mercadorias.

memória, o “Limoeiro de outrora, bem mais provincial, bem mais bucólico e bem mais poético”, que Irajá Pinheiro pretendeu mostrar em seu livro “O Menino da Ilha” (1997).

Não só o escritor, farmacêutico, ex-vereador e ex-presidente da Câmara de Limoeiro do Norte Irajá Pinheiro, como professores, padres, políticos, dentre outros, passaram, sobretudo na década de 1990, a contar histórias de um passado recente como se tivesse realmente ocorrido uma espécie de redenção de toda uma vida essencialmente rural e dependente das alterações dos rios, pelos quais passaram os moradores de Limoeiro.

Contudo, apesar dos discursos levantados, Limoeiro continuou a sofrer com as alterações naturais de seus rios, atravessando periodicamente cheias e secas. Essa “redenção” só veio quase meio século depois, com a construção do maior reservatório de água doce do Estado do Ceará, o açude Castanhão, finalizado no ano de 2002 e localizado no município de Jaguaribara.

É importante entender que essa redenção não representava apenas uma superação dos efeitos naturais causados pelas alterações dos rios, representava ou intencionava representar uma “virada de página” da vida rural, abrangendo uma série de costumes, modos de pensar, objetos, paisagens, etc.

Essa “virada de página” em Limoeiro do Norte passou a ser representada pela instalação do bispado (1937) no município, e conseqüentemente pela atuação do seu primeiro bispo, Dom Aureliano Matos. Essa representação do bispado será especificamente tratada no próximo tópico deste capítulo, contudo, de imediato devemos tomar consciência dessa representação uma vez que, juntamente com o discurso de redenção da vida rural, essa geração de memorialistas apontou e descreveu os elementos e heróis do “novo mundo” do civismo. Para Wellington Machado,

O marco dessa geração é, sem dúvida, o centenário de Limoeiro do Norte (1997). Foi nesta (ou por causa desta) ocasião que os memorialistas criaram uma série de dizeres através de livros, vídeos, gincanas, hinos e bandeiras. As Escolas da cidade, por exemplo, realizaram atividades festivas e a prefeitura criou um cronograma com atividades que iniciaram nos primeiros meses daquele ano. As preparações não começaram em agosto de 1997, elas surgiram muito antes, basta lembrar que existia um mutirão da memória desde o final da década de 1980. A maioria dos livros que foram lançados no final dos anos noventa começaram a ser produzidos anteriormente (MACHADO, 2016, p. 67).

O centenário municipal de Limoeiro do Norte ocorrido no ano de 1997, durante a gestão do então prefeito José de Oliveira Bandeira, que comemorou os cem anos de emancipação da cidade, foi um evento em potencial onde era possível observar tanto os elementos considerados de outrora, bucólicos, ou mesmo tradicionais da história da cidade, como os elementos do “novo mundo”, da modernidade, da civilização.

Dentre as formas de atuação desses memorialistas citadas acima por Machado (2016), sem dúvidas a que proporcionou maior riqueza de detalhes sobre os dois mundos, o de outrora e o civilizado, foram as obras literárias lançadas na década de 1990. Dentre elas podemos citar *Na Ribeira do Rio das Onças* (1997), *Limoeiro em Fotos e Fatos* (1997), *O Menino da Ilha* (1997), *Álbum do Jaguaribe* (1998), *O Limoeiro de Dom Aureliano Matos* (1998) e *Minha Vida... Minha Luta...* (1999). Depois disso outras obras foram escritas e hoje também somam no levante que detalham bem essa passagem, caso de *Minhas Madrugadas* (2008), *Minhas Lembranças* (2008) e *Com o Pé em Limoeiro* (2011).

Adentrando o conteúdo dessas obras, no que diz respeito ao Limoeiro de outrora, foi construída uma série de narrativas que apontam os personagens e objetos pertencentes. O seguinte relato sobre um passeio de um ciclista pela paisagem rural de Limoeiro é uma dessas narrativas:

Nada mais agradável ao Jaguaribano do que desfrutar as delícias de um passeio de bicicleta nas nossas várzeas. [...]. Nas várzeas, os caminhos são estreitos, o terreno seco, mostrando a cor escura do barro, enegrecido pelo excesso de argila, traz na sua superfície plana as veredas por onde circulam as bicicletas do Limoeiro rural. São trilhas sinuosas, traçadas, naturalmente, entre as florestas de carnaubeiras, por onde velozmente o ciclista pedala sua bicicleta. Nas noites de luar, guidom solto, camisa aberta, o ciclista singra aquele chão de massapé, voando nas asas da imaginação, fazendo acrobacias por entre os troncos de carnaúba, como se fosse um pássaro noturno (PINHEIRO, 1997, p. 67).

O ciclista pedala nas trilhas sinuosas traçadas entre as carnaubeiras, no chão de massapé. Tanto as carnaúbas quanto o chão de massapé são elementos muito presentes na passagem rural limoeirense. Em relação ao chão de massapé, diz respeito ao solo de Limoeiro que era constituído por

várzeas de um barro preto chamado massapê que, no verão, toma o aspecto de duro asfalto que desmancha, pelo uso, em fino pó que vento levanta, em forma de redemoinho. Sem ondulações, na superfície, transforma-se em ciclovias ideais (LIMA, 1997, p. 504).

Em relação às carnaúbas, Limoeiro é uma ilha repleta de carnaubeiras, que, como já foi relatado, serviu de matéria-prima, através do pó de sua folha, para o enriquecimento de um grupo de comerciantes liderados pelos Oliveiras, que a partir de 1954 dominaram o cenário político e social da cidade de Limoeiro do Norte.

A agricultura e a pecuária na região do Baixo-Jaguaribe nunca foram atividades para o enriquecimento, eram exercidas com caracteres de subsistência, sendo assim, a atividade que acabou se desenvolvendo na região para fins lucrativos foi o comércio, tendo como principais produtos, a cera da carnaúba, o algodão e o caroço de oiticica, como bem relatou o ex-vereador Jared de Santiago Lima.

A agricultura sempre foi uma atividade pouco lucrativa no Ceará. Em 1941, eu pedi a papai “um pedaço de chão” para plantar algodão. Plantei em janeiro, colhi em julho e vi que com este lucro não dava para casar. Aos 25 anos já me sentia rapaz velho para casar. Foi então que quebrei o cabo da enxada, joguei os pedaços no mato e resolvi que não trabalharia mais na agricultura, mudaria de atividade e não viveria da agricultura.

Passei a comprar cera de carnaúba para meu primo João de Deus, filho de uma irmã de meu pai, que morava perto de nossa casa.

Quando passei a morar em Limoeiro eu e meu sogro, Sabino Roberto, abrimos um comércio no prédio dos Rodrigues para compra de cera de carnaúba, caroço de oiticica, algodão e peles; José Frutuoso tomava conta do comércio (LIMA, 2008, 22-23).

Jared Lima<sup>24</sup> nasceu na cidade de Russas, assim como seu sogro Sabino Roberto, que foi o primeiro prefeito de Limoeiro do Norte eleito a partir da influência dos Oliveiras no ano de 1954. Tanto Jared quanto Sabino participaram do comércio da cera de carnaúba, e como foi relatado, os Oliveiras eram os líderes daqueles que comercializavam esse produto. Contudo, essa influência dos Oliveiras não serviu apenas para o enriquecimento

---

<sup>24</sup> Durante seu mandato como vereador (1955-1959) teve forte influência na construção da coluna da hora. Jared de Santiago Lima foi eleito vereador para o mesmo quadriênio do mandato de seu sogro Sabino Roberto como prefeito de Limoeiro do Norte.

do grupo, servindo de base para o sucesso na disputa dos cargos políticos, bem como ampliando seu poder sob todo o comércio limoeirense. Segundo Jared Lima (2008, p. 24), quando passou a morar no município de Limoeiro do Norte, já casado, no ano de 1942, existiam os seguintes comércios:

- Casa Chaves de Franklin Chaves que vendia tecidos e comprava e vendia cera de carnaúba.
- Herbas Cavalcante Pinheiro que vendia tecido.
- Chiquinho Holanda também vendia tecido.
- Gerardo e Raimundo de Castro negociavam no mercado e depois foram para um prédio próprio; eles tinham mercearia.
- Dr. João Eduardo Neto tinha a melhor farmácia.
- José Peixoto e Clodoveu Peixoto tinham mercearia na esquina do mercado.
- Oliveira & Irmão (Mário e Manfredo Oliveira) negociavam em prédio próprio eram os representantes dos Bancos: do Brasil e de Importados, compravam cera de carnaúba, algodão e tinham uma farmácia.
- Pompílio era músico e tinha uma farmácia.
- Adolfo Casemiro representava as Lojas Singer.

Dois destaques nessa lista, primeiro para a Casa Chaves que era gerenciada pela família Chaves, dona do único cartório existente até então no município e que dominou por mais de oitenta anos (1873-1955) o executivo de Limoeiro do Norte. O segundo destaque é para o comércio Oliveira & Irmão gerenciado pela família Oliveira. Jared Lima (2008, p. 24) relatou que o estabelecimento dos Oliveira “era quem dominava a praça; enquanto ele não abria os comércios os demais ficavam fechados”.

Importante destacar que as carnaubeiras margeiam grande parte do curso do rio Jaguaribe, “sobretudo, a partir de Icó, intensificando-se à medida que se aproxima da foz (Aracati)”. Ou seja, a microrregião do Baixo Jaguaribe, na qual Limoeiro está inserida, é de fato privilegiada quando o assunto é carnaubeira. Apesar de não ser uma planta exclusiva dessa região, pois no pantanal de Mato Grosso também existe florestas ciliares dela, verificou-se uma diferença das carnaubeiras encontradas na região jaguaribana e em outras várzeas nordestinas: são as únicas que produzem cera, “cuja origem provém do clima seco do Nordeste” (LIMA, 1997, p. 82-87).

Isso explica o sucesso dessas lideranças limoeirenses no comércio da cera da carnaúba, e discursos como o do pedagogo Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 82)

afirmando que essa árvore se tornou, em grande parte, “a prosperidade do velho povoado (Limoeiro) isolado da civilização desde a época colonial”.

Para além das carnaúbas e o chão de massapê, outro elemento bastante lembrado nessas narrativas é o ficus benjamim: árvores que “ofereciam refrescante sombreamentos as pessoas, animais e veículos” do município de Limoeiro do Norte, até que, em 1958, o vice-prefeito Antônio Pergentino Nunes<sup>25</sup> determinou que derrubassem os ficus benjamim para extinguir a peste de besouros chamados “lacerdinhas”<sup>26</sup> (NUNES, 1999).

Pergentino conta que manteve contato com o farmacêutico Irajá pinheiro, “cuja farmácia fica próxima à duas grandes árvores de ficus benjamim” (NUNES, 1999). Irajá, “O Menino da Ilha”, evoca com certa frequência o ficus benjamim em suas escrituras, bem como faz Antônio Pergentino, que participou diretamente de sua derrubada. O ficus benjamim parece ter feito parte da vida desses autores como elemento de seu cotidiano, e posteriormente, através da memória, como elemento residual de uma cultura.

As bicicletas também aparecem nessas narrativas autobiográficas como elementos residuais. Contudo, a partir de uma ótica particular do movimento de uma cidade interiorana, as bicicletas também significaram adventos da modernidade, uma vez que sem elas os limoeirenses vinham dos arredores para a feira, aos sábados, e para a missa, aos domingos, bem como nos dias de festa e de casamento, a pé ou a cavalo. A cidade ficava repleta de cavalos que eram amarrados à sombra dos tamarineiros existentes. Aos poucos esses animais foram sendo substituídos pelas bicicletas, que começava a propagar-se, “na cidade e nas redondezas, acumulando-se, aos domingos, no patamar da Igreja” (LIMA, 1997).

A bicicleta entrou na vida do limoeirense para ficar, é o xodó do limoeirense, seja velho, menino ou menina, todos escolhiam a bicicleta. Numa casa com cinco pessoas, cada uma tinha sua bicicleta, antigamente, os padres, os professores, todos usavam a bicicleta como transporte. (PINNHEIRO, 1997, p. 136)

---

<sup>25</sup> Na ocasião o prefeito Sabino Roberto de Freitas estava viajando.

<sup>26</sup> Uma espécie de besouro que caía nos olhos das pessoas causando forte irritação. A designação de “lacerdinha” era por analogia a atuação do jornalista e político Carlos Lacerda, que incomodava muita gente (PINHEIRO, 1997, p. 107).

Como bem entendeu Irajá, a bicicleta entrou na vida do limoeirense para ficar, entretanto, para isso, ultrapassou seu uso funcional, sendo apreendida como objeto de memória. As bicicletas que circulavam entre as carnaubeiras nas várzeas de chão endurecido conhecido por massapé, e eram estacionadas na sombra do ficus benjamim, passaram também a circular nas memórias dos limoeirenses, seja através das comemorações (centenário da cidade), dos escritos (poesias, crônicas e autobiografias), ou mesmo como monumentos.

No que diz respeito ao uso das bicicletas como monumentos, no dia 09 de setembro de 2013, o jornal *Diário do Nordeste* noticiou que a prefeitura de Limoeiro do Norte, tendo como chefe do executivo o senhor Paulo Duarte<sup>27</sup>, criou um projeto chamado “Pedala Limoeiro” que se utilizou de bicicletas, antes sucatas que já não mais circulavam, para criar esculturas que receberam um “colorido diferente” e foram expostas nas praças, nos canteiros, em prédios públicos, dentre outros lugares da cidade.

**Figura 2 – Exposição do projeto “Pedala Limoeiro”.**



---

<sup>27</sup> Paulo Carlos Silva Duarte nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 05 de fevereiro de 1955. Servidor público civil aposentado. Assumiu o cargo de Deputado Estadual em seis oportunidades, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2018, muitas vezes como suplente. Disputou quatro eleições para prefeito de Limoeiro do Norte, 2000, 2008, 2012 e 2016, contudo, saiu vitorioso apenas nas eleições de 2012.

Fonte: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/valedojaguaribe/sem-categoria/exposicao-destaca-pratica-ciclistica/>: Acesso em: 03 jul. 2019.

**Figura 3 – Escultura a partir de bicicletas.**



Fonte: <http://blogdebanabuiu.blogspot.com/2013/12/atrativos-limoeiro-do-norte-integra-o.html>: Acesso em: 03 jul. 2019.

Ainda segundo o jornal *Diário do Nordeste*, as esculturas foram expostas “para sinalizar que ali ainda se preserva a história da “terra das bicicletas””. Fato que a bicicleta é amplamente citada nos escritos dos intelectuais limoieirenses que foram mencionados ao longo desse trabalho, reforçando a designação colocada pelo jornal. Assim fez Lauro de Oliveira Lima (1997) - “pode-se dizer que Limoeiro é a “cidade das bicicletas””; e Maria Florinda de França (2008) - Limoeiro do Norte “é chamado Capital da Cultura, é pioneiro em Educação, é fã do esporte, é o número um em forró! Bate o recorde! Mas sua grande característica é ‘Terra das bicicletas’”.

Seguindo esse pensamento, mesmo que no passado as bicicletas tenham caracterizado uma imagem de caráter emergencial, ou seja, carregando novos valores, e significando novas práticas de locomoção, estas são posteriormente selecionadas e incorporadas enquanto elementos residuais de uma cultura alternativa, isto é, uma cultura não hegemônica, assumindo uma nova característica, a de tradição. Tal processo é chamado por Raymond Williams de “Tradição Seletiva”, ou seja, “[...] o que, nos termos

de uma cultura dominante efetiva, é sempre assumido como ‘a tradição’, ‘o passado significativo’. Mas sempre o ponto-chave é a seleção” (2011, p. 54).

Para além das bicicletas, outro elemento foi selecionado e incorporado pelos memorialistas limoeirenses, como parte dos elementos tradicionalmente identificados com o município de Limoeiro do Norte, esse elemento foi o catavento. Segundo Irajá Pinheiro (1997, p. 71), o primeiro catavento de Limoeiro do Norte foi adquirido e instalado pelo advogado José Osterne Ferreira Maia<sup>28</sup> em 1909. Comprado em Recife-PE, era americano e totalmente de ferro.

Relatou Jared Lima (2009, p. 20) que os cataventos de ferro eram bem altos, chegando a dez metros. Inclusive, no sítio de sua família, localizado na comunidade Marquinhos de Limoeiro do Norte, haviam dois cataventos de ferro, sendo um deles do ex-prefeito Sabino Roberto. Diante disso, imaginamos que de início os cataventos de ferro eram excludentes, uma vez que eram importados dos Estados Unidos e os poucos donos relatados nos escritos memorialísticos pertenciam a elite limoeirense. Na medida em que surgiram os cataventos de madeira, seu uso foi se popularizando na região.

Construídos com madeira da região, tinham a carnaubeira como suporte principal. Dessa forma, os donos de sítios possuíam muitos cataventos. Havia proprietários que possuíam 10 cataventos. As épocas mais atuantes dos cataventos foram as décadas de 50 e 60 (PINHEIRO, 1997, p. 93).

Segundo Irajá Pinheiro (1997), os cataventos de madeira não eram padrões, fator que, para além do uso da carnaubeira em sua confecção, poderia determinar uma maior identificação com o jaguaribano, uma vez que sugere uma produção artesanal. Apesar de não seguir um padrão, Jared Lima (2008) afirma que os cataventos de madeira eram bem menores do que os de ferro, “não passavam de quatro metros”.

---

<sup>28</sup> José Osterne Ferreira Maia nasceu em 29 de junho de 1875. Foi um advogado provisionado. Teria trazido espécies vegetais ainda inexistentes na região jaguaribana, como o Ficus Benjamim. Trouxe, também para essa região, o primeiro cata-vento de ferro, e teria perfurado o primeiro poço profundo do Vale do Jaguaribe. Foi um dos fundadores e primeiro presidente do Pão de Santo Antônio, no município de Limoeiro do Norte. A principal praça de Limoeiro, a “praça da matriz”, carrega seu nome: Praça José Osterne. E o casarão onde ele morou, hoje se situa a Academia Limoeirense de Letras – ALL. Osterne faleceu aos 52 anos. Disponível em: <[Em memória de José Osterne - Região - Diário do Nordeste \(verdesmares.com.br\)](http://verdesmares.com.br)> Acesso em: 28 de jul. 2021.

Para Irajá Pinheiro (1997), os cataventos de madeira não tinham a mesma performance dos cataventos americanos, mas se tornaram indispensáveis nas várzeas jaguaribanas, se destacando na irrigação de laranjeiras e bananeiras. O autor chegou a afirmar que “a economia do baixo Jaguaribe teve seu suporte baseado nos antigos cataventos de madeira”, contudo, acredito que tal afirmação seja um exagero, pois, apesar dessa cultura irrigada pelos cataventos tenha realmente se popularizado, fazendo parte da economia do Vale do Jaguaribe no segundo e terceiro quartéis do século XX, a agricultura da região nunca teve a força de seu comércio.

Conforme lembrou Jared Lima (2009, p. 20-21), em cada sítio de laranja e de banana, havia um cata-vento para tirar água de uma cacimba. A maioria era rasa e não passava de seis metros de profundidade. Isso ocorria dado as características geográficas de Limoeiro, sendo uma Ilha banhada por quatro rios, sua água subterrânea ficava se mpre a poucos metros da superfície. O autor conta que já na primeira década do século XXI, os cataventos foram sendo substituídos por motores porque as águas já estavam muito profundas em quase todos os locais do município.

Contudo, não lembrou Jared, mas antes disso, no ano de 1960, ocorreu o arrombamento do açude Orós ou açude Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, maior do Estado do Ceará até a construção do açude Castanhão em 2002, fato que ocasionou fortes consequências para a agricultura do Vale do Jaguaribe.

Mas, que houve com os cataventos de Limoeiro (algo parecido com a paisagem formada pelos moinhos holandeses)? A inundação de Orós destruiu todos os cataventos, destruindo a produção de frutas do vale. Ninguém teve mais coragem, de reconstruir o processo tradicional de irrigação artesanal. Logo viria a energia de Paulo Afonso acenando com a irrigação com moto-bombas “tecnologia dura” e de alto preço. (LIMA, 1997, 79-81)

Diante desses acontecimentos, para Lauro de Oliveira Lima (1997, p. 480), “Limoeiro nunca mais voltou a ser o imenso pomar regado pelos cataventos que emergiam, às centenas, por entre as copas das carnaubeiras”. Mas do que acabar com os cataventos, ele entendeu que “as águas destruíram o bucolismo da antiga paisagem”. Importante perceber essa aproximação do pedagogo Lauro com os memorialistas limoeirenses no que diz respeito essa separação entre os Limoeiros, bucólico e

moderno/civilizado, tanto através das carnaubeiras pelo comércio de sua cera, quanto pela derrubada dos cataventos e antigos casarões coloniais por ocasião da força das águas do Orós.

Posto isto, de fato os cataventos foram desaparecendo das atividades do campo, para as quais foram projetados, e passaram a se tornar cada vez mais presentes nas histórias contadas pelos limoeirenses como elementos enraizados em sua paisagem e cultura. Essa presença foi tanta que já no ano de 1987, o escritor Luciano Maia em seu livro *Nau Capitânia* já assemelhava Limoeiro do Norte como a “pátria dos cataventos” (2000)<sup>29</sup>. O mesmo ocorreu no ano do centenário, quando Francisco Irajá Pinheiro defendeu que “o principal símbolo da bandeira Limoeirense deveria ser o velho catavento” (1997, p. 71).

Apesar da seleção e incorporação das bicicletas, carnaubeiras, chão de massapé, ficus benjamim e cataventos como parte do Limoeiro bucólico, seus espaços de uso orgânico<sup>30</sup> continuaram a existir no município, com exceção dos ficus benjamim que foram derrubados e dos cataventos, que apesar de poder ser encontrado muito raramente em algumas propriedades, praticamente perdeu sua utilidade pela escassez de água próxima à superfície. Dito isto, as funcionalidades de elementos como as bicicletas e carnaubeiras em Limoeiro do Norte são múltiplas e não excludentes, podendo funcionar tanto através dos espaços orgânicos de atuação, quanto nos espaços de memória.

Independentemente se ainda exercem ou não uma função orgânica, fato é que esses elementos fizeram parte das relações sociais desenvolvidas no cotidiano limoeirense, em uma época que seu uso prático era necessário. Quando ocorre uma ressignificação desses elementos, sendo selecionados e incorporados neste mesmo espaço para exercer uma nova função, através de novas relações, diferente da orgânica, podendo até mesmo desenvolver um uso de cunho estritamente ritual ou simbólico, caracteriza o que Hobsbawm chamou de tradição inventada:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais

---

<sup>29</sup> O livro foi publicado pela primeira vez no ano de 1987, contudo, utilizamos a versão publicada no ano 2000.

<sup>30</sup> Colaborando com o sentido dado pelo italiano Gramsci (2001, p. 34), utilizo-me do conceito orgânico para tratar da relação entre um determinado elemento e seu campo de atuação, desde que seja assimilada sua necessária interação em atividades práticas essenciais desse mesmo espaço social.

práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1997, p. 09).

Dessa forma, através da continuidade exercida repetidamente de um passado histórico apropriado, foram criadas as designações de “terra das bicicletas”, “cidade das bicicletas” e/ou “pátria dos cataventos”, forjando um uso de natureza simbólica desses elementos.

Sendo a tradição um conjunto de práticas, compreendo que são seleções e incorporações praticadas, repetidamente, que tanto constrói as tradições, como às mantém viva. Ou seja, no processo que é uma tradição, para a insistência de sua existência, ocorre sempre uma relação contínua: seleção/incorporação - invenção - seleção/incorporação.

Voltando ao evento do centenário de Limoeiro do Norte, na capa da 4ª edição do jornal *Folha do Vale*, publicada no mês de agosto do ano 1997, foi inserida uma imagem simbolizando o centenário que seria comemorado no dia 30 desse mês, com o seguinte título: “Limoeiro: Ano 100 – Um passeio na História!”. Nesta imagem, alguns elementos aparecem como espécie de catálogo daquilo que se ver em um passeio pelo centro do município.

**Figura 4 – “Limoeiro: Ano 100 – Um passeio na História”.**



Fonte: FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

Na imagem destaca-se, o ciclista que pedala a frente da primeira letra “O” do nome “Limoeiro”. Outros três patrimônios, respectivamente, a igreja matriz, a câmara municipal e o palácio episcopal, foram incluídos na arte através de fotografias logo abaixo do nome da cidade e da frase “Um passeio na História”.

A imagem consiste na logomarca do centenário de Limoeiro do Norte, que foi escolhida através de um edital lançado pela prefeitura no dia 17 de fevereiro de 1997<sup>31</sup>. A logomarca selecionada serviu para caracterizar alguns materiais produzidos por ocasião do centenário, dentre eles a redação redigida pelo jornal *Folha do Vale* em sua 4ª edição, comemorando os cem anos de Limoeiro do Norte.

A escolha da logomarca chama atenção para a dimensão política e religiosa do município através das fotografias evidenciando os respectivos logradouros: câmara dos vereadores, igreja matriz e palácio episcopal. Como foi citado na introdução desse trabalho através do texto do Padre Francisco de Assis Pitombeira, a igreja era fator essencial para as pretensões políticas de um município, uma vez que de regra o Concelho Geral da Província só elevava à Vila o povoado que tivesse uma matriz.

---

<sup>31</sup> Arquivo da biblioteca municipal Dr. João Eduardo Neto de Limoeiro do Norte.

Sendo assim, é comum o centro das cidades se desenvolverem entorno de suas respectivas igrejas. Para além da relação entre o município e sua igreja matriz, a logomarca é ainda mais emblemática para Limoeiro do Norte pelo elemento contido na terceira fotografia, o palácio episcopal, uma vez que os memorialistas, políticos, padres, dentre outros, defendem uma relação substancial entre a chegada do bispado e o desenvolvimento da cidade, marcando assim a passagem do Limoeiro de outrora, bucólico e essencialmente rural, para o Limoeiro moderno e civilizado.

Para além da capa, nesta mesma edição, é possível encontrar um desenho de um bolo criado em comemoração aos 100 anos de Limoeiro do Norte, constando nele a logomarca do centenário como decoração. Para além da logomarca, foi desenhado a silhueta de um ciclista com sua bicicleta estacionada, aparentemente bebendo água após “um passeio na história” limoeirense.

O centenário, enquanto evento integrante do calendário oficial do município, trouxe a bicicleta em sua programação. Em sua comemoração foram desenvolvidas várias atividades entre os dias 03 e 30 de agosto de 1997. Sendo assim, especificamente no dia 17 de agosto ocorreu o “Rally centenário de Ciclismo”, que teve início às 8:00 horas com o seguinte percurso:

largada do Centro da Cidade (estátua D. Aureliano), percorrendo toda a avenida Dom Aureliano em direção à Cidade Alta, contornando a praça dessa localidade, retornando pelo mesmo percurso até o balão, onde se encontra o monumento Rotary; a partir daí, seguindo pela rua Cel. Antônio Joaquim, até a chegada em frente à CATEDRAL.<sup>32</sup>

A descrita rota: centro da cidade – Cidade Alta – centro da cidade, não foi por acaso. O fato de largar da estátua de D. Aureliano e acabar em frente à Catedral do município evidencia um discurso específico, religioso e desenvolvimentista, e uma tentativa de legitimar um passado específico, o período de atuação do 1º bispo na diocese limoeirense.

É importante observar o teor cultural na programação oficial do centenário, o que pode evidenciar a imagem que a administração municipal queria mediar, ou construir, em

---

<sup>32</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

relação à cidade de Limoeiro do Norte. Se durante a década de 1990 os memorialistas selecionaram e apresentaram os elementos que consideravam de outrora, e que representavam o Limoeiro bucólico e essencialmente rural, durante toda a comemoração do centenário alguns elementos foram selecionados, incorporados e potencializados como identificadores da imagem modernizada e civilizada que o município teria alcançado. Posto isto, o próximo tópico trata desse segundo conjunto de elementos.

## 1.2. A “PRINCESA DO VALE” E SEU PODER SIMBÓLICO

Todo lugar, toda cidade, se caracteriza e/ou se identifica por alguma coisa que chama a atenção dos seus habitantes, transeuntes, visitantes, turistas etc. O nosso Limoeiro, chamado “Princesa do Vale”, tem tudo que você quiser, e mais alguma coisa... Isto eu sempre disse, e continuo dizendo (FRANÇA, 2008, p. 46).

O trecho acima evidencia uma preocupação da autora em afirmar que o município de Limoeiro do Norte, assim como todos os lugares, possui características que o identifica diante daqueles que, por algum motivo, teve contato com seu chão.

O sentido da designação de “Princesa do Vale”, citada no texto de Maria Florinda de França, através da qual a cidade de Limoeiro do Norte passou a ser chamada, tem por ancoradouro simbólico o já mencionado processo de modernização que a cidade de Limoeiro do Norte passou entre as décadas de 1940 e 1960, depois de ter conquistado a sede do bispado em 1937.

Assim, para tal designação, foi associado um status de poder, significando, sobretudo, a passagem entre um Limoeiro isolado e colonial e um Limoeiro que começava a despertar para o progresso, se ligava ao mundo, com ares de civilização. Contudo, esse poder ultrapassa tal conjuntura significada inicialmente, tornando o termo “Princesa do Vale” um instrumento tanto de legitimação quanto de desaprovação em outras conjunturas<sup>33</sup>, dependendo da intenção daquele que o pronuncia.

---

<sup>33</sup> O reforço da força desse instrumento contribuindo em um processo de legitimação, fundamenta *O poder simbólico* de Pierre Bourdieu.

Limoeiro do Norte, nesses 100 anos de história, saiu do estágio de uma fazenda e uma capela, para ser uma das mais importantes cidades do Vale Jaguaribano; é denominada “Princesa do Vale” pela sua participação no desenvolvimento da região jaguaribana (SILVA, 1998, p. 79).

Na citação acima, a autora trata a denominação de “Princesa do Vale” como um status ainda presente – “é denominada” – o que legitima Limoeiro pela sua participação no desenvolvimento da região na qual está inserida. Entretanto, essa designação foi levada a efeito pelo jornal *Folha do Vale*, através do autor Aécio de Castro, como instrumento de desvalorização da atuação de Ademar Celedônio<sup>34</sup> como prefeito de Limoeiro do Norte (1992-1996): “Limoeiro passou de “princesa” à “mendiga”; de bela, nada lhe restou, e, de há muito, rasteja inculta e mais feia que nunca”<sup>35</sup>.

Segundo o autor, com o mandato de Ademar Celedônio, o município de Limoeiro do Norte vivia uma de suas piores administrações, posto isto, Aécio utilizou-se de dualismos – de “princesa” à “mendiga”, e de “bela” à “mais feia que nunca” – para comparar seu presente/passado recente ao período pós-instalação do bispado.

Logo em seguida, o autor escreve sobre o mandato (1997-2000) do senhor José de Oliveira Bandeira que se inicia, destacando que “dele, muito se espera”, e [...] que, no final deste mandato, que coincide com a virada do século, Limoeiro seja outra vez uma rosa a desabrochar na infinita flora do desenvolvimento”.

Importante perceber na fala de Aécio a analogia entre a rosa a desabrochar, característica residual de um passado ruralista, e o desenvolvimento municipal, espelhado na “modernidade” chegada com o bispado. Com isso, em seu discurso, Aécio mostrou-se hora preocupado em dualizar os limoeiros: “princesa” e “mendiga”, “bela” e “mais feia que nunca”; hora dedicado, mesmo que inconscientemente, em aparelhar os limoeiros: essencialmente rural e arquitetonicamente moderno.

Dessa forma, o autor mostrou-se contrário a forma ambígua de compreender as identidades sociais considerando suas contradições, como bem apresenta Thompson (1998), contudo, no exercício de sua escrita podemos perceber tal ambiguidade, uma vez

---

<sup>34</sup> Ademar Celedônio Guimarães nasceu em 05 de abril de 1949, no município de Limoeiro do Norte -CE. Antes de assumir a prefeitura no ano de 1993, havia ocupado por três vezes a posição de vereador durante o período de 1982 a 1992. Ademar faleceu no dia 04 de fevereiro de 2012.

<sup>35</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

que Aécio expressa suas contradições enquanto indivíduo de dialeto envolvido por elementos do campo, e com aspirações transgressoras dessa paisagem, pautada no desenvolvimento citadino.

Sobre “os limoeiros”, de forma distinta a que fez Aécio, o Pe. Francisco de Assis Pitombeira, então diretor do Colégio Diocesano de Limoeiro do Norte, em seu texto publicado no mês de agosto de 1997, na 4ª edição do jornal *Folha do Vale*, separa a área que corresponde hoje ao município de Limoeiro do Norte em três fases temporais.

A primeira fase, que vai do início do século XVIII até meados do século XIX, corresponde ao período que inicia o processo de colonização da área correspondente. “Limoeiro” era apenas o nome de um sítio ou fazenda, não havendo povoação propriamente dita.

A segunda fase foi marcada inicialmente pela criação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, fato que teria impulsionado a criação do distrito de paz e, posteriormente, a instalação da freguesia (1863), e elevação do povoado a Vila (1871). Nessa fase, Limoeiro teria adquirido os instrumentos institucionais para sua autonomia política.

É interessante perceber a preocupação do autor em delimitar tais fases através de marcos específicos sem tomar todo esse processo apenas como parte de um Limoeiro “essencialmente rural”. Contudo, podemos identificar, através de seu texto, a defesa de uma virada no município que marcaria o início de uma nova era, a “terceira fase”.

A terceira e última fase é a que nos interessa diretamente para este tópico visto que o autor toma a criação da Diocese e a investidura do primeiro bispo Dom Aureliano Matos (1940), como marco inicial para a entrada de Limoeiro na era “moderna”. Para tanto, Pitombeira seguiu defendendo, em relação a Dom Aureliano Matos, que,

Sua liderança e seu dinamismo mudaram a trajetória de nosso município. É inegável que os primeiros sinais desta virada tornaram-se visíveis na instalação da Escola Normal Rural e do Grupo Escolar Padre Joaquim de Meneses. Ampliando a oferta de educação para a juventude, com o Ginásio Diocesano, Seminário, Patronato e Faculdade de Filosofia. Dom Aureliano alargou ainda mais as perspectivas do progresso para Limoeiro e a região jaguaribana.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

Apesar de não tratar com dualidade períodos da história limoeirense, o texto de Pe. Pitombeira se aproxima do texto de Aécio de Castro pela importância dada ao período de instalação do bispado, servindo como marco para a entrada de Limoeiro em uma nova era, bem como de perspectiva para novos projetos. A liderança e o dinamismo protagonizado pelo primeiro bispo, havendo como matéria de sua legitimação as “arquiteturas do poder”, formam a base para essas perspectivas de progresso.

Tais perspectivas direcionaram desde então as atuações políticas no município, assim como as avaliações destas, de tal forma, que proporcionaram nossa reflexão acerca de um *poder simbólico* envolto de um conjunto caracterizado pela figura do bispo e o período de sua atuação a frente da Diocese de Limoeiro do Norte. Esse conjunto passou a ser evocado através da designação de Princesa do Vale.

Em uma passagem da edição de julho de 1998 do jornal *Folha do Vale*, dedicada a homenagear o 3º bispo da diocese de Limoeiro, o senhor Dom Pompeu Bezerra Bessa, percebemos a preocupação em apresentar os motivos pelos quais o 1º bispo diocesano, Dom Aureliano Matos, se tornou o ideal e o modelo para seus sucessores, uma vez que teria “[...] marcado a Sede do Bispado por grandes e urgentes obras sociais, as quais ficaram tão presentes na cidade e tão enraizadas na memória agradecida dos Limoeirenses”. Contudo, indo além de um ideal ou modelo para a atuação episcopal, o 1º bispo ficou marcado como ideal ou modelo de gestão municipal, de tal modo que no próprio texto ele é apresentado como “uma espécie de Super-Prefeito de Limoeiro do Norte”<sup>37</sup>.

Ainda a respeito da tentativa de ruptura pela chegada do bispado (1937) em Limoeiro do Norte, mesmo que o episódio seja um marco inicial para uma série de mudanças, parafraseando Hobsbawm,

[...] isto não implica a aceitação da dicotomia grosseira e a-histórica entre sociedade “tradicional e “moderna”. A história não consiste de uma única etapa. As sociedades “tradicionais” não são estáticas e imutáveis, imunes à mudança e à evolução históricas, nem existe um único modelo de

---

<sup>37</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 08, jul. 1998.

“modernização” que determina sua transformação. (HOBSBAWM, 1998, p. 216)

Dessa forma, uma vez que coexistem diferentes modelos de modernização, não podemos analisar o desenvolvimento de Limoeiro do Norte comparando-o com a velocidade de modernização de outros espaços, a exemplo da capital cearense, Fortaleza. Ou mesmo dentro do próprio município de Limoeiro, onde coexistem diferentes velocidades, como por exemplo, entre o espaço citadino e rural. Ou seja, o desenvolvimento arquitetônico pelo qual a cidade passou entre as décadas de 1940 e 1960, não exclui outros elementos que no passado proporcionaram mudanças na sociedade limoeirense. Além disso, também não significa que durante tais décadas, o mencionado desenvolvimento arquitetônico tenha proporcionado tal impacto na vida dos limoeirenses que residiam no campo, onde viviam sob uma velocidade alternativa de modernização. Segundo Raymond Williams,

[...] em qualquer sociedade e em qualquer período específicos há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz. [...] só podemos entender uma cultura efetiva e dominante se compreendermos o processo social real do qual ele depende: refiro-me ao processo de incorporação. Os modos de incorporação são de grande importância social. As instituições educacionais são geralmente as principais agências de transmissão de uma cultura dominante eficaz, e essa é agora uma atividade tanto econômica quanto cultural prioritária; na verdade, são ambas ao mesmo tempo (WILLIAMS, 2011, p. 53-54).

Com isso, a modernização pela qual a cidade passou com a instalação do bispado, não deixa de fazer parte de um sistema central de práticas, pelas quais a região do Vale do Jaguaribe esteve envolvida, sistema esse que continua sendo dominante e eficaz, dependendo, para isso, de sua incorporação pelas instituições tanto políticas quanto religiosas e educacionais. Os agentes dessas instituições constantemente retomam o poder simbólico que a designação de “Princesa do Vale” carrega, por funcionar como instrumento de legitimação ou desaprovação de alguma administração municipal, e por assim dizer, de um grupo social<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> A respeito da utilização das formas simbólicas, não basta dizer que faz parte, de modo inseparável, das relações sociais, “[...] que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado

Se as décadas de 1940 a 1960 foram importantes pela atuação do “super-prefeito”, a década de 1990 teve sua importância pela formação dessa figura como tal, entretanto, não somente pelas letras, mas também nas comemorações, sendo a mais importante delas o já mencionado centenário municipal de Limoeiro do Norte. O centenário limoeirense foi um evento em potencial onde a figura de Dom Aureliano Matos e sua atuação como bispo e “super-prefeito”, bem como o ideal de Princesa do Vale, apresentou-se como ideal e modelo administrativo para o município.

Sendo assim, o que nos interessa aqui a respeito do centenário é compreender o modo pelo qual a construção da figura de D. Aureliano e as narrativas de suas atuações moldaram a ação política/administrativa do executivo limoeirense, bem como em que medida o ideal de Princesa do Vale esteve presente.

No que concerne às comemorações do centenário de Limoeiro do Norte, a prefeitura municipal tem empreendido todos os esforços no sentido de promover um evento à altura do povo limoeirense e da condição de princesa do Vale.<sup>39</sup>

Como já foi mencionado, o administrador municipal do período do centenário era o senhor José de Oliveira Bandeira e as expectativas para sua atuação passavam pela realização da comemoração do centenário, excedendo assim as expectativas comumente criadas apenas pelo sentimento de mudança que envolve as eleições. Chama atenção a exigência de um evento correspondente a uma condição de status específica do município. São cem anos de história, contudo, a base para o centenário são os anos correspondentes à atuação do “super-prefeito” Dom. Aureliano Matos.

Fato é que projetos semelhantes às “arquiteturas do poder” de Dom. Aureliano estiveram presentes na administração de José de Oliveira Bandeira (1997-2000). Segundo um texto da edição de número 04 do jornal *Folha do Vale*, publicada no mês de agosto do ano 1997,

---

pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações”. Mas que, sobretudo, funcionam como instrumentos de imposição e legitimação de uma dominação. (BOURDIEU, 2001, p. 11)

<sup>39</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

As praças, carro-chefe do projeto urbanístico de Limoeiro, também vêm recebendo um tratamento especial, como de resto têm recebido os demais logradouros do centro. A limpeza e o sistema de coleta de lixo têm sido também uma das preocupações da atual administração, o que tem contribuído sobremaneira para que a Princesa do Vale ostente a maquilagem que vem recebendo ao longo desses oito primeiros meses do ano do centenário.

Para além das praças e demais logradouros citados, a administração de José de Oliveira Bandeira se destacou no que diz respeito aos projetos arquitetônicos educacionais, pelo pioneirismo de sediar o primeiro Centro de Tecnologia do Estado do Ceará - CENTEC. A administração contava com o apoio do deputado Paulo Duarte e do secretário da Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará Ariosto Holanda<sup>40</sup>, sendo o último citado o responsável pela criação do CENTEC.

Edílson Santiago de Oliveira<sup>41</sup>, então secretário municipal de Indústria, Comércio e Tecnologia, em seu texto publicado em agosto de 1997, intitulado “Agroindústria no Vale do Jaguaribe e desenvolvimento econômico”, defendeu que Limoeiro do Norte

[...] viveu seu momento de glória com a implantação da Diocese se tornando o maior centro de Educação do Vale do Jaguaribe. Todos os momentos de destaque de Limoeiro do Norte, foram capitaneado [...] pelo [...] destaque de Dom Aureliano Matos, que plantou a semente do desenvolvimento pela implantação de Centros educacionais, destacando-se a nossa Faculdade que leva seu nome. [...] Limoeiro chegou aos Cem anos e quais são as nossas perspectivas? Limoeiro reúne todas as condições para entrar na nova onda de crescimento econômico que [está] sendo plantado no Ceará, porque temos excelência em educação, temos a FAFIDAM, temos a grande obra do nosso Secretário de Ciência e Tecnologia, o CENTEC e temos bons colégios [...]<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Francisco Ariosto Holanda nasceu em Limoeiro do Norte-CE, no dia 11 de outubro de 1938. Possui formação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Iniciou sua vida política em 1987 quando assumiu a Secretaria da Indústria e Comércio do Estado do Ceará no primeiro governo de Tasso Jereissati, cargo que permaneceu até 1989. Candidatou-se a deputado federal em 1990 pelo PSB, em 1994, 1998 e 2003 pelo PSDB, e em 1996 e 2010 novamente pelo PSB, elegendo-se em todos eles, com exceção de 1994 que ficou na situação de suplente, contudo, efetivou-se no ano seguinte. Foi Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará de 1995 a 1998 e 1999 a 2002, durante o segundo e o terceiro governo de Tasso Jereissati. Em 2014 voltou a se candidatar a deputado federal pelo PROS, ficando na situação de 2º suplente da coligação, contudo, novamente acabou assumindo o cargo. Durante tal mandato, no dia 17 de abril de 2016, votou contra a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff.

<sup>41</sup> Edílson Santiago de Oliveira nasceu em Tabuleiro do Norte-CE, no dia 18 de maio de 1959.

<sup>42</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

É interessante perceber como o autor justifica as perspectivas para Limoeiro no que diz respeito a sua posição na nova onda de crescimento econômico do Estado do Ceará. Não é algo novo legitimar a posição de Limoeiro do Norte na política cearense através de suas “arquiteturas do poder”, sobretudo, as arquiteturas educacionais. Contudo, a soma do CENTEC a essas arquiteturas, equiparando-o as demais obras diocesanas como condição para o progresso econômico do município, estabelece seguimento entre poderes e grupos.

Edílson Santiago de Oliveira não foi o único a estabelecer ligação entre as obras de Dom. Aureliano Matos e a obra capitaneada pelo Deputado Ariosto Holanda. Segundo o Padre Pitombeira, Ariosto Holanda é grande admirador de Dom Aureliano Matos e se inspirou em sua atuação para presentear Limoeiro, no ano do centenário, com o CENTEC. O Padre segue afirmando que essa obra “[...] consolida a vocação de Limoeiro como cidade da educação, mais aparelhada para uma centúria e um novo milênio”<sup>43</sup>.

Fato é que Ariosto Holanda, em entrevista para a *TV Jaguar*, no ano de 2016, afirmou sua ligação com Dom Aureliano:

[...] foi através dos sonhos que eu sempre alimentei, como é o sonho da educação, que eu aprendi com Dom Aureliano Matos, que foi o meu grande mestre, foi o Dom Aureliano, que hoje nós temos no Vale vários Centros Tecnológicos, escolas profissionalizantes, é um sonho que eu alimentei, que Limoeiro serviu de exemplo para o Vale<sup>44</sup>.

Para além do projeto educacional em que se inspirou Ariosto Holanda, a atuação do “super-prefeito”, através da designação de “Princesa do Vale”, foi constantemente levada a efeito nos discursos dos políticos que queriam retomar o status do município de “mais desenvolvido do Vale do Jaguaribe”, o que fazem crer, ou querem dar a entender que esse *status* foi perdido e por isso deve ser recuperado.

---

<sup>43</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 04, ago. 1997.

<sup>44</sup> Ariosto não apoia Zé Maria e nem Paulo Duarte. Ele articula candidatura alternativa para Limoeiro: TV Jaguar, 2016. (13:52 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vMbISLkOPGo>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Teve quem afirmasse ter recuperado esse status. João Dilmar<sup>45</sup>, em entrevista concedida para o jornal *Folha do Vale*, publicada no mês de janeiro do ano 2007, em sua 119ª edição, afirmou que, através de seu mandato, com início em 2005, conseguiu

[...] recuperar a imagem perdida da antes Princesa do Vale, trazendo de volta à auto estima aos nossos conterrâneos com a realização de eventos como Mestres do Mundo, carnaval regional, festival Junino, o Sete de Setembro, entre tantos outros que devolveram a referência de ‘cidade pólo’ no Vale do Jaguaribe.

Com isso, Dilmar ressignificou a designação de Princesa do Vale como termo ligado a um conjunto de eventos culturais, dando a entender que alimentando o movimento cultural no município estaria recuperando a imagem perdida da Princesa do Vale.

No entanto, fato é que foi construído um discurso sobre a perda da centralidade de Limoeiro do Norte no Vale do Jaguaribe, mesmo durante o mandato de João Dilmar. Para além da ação discursiva do mandatário, o jornal *Folha do Vale*, em sua 106ª edição, publicada em dezembro do ano 2005, se esforçou, através do texto escrito pelo Jornalista Flávio Costa, intitulado “Inversão no exemplo”, para listar comparações entre Limoeiro do Norte e os municípios circunvizinhos, no intuito de exemplificar o desvio do caráter central que Limoeiro assumia na microrregião do Baixo-Jaguaribe:

Foi-se o tempo em que a “Princesa do Vale” era exemplo para as vizinhas cidades em nossa região. Houve inversão no exemplo. Vejamos: Palhano, e não Limoeiro, nos últimos dois anos foi contemplada com as comendas, Selo Unicef, Fundação Abrinq, Prefeito Amigo da Criança, de investimentos na saúde bucal e destaque no social. Tabuleiro, e não Limoeiro, é a primeira da região a instalar o gás veicular natural. Russas, e não Limoeiro, instalou a grande indústria Dakota e municipalizou o trânsito. São João, e não Limoeiro, tem a nobreza de ser totalmente saneada no esgotamento sanitário. Quixeré, e não Limoeiro, mostrou grandeza política, ao reduzir as férias dos vereadores de 90 para 30 dias. Já na eterna Princesa do Vale, a maioria dos vereadores refutou o desejo dos limoeirenses, ao derrotarem projeto de iniciativa popular que queria a redução de férias dos pseudoparlamentares. Ainda por cima, cresce assustadoramente o índice de violência em relação às outras cidades, o

---

<sup>45</sup> João Dilmar da Silva nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 04 de abril de 1950. Possui formação em Odontologia. Foi eleito prefeito de sua cidade natal em três oportunidades, 1988, 2004 e 2008. Ainda foi eleito para o cargo de vice-prefeito de Limoeiro nas eleições de 1982 e 2016.

que nos leva a chamar os políticos à responsabilidade. É hora de pensarmos mais na cidade do que nos interesses políticos e pessoais.

Aqueles que não estavam comandando a máquina administrativa incorporaram o discurso de perda dessa centralidade. Assim fez Carlos Eduardo Borges Evangelista, conhecido como Caê Pessoa<sup>46</sup>, candidato a vice-prefeito na eleição de 2012, durante uma entrevista concedida a *TV Jaguar*, ao anunciar que, com a possível vitória de sua chapa nas eleições deste ano, “[...] Limoeiro vai voltar a ser a princesinha do Vale, vai voltar a ser a referência do nosso Vale do Jaguaribe”<sup>47</sup>.

Paulo Duarte, do mesmo modo, discursando na comunidade do Espinho, na condição de candidato ao cargo de prefeito de Limoeiro do Norte na eleição de 2012, ao criticar as gestões de João Dilmar (2005-2008 e 2009-2012) propunha à população local a seguinte interrogação:

[...] como é que pode um município, [...] que era tido como a nossa Princesa do Vale, e hoje você as vezes tem até vergonha de andar nas ruas do município de Limoeiro, [...] é o lixo, são pedras no meio da rua, são calçadas abandonadas, são monturos. É a falta da autoridade.<sup>48</sup>

Através do discurso de Paulo Duarte apontando o inverso da Princesa do Vale, referindo-se a lixos e pedras nas ruas durante a gestão de João Dilmar, percebemos que esse termo vai além de um projeto arquitetônico, passando pelo bem-estar das pessoas, higiene da cidade, ou mesmo configurando “[...] as bases do progresso de todo o Vale” (FREITAS; OLIVEIRA, 1997).

A “Princesa do Vale” também serviu de instrumento discursivo nas eleições para prefeito do ano de 2016. Arivan Lucena<sup>49</sup>, enquanto discursava em uma reunião partidária

---

<sup>46</sup> Carlos Eduardo Borges Evangelista, conhecido como Caê Pessoa, nasceu no estado de Brasília, no dia 05 de janeiro de 1984.

<sup>47</sup> Convenção Arivan Lucena. Limoeiro do Norte: TV Jaguar, 2012. (4:31 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nKjSw8egK-I>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

<sup>48</sup> Paulo Duarte Reunião Paulo Duarte. Limoeiro do Norte: TV Jaguar, 2012. (24:16 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uu3ENXnfNVI&list=PL1dol9eEcbHFbwAnBxOnUJJUuFMIRVM TA&index=18>> Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>49</sup> Maria Arivan de Holanda Lucena nasceu no dia 05 de agosto de 1950, na região que hoje corresponde ao município de Tabuleiro do Norte-CE (nesse período, Tabuleiro ainda era distrito de Limoeiro do Norte. Só em setembro de 1957 conquistou sua emancipação política. Em 1950 chama va-se Ibicuipeba. Só a partir de 1951 passou a se chamar Tabuleiro do Norte). Servidora pública civil aposentada, Arivan Lucena foi a primeira mulher eleita prefeita do município de Limoeiro do Norte-CE nas eleições do ano 2000.

do PMDB, na qual se podia visualizar os personagens do chamado “acordão”, encabeçado pelo então pré-candidato a prefeito José Maria Lucena, que acabou por vencer as eleições deste ano, evoca tal designação para formular uma crítica a então administração municipal, que tinha Paulo Duarte como chefe do executivo:

A felicidade da gente é tão grande de ter esses dois como candidatos [José Maria Lucena e João Dilmar, respectivamente, para prefeito e vice-prefeito], é um momento ímpar, gente, Limoeiro nunca teve uma dupla dessa. Já? Nunca teve. Todos nós vamos se unir, dar as mãos, e fazer diferente, [...] nós queremos chegar lá para fazer diferente, vamos vestir a nossa princesa que se encontra com a veste rasgada e a coroa carcomida.<sup>50</sup>

Dessa forma, o termo “Princesa do Vale”, enquanto símbolo da modernidade e do limoeiro civilizado, inventado a partir de um poder simbólico que se criou envolto das realizações arquitetônicas da diocese das décadas de 1940 a 1960, foi constantemente selecionado e alimentado pelos memorialistas, imprensa e grupos políticos limoeirenses, o que levou essa designação a funcionar como instrumento de legitimação ou deslegitimação de determinados grupos e períodos da história limoeirense, bem como de projetos futuros, muitas vezes funcionando como sinônimo de progresso. Essa constante seleção e alimentação mencionada faz parte do processo necessário para a sustentação do termo enquanto tradição.

Tanto o ideal de superação que Limoeiro teria atravessado no que diz respeito às suas amarras naturais, como a designação de “Princesa do Vale” e a referida atuação do “super-prefeito” no município, apontam para o ideal de modernidade, ou para ser mais preciso, o de civilização. Segundo esses ideais, Limoeiro teria superado seu “sonho colonial”, uma realidade “essencialmente rural”, até mesmo o coronelismo, dentre outros elementos que são constantemente revisados para que sejam determinados ou não em conformidade com as características emergenciais de cada conjuntura política.

Contudo, esses ideais não traduzem a realidade, uma vez que seu anúncio de modernidade não eliminou as características da realidade dita superada, colocadas aqui como culturas residuais. As culturas residuais e emergenciais não são excludentes, pelo

---

<sup>50</sup> Pronunciamento de Arivan Lucena em Limoeiro do Norte: TV Jaguar, 2016. (4:08 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nn07pM9sOtg>> Acesso em: 13 ago. 2020.

contrário, são mutualmente necessárias para que possam ser percebidas dentro de cada contexto histórico.

Nesse sentido, o próximo capítulo traz uma contextualização mais aprofundada dessa realidade em transição, especificamente em Limoeiro do Norte com a segunda redemocratização pela qual passou o Brasil. Será que as transições políticas causam rupturas com a ordem vigente tal qual são apresentadas pela imprensa, memorialistas, dentre outros meios? Para responder perguntas como essa é necessário um debate entre a conjuntura política local estudada, suas relações com as esferas estaduais e nacionais, bem como com os discursos da imprensa local.

## CAPÍTULO II

### TRANSIÇÃO POLÍTICA E A INSTÂNCIA MUNICIPAL: ELEIÇÕES EM LIMOEIRO DO NORTE NO PÓS-REDEMOCRATIZAÇÃO (1988-2000)

No município de Limoeiro do Norte, nomes como José de Oliveira Bandeira, João Dilmar da Silva, Paulo Carlos Silva Duarte, José Maria de Oliveira Lucena e Maria Arivan de Holanda Lucena, que marcaram o período democrático da cidade a partir de 1988, e ainda marcam, com exceção do primeiro, já falecido, surgiram como postulantes ao cargo de prefeito através dos grupos políticos mais tradicionais, como o coronel Manuel de Castro Filho, e as famílias Holanda e Oliveira. O próprio João Dilmar falou no ano de 2013, em entrevista para a *TV Jaguar* de Limoeiro do Norte: “[...] fui chamado aqui pelo ex-governador Manuel de Castro para ser candidato a vice-prefeito, em 1982 [...]”<sup>51</sup>.

Como já foi apresentado na introdução deste trabalho, as famílias Chaves e Oliveira foram as mais influentes na História da política de Limoeiro do Norte. Tendo a primeira exercido um domínio nas escolhas dos mandatários que durou mais de oitenta anos (1873-1955). Já a segunda família iniciou sua influência no executivo municipal com a vitória de Sabino Roberto em 1955, deixando resquícios dessa influência até os dias atuais.

A família Holanda exerceu sua força através de Evaldo Holanda, eleito prefeito em duas oportunidades, 1964 e 1976, bem como através de Antônio Holanda, eleito prefeito em 1972. Ambos foram aliados dos Oliveiras. Essa família também foi vitoriosa na eleição de 2000, elegendo a primeira mulher prefeita de Limoeiro do Norte, a senhora Maria Arivan de Holanda Lucena.

Em relação a Manuel de Castro Filho, como já mencionado, foi “testa de ferro” dos Oliveiras. O coronel iniciou sua vida política em 1947 quando assumiu pela primeira vez uma cadeira na assembleia legislativa do Estado Ceará. Foi eleito deputado estadual em oito mandatos consecutivos, 1947 a 1974, sendo que nos cinco primeiros, 1947, 1950, 1955, 1958 e 1962, era filiado a UDN. Após o golpe de 1964 filiou-se a ARENA, sendo

---

<sup>51</sup> Ex-prefeito Dilmar disse que acordo com Paulo Duarte só em outra encarnação parte 2. Limoeiro do Norte: TV Jaguar, 2013. (20:45 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=431SvhaU6XU&list=PL1dol9eEcbHFbwAnBxOnUJJUuFMIRVM TA&index=17>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

eleito deputado estadual pelo partido em 1966, assumindo nesse mandato a presidência da Assembleia Legislativa e “chegando a ocupar interinamente o governo do estado nas ausências do então governador Plácido Aderaldo Castelo (1967-1971)”<sup>52</sup>. Reelegeu-se ainda pela ARENA para deputado estadual nos pleitos de 1970 e 1974.

Manuel foi eleito vice-governador de Virgílio Távora em 1978 através de eleição indireta. Em 1982, Virgílio renunciou ao cargo de governador do Estado do Ceará para disputar uma vaga no Senado, deixando o governo do estado para Manuel de Castro Filho que assumiu até o final do mandato em 1983. Durante seu governo, Manuel nomeou o advogado limoeirense José Maria de Oliveira Lucena como principal secretário, o mesmo que foi mencionado no início desse capítulo como um dos que marcaram ou marcam a política do município de Limoeiro do Norte no período pós-redemocratização.

Entre os coronéis, Manuel de Castro era o de maior atuação no Vale do Jaguaribe, região da qual Limoeiro do Norte faz parte. Segundo Aroldo Mota (2010, p. 139), no Vale, Manuel de Castro participava de comícios e carreatas, e visitava, uma a uma, suas cidades. Especificamente em Limoeiro do Norte, teve forte interferência no que diz respeito a escolha de seus prefeitos, uma vez que lutou pelas candidaturas dos seguintes nomes, os quais tiveram sucesso nas eleições: Sabino Roberto em 1955; Pedro Alves Filho em 1962; Evaldo Holanda em 1964 e 1976; Antônio Holanda em 1972 e José de Oliveira Bandeira (o Careca) em 1982.

Na eleição de 1982, pela qual foi eleito prefeito de Limoeiro do Norte o senhor José de Oliveira Bandeira, Manuel de Castro ocupava o governo do Estado e liderava, segundo Maurilo Freitas (2009), o único grupo tradicional em atividade no município, uma vez que o grupo de José Simões, eleito deputado estadual por duas vezes, 1962 e 1966, e o grupo de Franklin Chaves, ex-governador do Estado do Ceará (12 de agosto a 12 de setembro de 1966) e eleito deputado estadual em sete oportunidades, 1947, 1950, 1955, 1958, 1962, 1966 e 1970, já haviam perdido suas forças.

Manuel de Castro Filho faleceu em Fortaleza aos 83 anos em 18 de setembro de 1995. Ao contrário do que defendeu Lauro de Oliveira Lima (1997), o coronel, antes de migrar para a capital cearense, deixou marcas de sua influência política em Limoeiro do Norte através de José de Oliveira Bandeira, que foi eleito prefeito do município pela

---

<sup>52</sup> CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Centro de Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

primeira vez em 1982 com o decisivo apoio de Manuel; de João Dilmar da Silva, que foi chamado por Manuel para compor como vice-prefeito a chapa encabeçada por José de Oliveira Bandeira; bem como através de José Maria de Oliveira Lucena que foi escolhido como principal secretário no governo de Manuel.

Sobre a iniciação de algum personagem na vida política municipal, ao tratar de uma situação específica ocorrida em Limoeiro do Norte durante o comando do Coronel César Cals no governo do Estado Ceará (1971-1975), o professor Antônio Pergentino Nunes, traz, em sua autobiografia intitulada *Minha Vida... Minha Luta*, informações importantes sobre as peculiaridades da política local, no que diz respeito as relações que o poder dirigente em nível estadual precisa estabelecer:

Introduzi César Neto na política de Limoeiro, chegando o mesmo a obter cinco mil votos naquele município para deputado federal. Depois foi a vez de Marcos Cals, também muito votado em Limoeiro, para deputado estadual. O próprio Cel, César Cals, tinha uma atenção toda especial a minha pessoa (NUNES, 1999, p. 207).

No trecho acima, Pergentino relembra o período em que esteve como chefe de escritório regional do Governo do Estado do Ceará na região jaguaribana (1972-1982), função que exerceu por nomeação do próprio Coronel e então governador César Cals. Quero chamar atenção aqui para o fato de que até mesmo os coronéis cearenses precisavam de lideranças locais para iniciar seus parentes<sup>53</sup> na política municipal, ninguém iniciava nesse meio sem uma espécie de “padrinho” que lhe apresentasse para a sociedade.

Sendo assim, tanto o dentista João Dilmar da Silva, quanto José de Oliveira Bandeira, dentre outros, tiveram o coronel Manuel de Castro como “padrinho” para iniciar no meio político. O próprio professor Antônio Pergentino Nunes, autor na citação acima, teve como “padrinho” o ex-governador do Estado do Ceará Franklin Chaves, maior representante da família Chaves, adversário de Manuel.

Apesar do apadrinhamento, esses “novos” políticos exerceram um novo modo de fazer política muito mais atento às estratégias eleitorais, sobretudo no campo do visual,

---

<sup>53</sup> Ambos, César Neto e Marcos Cals, mencionados por Pergentino, são filhos do ex-governador e já falecido César Cals.

cada vez mais necessárias para ampliação do alcance de suas campanhas. Esse alcance foi ressaltado pela utilização das cores, dentre outras estratégias como a prática de arregaçar as mangas das camisas, amplamente utilizada nos processos eleitorais do município de Limoeiro do Norte a partir da década de 1990, podendo ser visualizado por meio dos registros fotográficos impressos no livro “Limoeiro em Fotos e Fatos” (1997).

Quando se trata da política estadual cearense, no que diz respeito aos grupos dirigentes no período de redemocratização, Linda Gondim (2000, p. 413-418) explica que um grupo de jovens empresários<sup>54</sup>, de visuais e ideias modernas, ascendeu na política cearense em meados da década de 1980, representando um rompimento com a política dos “coronéis” Adalberto Bezerra, Cesar Cals e Virgílio Távora. Visto como responsável por uma intensa mudança na industrialização do Estado, o primeiro governo de Tasso Jereissati (1987-1990)<sup>55</sup> foi o primeiro dos chamados “governo das mudanças”, representando um grande salto desenvolvimentista, embora o primeiro governo de Virgílio Távora (1963-1966) tenha sido responsável por criar as bases desse processo de industrialização.

O marco no Estado para uma política de desenvolvimento industrial, em consonância com os incentivos fiscais federais, foi o governo de Virgílio Távora. Em seu primeiro mandato (1962-1966) implantou um sistema de planejamento estadual visando à atração de investimentos industriais, que teve como principal realização a eletrificação do Estado com a energia da hidrelétrica de Paulo Afonso. Seguindo a mesma linha de desenvolvimento planejado do Governo Federal, os governos de César Cals (1971-1975) e de Adalberto Bezerra (1975-1978), além do segundo mandato de Virgílio (1979-1982), proporcionaram o aumento da participação do Estado no parque industrial do Nordeste, entre as décadas de 1970 e 1980, passando de 7% em 1950 para 12% em 1984 (MUNIZ, 2007, p. 86).

Sendo assim, considerando o que disse Linda Gondim (2000) e Altamar Muniz (2007), o que podemos considerar de imediato um rompimento com a política dos “coronéis” são as mudanças que dizem respeito ao visual e a ideias modernas, uma vez

---

<sup>54</sup> Foram/são esses empresários; Beni Veras, Amarílio Macedo, Tasso Jereissati, Sérgio Machado, Assis Machado Neto e Ciro Gomes.

<sup>55</sup> Tasso Jereissati voltou a ser governador no período 1995-2002. Depois assumiu o mandato de senador pelo Estado do Ceará entre os anos 2003-2011 e 2015-2018.

que, a partir de Tasso Jereissati, esse grupo de jovens empresários e políticos denominado “Cambeba”<sup>56</sup> não só utilizou como criou várias estratégias de marketing.

Além do domínio do poder político, a Geração Cambeba inovou no uso da mídia nas campanhas eleitorais e nas propagandas governamentais, utilizando formas discursivas, simbólicas e imagéticas que reforçavam a visão de modernidade do novo Governo. Produções tecnicamente apuradas, com avançados recursos gráficos e de edição, que obrigou partidos, candidaturas e administrações a fazerem do marketing uma das principais preocupações e parcela expressiva de seus gastos. A agência que trabalhou para Tasso, por exemplo, foi posteriormente utilizada na campanha eleitoral e na propaganda oficial de Fernando Henrique Cardoso. Portanto, um objeto importante e que ainda não passou por um estudo histórico, numa perspectiva de maior escala de análise (MUNIZ, 2007, p. 16).

Uma das estratégias utilizadas por Tasso foi a já mencionada camisa com as “mangas arregaçadas”. Segundo Tânia Bloomfield (2014, p. 136), as “mangas arregaçadas” são símbolos de aspecto não-verbal que integra, sobremaneira, os discursos políticos. A autora explica que através da prática de arregaçar as mangas das camisas, os políticos “[...] estariam passando a imagem de pessoas de ação, pragmáticos, solucionadores de problemas, que “põem as mãos na massa”, assim como o fazem as pessoas que vivem do seu trabalho, e não de renda, no país”.

De fato, o uso das mídias realizado pelos candidatos Cambeba inovou e ampliou consideravelmente os espaços de atuação das campanhas eleitorais. Contudo, no que diz respeito as características de grupo e de gestão governamental, quais mudanças podemos elencar como denominadoras de ruptura em relação aos governos passados administrados pelos coronéis?

Sobre as características de grupo, segundo Altemar Muniz (2007), esses jovens empresários surgiram na política cearense através do Centro Industrial do Ceará - CIC em 1978, sem “vícios corporativos e nem compromissos políticos com o Regime Militar”. O autor fez um exercício de apresentação e análise da trajetória de vida das principais lideranças desse grupo, contextualizando a base social e política de cada um: Beni Veras,

---

<sup>56</sup> Segundo Altemar Muniz (2007) o termo Cambeba “advém do bairro onde está instalado o Centro Administrativo do Governo do Estado. Tasso, em 1987, transferiu a sede do executivo do Palácio da Abolição - que ficava em área nobre de Fortaleza, mas muito próxima do Centro comercial e popular da cidade – para este bairro de difícil acesso a estes segmentos”.

filho de um alfaiate comunista, foi militante do PCB com aspirações estalinistas e atuou em movimento estudantil na década de 1950. Seu primeiro emprego foi de ajudante de um vendedor de painéis de alumínio; Amarílio Macedo, teve uma formação católica rígida, onde pretendia estudar para ser padre, o que não aconteceu. Militou nos movimentos de contestação à Ditadura, mesmo sendo filho de José Macedo, maior capitalista da cidade de Fortaleza e beneficiado pelo Regime; Tasso Jereissati, filho do empresário e também político Carlos Jereissati<sup>57</sup> que chegou a assumir os cargos de deputado federal (1955-1963) e senador (1963), pelo PTB. Tasso participou de movimentos, grêmios e associações estudantis durante a década de 1960, importantes para definir uma postura contrária ao regime autoritário<sup>58</sup>; Sérgio Machado, filho de Expedito Machado, que foi eleito deputado estadual (1954) e Deputado Federal (1958 e 1962), e em maio de 1963, tornou-se, Ministro da Viação de João Goulart. Sérgio teve contato com a política desde criança, pois sua casa era um centro de reuniões. Conheceu Tasso na infância, estudaram juntos e eram do mesmo grupo de amigos. Serviu ao exército, onde chegou a ser promovido a Cabo. Também participou de movimento estudantil.

Todas as lideranças citadas tornaram-se empresários bem sucedidos e assumiram a direção do CIC. No que diz respeito ao caráter de ruptura com os grupos dos coronéis, esses jovens empresários não eram lideranças com cargo político estatal no currículo. Apesar de ser filho de político, Tasso chegou ao governo do Estado assumindo o primeiro “governo das mudanças” sem o exercício de uma vida partidária.

Sobre a atuação desse grupo no governo do Estado, mesmo que o processo de industrialização tenha iniciado no primeiro governo de Virgílio Távora, é evidente que ocorreu uma intensificação dessa industrialização nos governos Cambéa. Isso ocorreu, sobretudo, pela implementação de uma modernização conservadora no Ceará, baseada na associação do processo de aprofundamento do capitalismo no país com o modelo de funcionamento americano (MUNIZ, 2007).

Mesmo que esses governos tenham continuado com as práticas do clientelismo e da patronagem seu rompimento com a política dos coronéis era nítido. Contudo, quando observamos pela ótica da direção social, no sentido atribuído por Gramsci (2001), pode

---

<sup>57</sup> Carlos Jereissati faleceu no ano de 1963, pouco tempo depois de assumir o cargo de senador.

<sup>58</sup> Tasso casou com Renata Queiroz, filha de Edson Queiroz, dono da maior fortuna do Estado do Ceará e de um sistema de comunicação que englobava até a Televisão Verdes Mares, filiada à Rede Globo (MUNIZ, 2007, p. 148).

saltar aos olhos uma certa conservação de um poder já consolidado, não o do coronelismo, mas do capital empresarial. Com exceção de Beni Veras, que teve uma origem humilde, os demais são originários de famílias de empresários e políticos com um forte poder social no Estado do Ceará baseado no capital. Assim, evidentemente, ocorreram mudanças em relação aos grupos por trás do poder executivo do Estado, mas que não representaram rupturas antagônicas com o poder dirigente cearense, uma vez que suas famílias já faziam parte dele.

Depois de ter chamado atenção para algumas relações entre a política local e estadual, apontando suas principais características na transição pós-autoritária, as próximas páginas são organizadas em torno das três primeiras eleições para prefeito de Limoeiro do Norte ocorridas pós o início da chamada Nova República, especificamente em 1988, 1992 e 1996, com o objetivo de problematizá-las, no que diz respeito aos seus bastidores, grupos políticos, atuação da imprensa e relações com o estadual e o nacional.

## **2.1. MUDANÇAS ELEITORAIS EM LIMOEIRO DO NORTE NO INÍCIO DA “NOVA REPÚBLICA”**

Ainda no governo do então presidente general Ernesto Geisel (1974-1979) iniciou o processo que deu encaminhamento ao fim da ditadura. O próprio mandatário declarou que seu governo seria marcado por um processo de “abertura lenta, gradual e segura”, embora também tenha dito que seu governo “prosseguirá na diretriz que norteia a Revolução de 1964”<sup>59</sup>.

Fato é que independentemente do discurso de Geisel já não era mais possível continuar com a mesma política extrema do ex-presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), uma vez que, por conta dessa mesma extremidade, o cenário de apoio civil, popularidade do regime, bem como sua situação econômica, era cada vez mais desfavorável.

---

<sup>59</sup> **No pronunciamento à Nação, as diretrizes do futuro Governo.** Jornal O Globo. Rio de Janeiro, p.06, 16 de jan. 1974.

Grande parte da sociedade civil que havia dado caloroso apoio ao golpe em 1964 estava mudando de lado à medida que a gestão de Geisel ia passando, fazendo o regime se tornar cada vez mais impopular. Após as incontáveis violações aos Direitos Humanos, abusos de poder das forças armadas com violência exacerbada, censura rígida e banal, perseguição e castração de vários direitos civis (inclusive de personalidades religiosas) – estes procedimentos que nada mais eram do que o pilar que sustentava o regime ditatorial –, ainda para não mencionar também o início do esgotamento do milagre econômico, vamos observando o nível de popularidade do regime entrando em baixa paulatinamente. Sinalizando tudo isso, politicamente a ARENA se via cada vez mais fragilizado e perdendo lugar para o MDB (LEITE, 2017, p. 42).

Dentre esses apoios que cada vez mais tencionavam a mudar de lado, estavam a Ordem de Advogados do Brasil - OAB, a imprensa, a igreja católica, parte do empresariado, bem como os Estados Unidos, com o governo de Jimmy Carter (1977-1981) que diferentemente do governo de Richard Nixon (1969-1974) que deu amplo apoio às ditaduras na América Latina, começou a mudar essa política, construindo um governo de caráter pacificador e conciliador, influenciando “no processo de abertura democrática de países da América Latina que estavam sob o julgo de ditaduras”. No que diz respeito ao Brasil, “os norte americanos, por decisão do congresso, em 1977, exigiram um relatório da situação dos direitos humanos”. Com isso, os militares brasileiros “em ríspida resposta cancelaram prontamente a cooperação militar com os EUA, assinada em 1952” (LEITE, 2017, p. 49).

No dia 15 de março de 1979 foi eleito de forma indireta João Batista Figueiredo como o último presidente da ditadura. O então presidente, que teve o apoio de seu antecessor Geisel, continuou com a política de “abertura lenta, gradual e segura”. Exemplo maior dessa política foi a lei 6.683, de 28 de agosto de 1979, que decretou anistia pelos crimes cometidos no regime ditatorial, contudo, somente aos praticados pelos próprios militares.

Todos os civis que haviam sido enquadrados em atos de “terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal” como diz o parágrafo 2º do art. 1º ainda continuaram presos cumprindo pena. Por outro lado, seus torturadores continuavam desfrutando de total liberdade e proteção judicial (LEITE, 2017, p. 55).

Além da Anistia, o mês de agosto desse mesmo ano também foi marcado pelo fim do decreto-lei nº477, criado em 26 de fevereiro de 1969, que definiu infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particular, sendo essas práticas consideradas subversivas, contrárias à moral ou à ordem pública. Também no ano de 1979, especificamente no dia 22 de novembro, foi aprovado o fim do bipartidarismo, embora os partidos socialistas e comunistas tenham sido novamente legalizados apenas em 1985.

Diante desses lentos avanços para a redemocratização do país, o fim do mandato do último militar da ditadura foi marcado por uma eleição indireta realizada no Congresso Nacional, que elegeu Tancredo Neves como presidente do Brasil no dia 15 de janeiro de 1985. Tancredo faleceu antes de assumir a presidência, deixando o cargo para o então vice-presidente José Sarney<sup>60</sup>. A posse de Sarney ficou conhecida por encerrar o regime Militar e dar início a chamada Nova República, embora tenha ficado evidente que esse processo, lento, gradual e seguro (para os militares) como foi, desmistifica qualquer fato com pretensões de ruptura.

Essa conjuntura nacional de transição política – da ditadura à democracia – afetou em níveis distintos a vida política do país. Mudanças como o retorno do pluripartidarismo, e a conseqüente criação de novos partidos no ano de 1980 como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Popular (PP), e a volta de funcionamento de partidos como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), não são sentidas da mesma maneira nas capitais e nas cidades interioranas.

Em 15 de novembro de 1988, ocorreu a primeira eleição para prefeito após o início da chamada Nova República (1985). No que diz respeito àqueles que administravam o município de Limoeiro do Norte, delimitação espacial desse trabalho, a transição política de âmbito nacional não apresentou mudanças opostas, uma vez que o prefeito eleito em 1988 foi João Dilmar que, como foi dito no início desse capítulo, já fazia parte do grupo gestor da prefeitura municipal na condição de vice-prefeito, eleito em 1982.

---

<sup>60</sup> Passados pouco mais de três meses de sua eleição, Tancredo Neves, depois de 38 dias internado no Instituto do Coração na cidade de São Paulo, teve, em 21 de abril de 1985, sua morte anunciada pelo secretário de imprensa da Presidência da República, o jornalista Antônio Britto. No dia seguinte, 22 de abril, o então vice-presidente José Sarney, que assumia interinamente o cargo de presidente, passou a ser, de fato, Presidente da República.

Nessa eleição, João Dilmar recebeu o apoio do então prefeito José de Oliveira Bandeira, mas para isso o mandatário estabeleceu algumas exigências. Conforme relatou o memorialista Maurilo Freitas<sup>61</sup>, ele teria pedido para que sua filha Lúcia<sup>62</sup>, e seu filho José Gladis de Lima Bandeira, continuassem exercendo importantes cargos na administração municipal, Lúcia como secretária de administração e Gladis no setor financeiro. Outra exigência feita pelo ex-prefeito era que “o candidato a vice-prefeito fosse por indicação sua e colocou o seu primo Pedro Julião”.

As eleições de 1988 contaram com um total de cinco candidaturas. Os formadores dessas cinco chapas foram, respectivamente, para prefeito e vice prefeito: João Dilmar da Silva e Pedro Julião Bandeira Régis<sup>63</sup>; Rita de Cássia Freitas Peixoto Rebouças e Reuber Tadeu Vieira e Silva<sup>64</sup>; Wilson Craveiro Holanda e Arnóbio Santiago; Sebastião Maia Andrade e Wilson Estácio Filho<sup>65</sup>; José Orismilde Moura e Carlos Adalberto Celedônio.

#### Quadro 1 – Resultado das Eleições do ano 1988

<b>Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 1988</b>			
<b>Partido</b>	<b>Nº</b>	<b>Candidato(a)</b>	<b>Votos</b>
PDS	41	João Dilmar da Silva	10.186
PPS	23	Rita de Cássia Freitas P. Rebouças	4.588
PSDB	45	Wilson Craveiro Holanda	1.189
		Sebastião Maia Andrade	907
PDT	40	José Orismilde Moura	646
<b>Votos Brancos</b>			1.846

<sup>61</sup> Disponível em:<[História Política de Limoeiro do Norte \(maurilofreitas.blogspot.com\)](http://maurilofreitas.blogspot.com)> Acesso em: 28 de jul. 2021.

<sup>62</sup> Não foi possível encontrar seu nome completo.

<sup>63</sup> Pedro Julião Bandeira Régis; nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 03 de junho de 1952. Ocupação: agricultor.

<sup>64</sup> Reuber Tadeu Vieira e Silva; nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 28 de outubro de 1955. Possui formação em medicina.

<sup>65</sup> Não foi possível encontrar informações a respeito da legenda partidária dessa chapa.

<b>Votos Nulos</b>	499
--------------------	-----

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE

A família Freitas Peixoto da candidata Rita de Cássia foi aliada do coronel Manuel de Castro assim como foi José de Oliveira Bandeira e João Dilmar. Na verdade, faziam parte do mesmo grupo. Tanto Manuel quanto Rita, estiveram engajados na eleição de José de Oliveira Bandeira e João Dilmar, respectivamente, para prefeito e vice-prefeito no pleito eleitoral de 1982.

Rita foi eleita em 1982 para vereadora chegando a assumir a presidência da Câmara dos vereadores. Deixou o grupo de José de Oliveira Bandeira durante a gestão e resolveu encabeçar uma candidatura para prefeita do município de Limoeiro do Norte no pleito de 1988, com o apoio do governador do Estado do Ceará Tasso Jereissati, inclusive, aparelhando sua campanha ao discurso de mudança do governador, com seu slogan “Vote pelas mudanças”<sup>66</sup>.

Quando partimos para analisar a situação dos vereadores limoeirenses, é evidente que o retorno do pluripartidarismo, aprovado desde 1979, ocasionou uma série de efeitos para as eleições municipais, contudo, relatou Antônio Pergentino<sup>67</sup> que esses efeitos foram sentidos significativamente em Limoeiro do Norte apenas a partir de 1988, apresentando complicações inexistentes em relação as eleições de 1982, para aqueles que já conservavam um lugar na câmara municipal. Pergentino contribuiu para esclarecer algumas destas complicações:

Aproximou-se o final do mandato e com ele as eleições de 1988. Era desejo meu não mais concorrer as eleições, porém ocorreu que a escolha do candidato a prefeito recaiu na pessoa de um ex-aluno meu e grande amigo, Dr. João Dilmar da Silva, que fez uma certa exigência para que eu disputasse novamente a vereança. Muitos obstáculos se apresentavam para essa minha nova disputa.

Vários partidos se organizaram na cidade e lançaram um número enorme de candidatos, mudando por completo o ritual numérico das eleições passadas. O número de novos candidatos atingiu a cifra de

<sup>66</sup> Disponível em: <[História Política de Limoeiro do Norte \(maurilofreitas.blogspot.com\)](http://maurilofreitas.blogspot.com)> Acesso em: 28 de jul. 2021.

<sup>67</sup> Nas eleições de 1988, Pergentino concorria ao seu quarto mandato como vereador.

cento e sete, dificultando de muito o remanejamento do eleitorado. Cada setor da zona rural apresentou dois ou três candidatos e a cidade, por sua vez, apresentou muitos candidatos de ambos os sexos. As dificuldades se avolumavam de tal modo para mim, que, num levantamento feito, encontrei o elevado número de candidatos de famílias que votaram comigo em outras eleições. Neste elenco de novos candidatos, estava um sobrinho legítimo (NUNES, 1999, p. 238-239).

Apesar das dificuldades impostas pelo pluripartidarismo relatadas por Pergentino, ele foi novamente eleito ao cargo de vereador em 1988. Em um total de dezenove eleitos, treze, incluindo Pergentino, faziam parte do mesmo partido de João Dilmar, o PDS. Pergentino conta ainda que foi o menos votado de seu partido, contudo, obteve mais votos do que qualquer um dos candidatos dos demais partidos, PT, PTB, PDT e PMDB (NUNES, 1999, p. 239).

A mesma coisa aconteceu no executivo municipal, o retorno do pluripartidarismo só provocou impacto de fato nas eleições de 1988. Na eleição anterior, ocorrida no ano de 1982, os dois candidatos, José de Oliveira Bandeira e Wilson Craveiro Holanda, disputaram-na com a mesma legenda partidária, o PDS, ex ARENA, bem como apoiavam o mesmo candidato ao governo do Estado, o senhor Gonzaga Mota, candidato dos coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals<sup>68</sup>.

Já na eleição de 1988, Wilson Craveiro Holanda se candidatou novamente a prefeito de Limoeiro do Norte, contudo, dessa vez pelo PSDB, que havia sido recentemente fundado, em 25 de junho de 1988.

Com isso, podemos observar que algumas transformações ocorreram na dinâmica política das eleições municipais de 1988, considerando as transições políticas de âmbito estadual e nacional, sobretudo no que diz respeito a possibilidade de novos sujeitos disputarem as eleições, porém, não podemos de forma alguma afirmar que significou uma ruptura com os grupos da ordem vigente tanto na câmara dos vereadores quanto no executivo municipal.

O historiador francês René Rémond chegou a afirmar que “entre outros fatores políticos que concorrem para moldar uma sociedade e influenciar o curso dos acontecimentos, estão as instituições.” (2003, p. 448). Concordo em parte com ele, uma

---

<sup>68</sup> Disponível em: <[História Política de Limoeiro do Norte \(maurilofreitas.blogspot.com\)](http://maurilofreitas.blogspot.com)> Acesso em: 28 de jul. 2021.

vez que o retorno do pluripartidarismo, como mudança institucionalizada que foi, ocasionou transformações nas atividades eleitorais. Contudo, não foi o bastante para moldar a sociedade causando mudanças antagônicas com a ordem vigente, conservando aqueles que já estavam no poder.

Ao contrário do que defendeu Rémond, pelo menos no que diz respeito à política local de Limoeiro do Norte, o poder de direção social da elite limoeirense influenciou o curso dos acontecimentos nas eleições municipais, de tal forma que o poder do comando político institucional foi subjugado. Por que isso aconteceu?

Segundo Antonio Gramsci, a relação entre a “sociedade civil” e o Estado ou “sociedade política”<sup>69</sup> ocorre de forma dialética, ou seja, “ao contrário do que fazem hoje muitos pensadores liberais e social-democratas, Gramsci não trata a sociedade civil como uma zona neutra situada “para além do Estado e do mercado”. Ao contrário, ele a considera como parte do Estado” (COUTINHO, 2011, p. 25). Fato que explica as subjetividades políticas de cada espaço social.

As eleições de 1992 trouxeram elementos peculiares para a política limoeirense, uma vez que a vitória de Ademar Celedônio Guimarães e Reuber Tadeu Vieira e Silva, respectivamente, como prefeito e vice-prefeito, significou o primeiro e único mandato do PSDB no município até hoje. O partido ainda obteve outras conquistas na gestão da cidade de Limoeiro através de ligações das quais ele participava.

Fato é que essa eleição foi apenas a segunda em que o partido participou com candidaturas para o executivo municipal, uma vez que, como já foi relatado, foi fundado em 1988. No entanto, torna-se importante observar a ascendência desse partido, tanto no âmbito municipal com celedônio em 1992, no estadual com Ciro Gomes, eleito governador do Estado do Ceará em 1991, e no âmbito nacional, primeiro através de Mário Covas, fundador do partido, que concorreu à presidência da república em 1989, ficando em quarto lugar de 22 candidatos, e depois com Fernando Henrique Cardoso que venceu as eleições presidenciais de 1994, no 1º turno.

---

<sup>69</sup> Para Gramsci, a sociedade política “designa o conjunto dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal de coerção; trata-se do que ele chama muitas vezes de Estado em sentido estrito ou Estado-coerção, formado pelas burocracias ligadas às forças armadas e à aplicação das leis, ou seja, em última instância, por aquilo que habitualmente chamamos de governo”. Já a sociedade civil é “uma decisiva arena da luta de classes, na qual os diferentes grupos sociais lutam para conservar ou conquistar hegemonia” (COUTINHO, 2011, p. 25).

As demais candidaturas para o cargo de prefeito e vice-prefeito de Limoeiro do Norte na eleição de 1992 foram as de José de Oliveira Bandeira e Sebastião Maia de Andrade, pelo PDS, e Pedro Julião Bandeira Regis e Lindenor Andrade Maia<sup>70</sup>, pelo PDT.

#### Quadro 2 – Resultado das Eleições do ano 1992

<b>Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 1992</b>			
<b>Partido</b>	<b>Nº</b>	<b>Candidato(a)</b>	<b>Votos</b>
PSDB	45	Ademar Celedônio Guimarães	8.767
PDS	11	José de Oliveira Bandeira	7.476
PDT	12	Pedro Julião Bandeira Regis	6.861
<b>Votos Brancos</b>			1.229
<b>Votos Nulos</b>			329

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE

No que diz respeito ao discurso de imprensa publicado sobre o impacto que essa administração causou no município, a primeira edição do jornal *Folha do Vale*, datada de março do ano 1997, apresenta alguns indícios através do texto intitulado “Um grito de esperança” de Aécio de Castro. Nele, o autor faz uma avaliação negativa da administração de Ademar Celedônio, afirmando que:

Nestes últimos anos, o município de Limoeiro do Norte vem atravessando uma das fases mais melindrosas de sua vida política, social e administrativa. O descaso, a incompetência, a desorganização e a insegurança baixaram o seu manto aterrorizador sobre todos nós, para ficarmos emaranhados nas malhas do infortúnio.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> Lindenor Andrade Maia; nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 16 de fevereiro de 1953. Possui formação em medicina.

<sup>71</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

Como foi mencionado na introdução desse trabalho, muitos dos personagens que atuaram na política de Limoeiro estiveram envolvidos por outras instâncias sociais, caso do autor desse texto. Aécio de Castro foi tenente do exército, engenheiro agrônomo e atuou como secretário da cultura de Limoeiro do Norte na administração de Ademar Celedônio. Além disso, foi um conhecido escritor limoeirense, membro e primeiro presidente da Academia Limoeirense de Letras<sup>72</sup>.

Comprometido em estabelecer uma crítica a este negativo passado, do qual participou, e alimentando o “grito de esperança” apologizado no título de seu texto, Aécio defendeu que, especificamente sobre as eleições municipais de Limoeiro do Norte para o ano de 1996, concluiu que “[...] com elas, surgiu nova sensação de melhores dias para o limoeirense”<sup>73</sup>.

Estas construções são discursos intencionados que apontam melhorias em detrimento do grau de novidade que as eleições proporcionam. Elas contribuem para construir discursos de ruptura com um passado indesejado, mesmo que este passado assombre fantasmagoricamente o presente através de uma nova roupagem. Ao longo desse capítulo mostraremos como essa prática tornou-se bastante comum nas páginas do *Folha do Vale*.

Apesar do município de Limoeiro do Norte desde muito cedo ter desenvolvido suas relações de comunicações, uma vez que se tornou cidade em 1897 e seu primeiro periódico “O Limoeiro” data de 1909, nunca contou com variadas opções de periódicos circulando ao mesmo tempo. Ao longo de sua história, para além do já mencionado primeiro periódico, Limoeiro teve

“O Alvorada” (1919), “Voz do Campo” (1938 – noticioso da Escola Normal Rural), “O Campônico” 1948 – órgão literário do Grupo Escola Joaquim de Menezes), “O Arauto”, “O Esporte”, “Liceu em Marcha” (1972), “Vale Jovem” (1973 – noticioso da Diocese, coordenado pelo Padre José Olímpio Castello Branco). “Sal da Terra” (1993), “Folha do Vale” (1997) (SILVA, 1998, p. 76-78).

Sendo assim, para contextualizarmos o tema deste trabalho, bem como analisarmos as relações estabelecidas entre a imprensa e a política de Limoeiro do Norte

---

<sup>72</sup> Aécio de Castro faleceu em 13 de agosto de 2011.

<sup>73</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

no período aqui estudado, utilizamos o jornal *Folha do Vale*, criado em 1997 com sede em Limoeiro do Norte, pelo fato de ter sido e ainda ser, desde sua criação, o único jornal com programação especificamente voltada para a microrregião do Baixo Jaguaribe.

## **1.2. A PREFEITURA DE LIMOEIRO DO NORTE E OS PROJETOS DE ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO DO ESTADO DO CEARÁ**

Com a vitória de José de Oliveira Bandeira para prefeito de Limoeiro do Norte nas eleições de 1996, muitas expectativas foram lançadas. O mesmo texto publicado pelo Jornal *Folha do Vale* que desqualificou o mandato de Ademar Celedônio, elogiou a vitória do “novo” administrador, defendendo que “dele, muito se espera, pois a experiência, a organização e o fato de ter tido boa “performance” administrativa durante a sua primeira gestão são fatores que lhe dão credibilidade”<sup>74</sup>.

Aécio de Castro, autor do texto, ainda chamou atenção para o fato de que José de Oliveira Bandeira seria o administrador do centenário da cidade. Como já foi mencionado, o centenário ocorreu no ano de 1997. Outro fator importante que Aécio não mencionou é que essa administração seria responsável pela instalação dos primeiros exemplares dos projetos idealizados pelo Secretário da SECITECE – Secretaria da Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará –, o senhor Ariosto Holanda, e que ele, Aécio, seria escolhido como primeiro diretor de um desses projetos.

Foram esses projetos: o Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC), o Centro Vocacional Tecnológico (CVT) e o Núcleo de Informação Tecnológica (NIT), sendo este último o projeto que teve Aécio como seu primeiro diretor. Os três foram projetos educacionais com características profissionais e tecnológicas, e chamavam atenção, sobretudo o CENTEC, pelas suas pretensões estaduais e nacionais.

A inauguração do CENTEC durante o mandato de José de Oliveira Bandeira fez parte de uma política industrial, integrada à imagem de um grupo específico da política do Estado do Ceará, que pretendeu mostrar-se diferente de todo o passado administrativo cearense.

---

<sup>74</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

O CENTEC foi um projeto apresentado por Ariosto Holanda, contudo, este não era visto como a personalidade símbolo desta imagem modernizadora. O próprio Ariosto, em entrevista concedida ao jornal *Folha do Vale*, descreve que os projetos CENTEC, CVT e NIT só “[...] se tornaram viáveis graças a um modelo político liderado pelo governador Tasso Jereissati”<sup>75</sup>. Tasso representava o rosto do novo modelo político estadual comandado pelos novos empresários.

Durante a citada inauguração, estavam presentes o prefeito de Limoeiro do Norte, José de Oliveira Bandeira; o secretário da Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará, Ariosto Holanda; o governador do Ceará, Tasso Jereissati; e o ministro da educação, Paulo Renato de Souza, além de populares. No que diz respeito ao município de Limoeiro do Norte, não funcionou apenas como mais um a receber tal projeto, ele foi o primeiro do país a inaugurar um Centro de Ensino Tecnológico nesse modelo. Sendo assim, segundo o ministro da educação Paulo Renato, “Limoeiro passaria, a partir dali, a ser um ponto de referência internacional”<sup>76</sup>.

No ano de 1997, ao ser questionado sobre as prioridades da região jaguaribana, Ariosto Holanda entendia que o único CENTEC da região até então, que residia em Limoeiro<sup>77</sup>, juntamente com os CVTs de Limoeiro do Norte, Itaiçaba e Tabuleiro do Norte, e o NIT de Limoeiro, iam de acordo com o plano de desenvolvimento da região, uma vez que exploravam as vocações regionais na área de fruticultura irrigada e eletromecânica<sup>78</sup>.

O desenvolvimento da região que Ariosto mencionou diz respeito, sobretudo, ao agronegócio que atua em grande escala no Baixo-Jaguaribe. Para essa atuação, o primeiro passo foi a construção do açude Orós ou açude Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1961, maior do estado do Ceará até a construção do açude Castanhão em 2002. A construção do Orós possibilitou, no ano de 1970, a implantação do primeiro grande perímetro irrigado do Baixo-Jaguaribe, no município de Morada Nova. Depois foi instalado em 1977, o perímetro público de Jaguaruana (ARAÚJO, 2003, p. 109). Ambos fazem parte da política de irrigação projetada pela Superintendência do Desenvolvimento

---

<sup>75</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 06, dez. 1997.

<sup>76</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

<sup>77</sup> Já existiam o de Juazeiro do Norte na região do Cariri, e o de Sobral na região do Vale do Acaraú.

<sup>78</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 06, dez. 1997.

do Nordeste (SUDENE) e executada pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Essa política de irrigação no espaço agrário nordestino foi impulsionada no final da década de 1960, com o objetivo de “introduzir um novo modelo de produção agrário/agrícola nessa região, via modernização da agricultura e incentivo a culturas agrícolas de maior rentabilidade, com destaque para a fruticultura irrigada” (PONTES, 2012, p. 03). Para tal objetivo, o Governo Federal enxergou como essencial a implantação dos perímetros públicos irrigados. Abaixo segue um quadro com a devida distribuição desses perímetros pelo Nordeste.

**Quadro 3 - Distribuição dos Perímetros irrigados no Nordeste**

Distribuição dos perímetros irrigados (DNOCS) no semiárido				
		Período de construção		
Estados	Nº de perímetros	1968-1979	1980-1989	1990-1992
Bahia	03	03	0	0
Ceará	14	10	03	01
Paraíba	03	03	0	0
Pernambuco	04	04	0	0
Piauí	06	04	02	0
Rio Grande do Norte	05	04	01	0
Total	35	28	06	01

FONTE: PONTES, 2012.

Como podemos observar, todos os perímetros do Nordeste foram construídos entre os anos 1968 e 1992. Destes, 40% foram instalados somente no Ceará, mostrando a importância do estado para a política irrigada. No que diz respeito ao período de instalação dos perímetros: 80% iniciaram sua construção no período 1968-1979; 17% no período 1980-1989; e apenas um perímetro, “o Tabuleiro de Russas, no Ceará, teve sua construção iniciada na década de 1990” (PONTES, 2003, p. 03).

Em 1989, foi a vez da instalação do perímetro público irrigado Jaguaribe-Apodi no Município de Limoeiro do Norte. A primeira etapa desse projeto piloto foi destinada aos pequenos produtores locais, já a segunda etapa, com o segundo lote que compreendia a maior parte das terras desapropriadas para o perímetro irrigado, foi destinada aos grandes empresários que compraram essas terras para a agricultura industrial. Os principais beneficiados foram os proprietários das empresas: Frutacor, Bananas do Nordeste S/A ou Pura Vida e Del Monte Fresh Produce (SANTOS, 2002).

Diante disso, o CENTEC ofereceu cursos que foram pensados considerando as demandas de trabalho promovidas pela atividade do agronegócio. Como mostra o quadro abaixo, dos sete cursos técnicos e tecnológicos oferecidos pela instituição, três deles eram relacionados diretamente à cultura irrigada, dois ao meio ambiente, e dois eram voltados aos componentes elétricos e mecânicos.

**Quadro 4 - Lista dos cursos ofertados no Instituto CENTEC**

Cursos do Instituto CENTEC em Limoeiro do Norte (nos anos 1997 a 2008)	
Tecnológicos	Tecnologia em Alimentos
	Tecnologia em Eletromecânica
	Tecnologia em Saneamento Ambiental
	Tecnologia em Irrigação e Drenagem
Técnicos	Meio Ambiente
	Fruticultura
	Mecânica

Fonte: (SANTOS, 2017, p. 59).

Esse desenvolvimento da região alcançado através da atuação do agronegócio é bastante controverso. Para compreendermos as contradições desse desenvolvimento é necessário questionarmos sobre os verdadeiros beneficiados dessa política irrigada, bem como suas consequências para a população local e o meio ambiente. Segundo Luciana de Sousa Santos:

As políticas e/ou estratégias de desenvolver o semiárido no Ceará, mais especificamente no Baixo Jaguaribe e particularmente em Limoeiro do Norte, perpassam por medidas governamentais que apontam crescimento/desenvolvimento através de índices de elevação de produtividade e renda. Ao contrário dessa perspectiva, uma parcela significativa dos pequenos agricultores e estudiosos das áreas de saúde, meio ambiente, geografia e história dizem que houve na verdade um retrocesso na produção agrícola. Tal visão se ergue ao considerar os danos no solo e na água pelo uso excessivo de fertilizantes e a exagerada produtividade, que desrespeita os intervalos de restauração do solo, tornando-o improdutivo. Na esfera da saúde há índices elevados de doenças, inclusive câncer, ligados ao agrotóxico, além de doenças relacionadas ao trabalho exaustivo; assim como o remanejamento ou migração das populações rurais devido à instalação das agroindústrias (SANTOS, 2002, p. 52-53).

Considerando os malefícios elencados pela autora que são causados pelo agronegócio, no município de Limoeiro do Norte ocorreu e ocorre forte resistência a essa cultura irrigada, com destaque para a atuação do ativista ambiental e líder comunitário José Maria Filho, mais conhecido como Zé Maria do Tomé, que foi assassinado com vinte e cinco tiros de arma de fogo no dia 21 de abril de 2010. Entre as várias reivindicações realizadas por Zé Maria, destacou-se “o combate ao uso abusivo de agrotóxicos, principalmente por meio de pulverização aérea, denúncia de contaminação da água com agrotóxicos e ocupação irregular de grandes empresas em áreas públicas”. Devido à essas reivindicações sociais, o Líder comunitário “teria feito vários desafetos, entre os quais João Teixeira Júnior, proprietário da empresa Frutacor”, que foi acusado e depois inocentado de ser mandante do crime de pistolagem contra o ativista ambiental<sup>79</sup>.

Voltando aos projetos educacionais, especificamente no que diz respeito ao NIT, foi criado a partir de uma reunião ocorrida em 22 de abril de 1997 no CENTEC de Limoeiro do Norte, que havia sido inaugurado um mês antes. Essa reunião ocorreu por ocasião do planejamento das atividades do centenário municipal (MACHADO, 2016, p. 68). Nela, o secretário Ariosto Holanda lançou duas propostas, a primeira dizia respeito a “publicação de um livro, que contivesse o resgate histórico e fotográfico do município, ao longo dos seus cem anos, com lançamento em agosto”, o livro foi lançado na data prevista com o seguinte título: Limoeiro em Fotos e Fatos. A segunda proposta correspondia “a transformação da ex-Associação Cultural (ACLN) em Centro Cultural

---

<sup>79</sup> Justiça conclui julgamento da morte de ambientalista de Limoeiro do Norte. **Tribunal de Justiça do Estado do Ceará - TJCE**, 22 de mar. de 2017. Disponível em: <[Justiça conclui julgamento da morte de ambientalista de Limoeiro do Norte – TJCE](#)>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

de Limoeiro do Norte” determinando assim a criação do NIT, inaugurado durante o evento do centenário, em agosto de 1997 (FREITAS; OLIVEIRA, 1997, p. 387).

Ao ser questionado se a instituição era um privilégio somente de Limoeiro do Norte ou se seria estendido para outros municípios, Ariosto Holanda explicou que:

Limoeiro do Norte partiu na frente graças a agilidade com que a prefeitura abraçou a idéia. Muitos municípios já estão interessados em replicar o modelo do NIT. Estão vendo que é preciso antecipar medidas para estancar o problema da falta de ocupação da juventude. O ócio acaba gerando vício. Em vez disso, o NIT mostra um novo horizonte, contribui para o aumento da auto-estima dos jovens e estimula para o trabalho e dá perspectivas profissionais.<sup>80</sup>

Importante observar a forma como a prefeitura “abraçou” os projetos do secretário da SECITECE. O diálogo entre Ariosto Holanda e a administração de José de Oliveira Bandeira tem início ainda no processo eleitoral de 1996, uma vez que Ariosto, já a frente da SECITECE desde 1995, apoiou sua candidatura para prefeito.

Para as eleições municipais de 1996, se candidataram em Limoeiro do Norte um total de seis chapas, tendo como candidatos a prefeito: José de Oliveira Bandeira; João Dilmar da Silva<sup>81</sup>; Pedro Julião Bandeira Regis<sup>82</sup>; Lauro Rebouças Filho (Laurinho)<sup>83</sup>; Reuber Tadeu Vieira e Silva; e José Arnaldo Araújo.

#### Quadro 5 – Resultado das Eleições do ano 1996

Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 1996			
Partido	Nº	Candidato(a)	Votos

<sup>80</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 06, dez. 1997.

<sup>81</sup> Depois de 1988, João Dilmar voltou a disputar o cargo de prefeito de Limoeiro do Norte no pleito eleitoral de 1996, contudo, nesta oportunidade, concorrendo pelo PSDB, João Dilmar teve como um de seus adversários políticos José de Oliveira Bandeira (Careca), o mesmo que fora seu aliado de chapa nas eleições de 1982 pelo PDS. Na ocasião, como foi dito acima, Careca acabou assumindo a gestão.

<sup>82</sup> É importante ressaltar que, bem como ocorreu com Dilmar e Careca, em relação a sua aliança de 1982 e a sua oposição em 1996, ocorreu com Dilmar e Pedro Julião Bandeira Regis. Julião foi eleito juntamente com Dilmar em 1988, respectivamente, como vice-prefeito e prefeito, mas na eleição de 1996 era oposição, concorrendo para o cargo de prefeito.

<sup>83</sup> Lauro Rebouças Filho, mais conhecido como Laurinho, nasceu no município de Limoeiro do Norte -CE, no dia 07 de julho de 1948. Servidor público aposentado.

PSD	41	José de Oliveira Bandeira	7.621
PSDB	45	João Dilmar da Silva	6.431
PMDB	15	Pedro Julião Bandeira Regis	4.832
PFL	25	Lauro Rebouças Filho	3.267
PDT	23	Reuber Tadeu Vieira e Silva	3.088
PTB	14	José Arnaldo Araújo	212
<b>Votos Brancos</b>			419
<b>Votos Nulos</b>			750

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE

Apesar da administração de José de Oliveira Bandeira ter sido associada a uma imagem modernizadora, aquela personalizada pela figura dos “novos” empresários cearenses, no último ano de seu mandato, bem como ocorreu com a administração de Ademar Celedônio, surgiram algumas avaliações de sua gestão. Maury Freitas, em seu texto intitulado “Quem te salvará Limoeiro?”, faz uma negativa avaliação da administração de José de Oliveira Bandeira, direcionando seu pensamento ao resultado das próximas eleições, entendendo que o candidato que viria a sair vitorioso,

Receberá um município falido nos mais diversos aspectos a começar, pelo atraso no pagamento dos servidores e fornecedores que certamente decidirão por mudanças: um trânsito confuso e sem qualquer disciplina, que necessita ser melhorado; um plano direto que organize o crescimento urbano definindo áreas aos seus diversos seguintes, residenciais, comerciais, industriais, etc; [que planifique o] uso da água para o consumo humano e irrigação do solo, visto que certamente enfrentaremos anos de cede [sic]; solução definida para o uso do lixo, visto que o que hoje se pratica não passa de arremedo e paliativo, sem solução definida; os investimentos que Limoeiro não recebem para o término do ginásio coberto, para o matadouro e outros onde estão? A famosa indústria de calçado que empregaria mais de duas mil pessoas diretamente e que até hoje não se tem notícia?<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 28, abr. 2000.

As críticas apontadas acima, quando analisadas em detrimento das eleições, funcionaram da mesma maneira que as críticas apontadas para a administração de Ademar Celedônio, uma vez que significaram a deslegitimação de um passado presente indesejado, que, para os autores, só podiam ser superados a partir do resultado das próximas eleições.

A avaliação negativa antecede e prepara um discurso de esperança, contudo, essa “salvação” da qual o texto de Maury se ocupa, sempre se encontra no limiar das expectativas criadas nas eleições. Ou seja, de quatro em quatro anos é preciso que alguém “salve” Limoeiro do ano anterior, e dos anteriores a este. Antes o problema era Ademar Celedônio e José de Oliveira Bandeira (Careca) era a solução. Agora, segundo esse texto, a administração que andava de mãos dadas com a política mudancista do Estado do Ceará era responsável por deixar o município falido.

Ainda sobre as críticas que foram listadas acima, em outro texto, publicado dois meses depois, também no jornal *Folha do Vale*, Maury Freitas fez um discurso de salvação apontando novamente o advento das próximas eleições como oportunidade ímpar de expurgar todo o passado indesejado. Diferente do primeiro texto em que Maury Freitas defendeu uma visão mais homogênea apenas das duas últimas administrações (Ademar e José de Oliveira Bandeira) em detrimento de suas irresponsabilidades, nesse segundo texto, Maury coloca a administração de José de Oliveira Bandeira no mesmo “saco” dos mandatos exercidos nos últimos dezesseis anos, ou seja, todas as administrações correspondentes ao período da chamada Nova República<sup>85</sup>.

O mesmo jornal que apresentava no ano de 1997, através do autor Aécio de Castro, a vitória de José de Oliveira Bandeira como fator de credibilidade, sem nenhuma menção de associação com Ademar Celedônio, nas edições dos meses de abril e junho do ano 2000, através de Maury Freitas, apresentava um discurso diferente, o de continuação de irresponsabilidades e falta de compromisso.

Além disso, na edição do mês de setembro do ano 2000 o jornal entendeu que “há mais de trinta anos que o candidato apoiado pela prefeitura não perdia as eleições em Limoeiro”, afirmando que “[...] (Careca) foi eleito pelo então prefeito Ademar Celedônio”<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 30, jun. 2000.

<sup>86</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 33, set. 2000.

Com isso, podemos perceber o caráter intencional dos discursos articulados envolta das eleições municipais. São utilizadas narrativas de ruptura ou de continuação conforme as circunstâncias, seja para ter sucesso na construção de discursos de esperança para cada eleição que se inicia, seja para apontar segmentos de poderes.

Partindo de uma análise hegemônica das práticas sociais, percebemos que tanto nas esferas nacional e estadual, quando na esfera municipal, ocorreu segmentos de poderes durante o período da segunda redemocratização do país, mesmo que esse poder não seja fruto da ocupação de cargos políticos, caso da transição democrática no Estado do Ceará.

Vejamos, na esfera nacional, o “esquecimento e perdão” como procedimento institucionalizado pelo Estado, através da Anistia, não significou, de forma alguma, que a sociedade civil brasileira consentiu com tal processo. Fato é que membros do governo autoritário continuaram com seus comandos políticos mesmo após a redemocratização, o que nos faz repensar a natureza dessas mudanças, no que diz respeito ao caráter hegemônico da sociedade. Isso não quer dizer que o processo de abertura política não tenha proporcionado mudanças e transições dentro desses grupos, mas que de forma alguma significou de fato rupturas antagônicas com a elite política do período autoritário.

A noção de hegemonia utilizada aqui, é a mesma compreendida pelo historiador italiano Antonio Gramsci (2002), que como ele próprio defende, teve origem na obra e ação política de Lênin. Segundo Hugues Portelli (1977), o conceito gramscista de hegemonia está bastante próximo do de Lênin, contudo, divergem em um ponto fundamental:

Lênin, em seus escritos sobre a hegemonia, insiste sobre seu aspecto puramente político: o problema essencial para ele é a derrubada, pela violência, do aparelho de Estado: a sociedade política é o objetivo e, para atingi-lo, uma prévia hegemonia política é necessária: hegemonia política porque a sociedade política é mais importante, em suas preocupações estratégicas, do que a civil [...] Gramsci, ao contrário, situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado (sociedade civil mais sociedade política). A hegemonia gramscista é a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política (PORTELLI, 1977, p. 65).

Esse conceito gramscista torna-se mais preciso na análise das transições políticas justamente pela distinção que faz entre as noções de “direção” e “dominação”, caracterizando-as dentro do controle hegemônico como responsáveis, respectivamente, pelo controle das sociedades civil e política. Considerando o caráter essencialmente antagônico da sociedade estabelecido entre cultura hegemônica e culturas alternativas, o autor entendeu que um grupo pode ser hegemônico a partir da direção que exerce nas várias instâncias sociais, podendo assim desmistificar possíveis rupturas realizadas por grupos semelhantes aos grupos retirados do poder.

É necessário que atentemos para a diferença entre grupos de oposição e grupos antagônicos, uma vez que meras oposições são relações opostas entre grupos de poder social semelhante, e “[...] a noção de antagonismo se refere a forças estruturais de dominação, em que as relações assimétricas de poder existem em locais de conflito.” Ou seja, as relações são dadas em termos de poder social desigual (KELLNER, 2001, p. 48).

Na esfera estadual, como já foi mencionado, os novos empresários que surgiram na política através do CIC se distanciam dos coronéis em vários aspectos, contudo, é inegável que já faziam parte do poder dirigente nas atividades econômicas da cidade de Fortaleza, tendo como base desse poder o capital empresarial.

Se na política estadual ocorreram mudanças entre grupos de oposição - os coronéis pelos novos empresários - na esfera municipal essa mudança não aconteceu, pelo menos não no que diz respeito a grupos. O que percebemos nas transições políticas sucedidas em Limoeiro do Norte, através dessas três primeiras eleições para prefeito realizadas no pós-segunda redemocratização do país, especificamente nos anos 1988, 1992 e 1996, é que apesar de ter sido formadas oposições circunstancialmente para cada eleição, não se definiu grupos opositores, muito menos antagônicos. Isso se deu, sobretudo, pelo fato de os personagens dessas eleições terem sido ligados ao mesmo grupo tradicional da política limoieirense: o grupo dos Oliveira, através de seu “testa de ferro” o senhor coronel Manuel de Castro Filho.

Assim, o próximo capítulo trata das eleições ocorridas entre os anos 2000 e 2016, considerando, para isso, tanto o novo modo de fazer política muito mais atento às estratégias visuais, que no Ceará foi inaugurando entre as décadas de 1980 e 1990, quanto as mudanças e permanências ocorridas com as eleições para prefeito de Limoeiro do

Norte, no que diz respeito aos segmentos de poderes nos cargos políticos e nas várias instâncias sociais do município.

### CAPÍTULO III

#### TRÊS CANDIDATOS, UMA HEGEMONIA: AS ELEIÇÕES MAJORITÁRIAS DE LIMOEIRO DO NORTE A PARTIR DOS ANOS 2000

Com o fim do seu mandato (1997-2000), embora pudesse se candidatar à reeleição, José de Oliveira Bandeira não foi o escolhido do PSDB para disputar as eleições para prefeito de Limoeiro do Norte ocorridas no ano 2000. O partido indicou Paulo Duarte, que recebeu, durante sua campanha, o apoio do então administrador municipal.

Paulo Duarte não era um rosto estranho para os limoeirenses, embora concorresse a sua primeira eleição para o cargo de prefeito do município. Ele ocupava o posto de Deputado Estadual, cargo para o qual foi eleito três vezes seguidas: 1990, pelo PDC; 1994, pelo PSDB; e 1998, também pelo PSDB. Além disso, já havia sido secretário de segurança pública do Estado do Ceará, durante o governo de Tasso Jereissati (1987-1990).

Na disputa eleitoral do ano de 2000, os partidos, com suas respectivas coligações, apresentaram as seguintes composições para os cargos de prefeito e vice-prefeito: PSDB - Paulo Carlos Silva Duarte e Lindenor Andrade Maia; PSD<sup>87</sup> - Maria Arivan de Holanda Lucena e Lauro Rebouças Filho (Laurinho); PPS - João Dilmar da Silva e Reuber Tadeu Vieira e Silva. Nesta configuração de chapas, vale destacar que, se no pleito eleitoral de 1996 Reuber Tadeu fez oposição a Dilmar como candidato ao cargo de prefeito, no ano de 2000 ocorreu uma aliança entre as partes.

#### Quadro 6 – Resultado das Eleições do ano 2000

Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 2000			
Partido	N o	Candidato(a)	Votos
PSD	41	Maria Arivan de Holanda Lucena	9.801
PPS	23	João Dilmar da Silva	9.249

<sup>87</sup> Partido Social Democrático – Partido criado em 17 de julho de 1945 e extinto no período da ditadura militar em 27 de outubro de 1965. O partido foi novamente criado em 1987, sendo extinto pela segunda vez, em 2003, deixando ramificações.

PSDB	45	Paulo Carlos Silva Duarte	9.011
<b>Votos Brancos</b>			1.819
<b>Votos Nulos</b>			465

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE: [http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultado\\_2000/limoeironorte.pdf](http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultado_2000/limoeironorte.pdf) - Acesso em: 01 fev. 2018.

Diferentemente de Paulo Duarte e João Dilmar, Maria Arivan de Holanda Lucena chegou para concorrer ao cargo de prefeita no ano 2000 sem que houvesse ocupado cargo político anteriormente. Arivan entrava para sua primeira disputa eleitoral como candidata a prefeita pelo PSD. Já havia concorrido a um cargo na administração municipal em 1996, contudo, como candidata a vice-prefeita, ao lado do cabeça de chapa, Laurinho.

Como mostra o quadro acima, apesar da disputa ferrenha materializada na distribuição dos votos dos três candidatos, Arivan saiu vitoriosa, tornando-se a primeira mulher prefeita de Limoeiro do Norte. Segundo o então professor de Geografia Edilson Santiago de Oliveira, essa eleição foi atípica não só pelo fato de uma mulher ter chegado “[...] para comandar os destinos desta terra pela primeira vez”, mas também porque “[...] a poderosa máquina burocrática administrativa não venceu as eleições”, poder burocrático este que, segundo o autor, “[...] há quarenta e seis anos não perdia as eleições municipais em Limoeiro do Norte”<sup>88</sup>.

Para afirmar os quarenta e seis anos de hegemonia do poder burocrático, o autor chama atenção para a atuação de Manuel de Castro Filho em Limoeiro, entendendo que essa hegemonia está relacionada com sua influência na política diretiva do município.

Após a vitória esmagadora de Sabino Roberto de Freitas por 1.300 (mil e trezentos) votos [em 1954], de certa forma surge o poder dos Oliveiras (Oliveira & irmãos) ficando a frente Manoel de Castro Filho. [...] Aliado dos Távoras, Manoel de Castro fica sendo eleito Deputado Estadual apoiado pelos Oliveiras por muitas vezes, como também fica elegendo os prefeitos, que mesmo não pertencendo a um clã familiar, fica sempre ligado ao poder burocrático da máquina administrativa da Prefeitura Municipal, tendo o sucesso somente os que receberam seu apoio<sup>89</sup>.

<sup>88</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 35, nov. 2000.

<sup>89</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 35, nov. 2000.

Como já havia mencionado nos capítulos anteriores, Manuel de Castro Filho realmente exerceu essa influência, contudo, assim como João Dilmar e José de Oliveira Bandeira que receberam compadrio da atuação de Manuel de Castro, dentre os que foram eleitos para o cargo de prefeito de Limoeiro do Norte na “Nova República”, Arivan Lucena e seu marido José Maria Lucena também compartilharam dessa influência.

Fato é que Maria Arivan de Holanda Lucena apresentou-se nas eleições do ano 2000, concorrendo para o cargo de prefeita de Limoeiro do Norte, como uma liderança ambivalente. Pelo fato de ser mulher, tornando-se a primeira prefeita de Limoeiro do Norte (2000), já lhe foi conferida característica de rompimento com a política tradicional.

Importante lembrar que outras mulheres já haviam conquistado seu espaço no grupo dirigente da política do município de Limoeiro do Norte, como a senhora Maria de Lourdes Freitas Pinheiro, filha do ex-prefeito Sabino Roberto de Freitas, que foi eleita como a primeira vereadora do município no período de 1963 a 1967 (LIMA, 2008, p. 43). Bem como a senhora Judite Chaves Saraiva que, segundo Antônio Pergentino Nunes, “[...] comandou por mais de meio século um grupo político em Limoeiro do Norte, chegando a ocupar a presidência local da ARENA.” (1999, p. 223)

Maria Arivan de Holanda Lucena conquistou um espaço na história política de Limoeiro do Norte junto a essas mulheres pelo rompimento com a política paternalista local. Contudo, a força da família Holanda, bem como a influência de seu marido, o desembargador aposentado José Maria de Oliveira Lucena, que assumiu cargos importantes na política estadual, como Assessor da Vice-Governadoria do Estado do Ceará - 1981/1982, Secretário para Assuntos da Casa Civil e Secretário de Administração do Governo do Estado do Ceará durante a gestão de Manuel de Castro (1982-1983). Além disso, tinha uma estreita relação com Manuel, tornando-se, segundo Maurilo Freitas (2009), o principal articulador dos interesses do Coronel em Limoeiro na eleição de 1982. Tudo isso confere a Arivan status tradicionais no que diz respeito ao seu grupo político.

Como já foi mencionado, Manuel de Castro Filho, representante dos Oliveira, antes de migrar para Fortaleza e falecer aos 83 anos em 1995, deixou representantes que ainda exercem comando na política limoeirense. Esse comando é exercido por José Maria Lucena e João Dilmar. Sendo eleito para o cargo de prefeito de Limoeiro do Norte pela primeira vez na eleição de 2016, José Maria Lucena ainda foi vitorioso para sua reeleição no ano de 2020. Já João Dilmar da Silva foi o vice-prefeito na chapa encabeçada por José

Maria Lucena em 2016, mantendo-se conciliado com Lucena para as eleições de 2020, para as quais lançou, com sucesso, sua filha Dilmara Amaral Silva, também para o cargo de vice-prefeita.

Fato é que, apesar da atuação política de Manuel e dos Oliveiras ter iniciado a partir de 1954, e o “ciclo dos amigos” ter sido inaugurado em 1982 como bem entendeu Maurilo Freitas, a partir do resultado das eleições do ano 2000 três lideranças se apresentaram na política de Limoeiro do Norte com um poder eleitoral muito acirrado, que foi se consolidando ao longo das eleições seguintes, pela permanência dos votos obtidos por cada liderança em cada eleição. Esse ano inaugurou uma nova fase na política limoeirense, onde se viu um “triângulo de poder” muito bem definido, sendo cada lado representado pelas seguintes lideranças: João Dilmar; Paulo Duarte; Arivan Lucena e José Maria Lucena.

Apesar da definição dessas três lideranças, assim como nas eleições ocorridas nos anos de 1982, 1988, 1992 e 1996, nas eleições a partir do ano 2000 também não foram definidos grupos de oposição que durassem de uma eleição à outra. Embora tenham ocorrido participações efetivas de familiares dessas lideranças ocupando cargos políticos, o que poderia atestar uma espécie de pequenos grupos políticos familiares, caso da família Duarte, liderada por Paulo Duarte, e do já citado casal Lucena, todos eles são parte de um mesmo grupo político caracterizando uma hegemonia na sociedade limoeirense. Os únicos que poderiam se apresentar como grupo político alternativo nessas eleições eram as lideranças locais de esquerda, contudo, quando disputaram a prefeitura limoeirense foram pouco expressivos no número de votos.

Em relação ao conceito de grupo político, corroborando o estudo de Cleyton Monte (2019), entendo que os grupos se formam para além da esfera institucionalizada dos partidos políticos, que estão como força secundária, se destacando para essas formações o que o autor chamou de “política real”, uma espécie de pragmatismo por meio do qual são realizados laços e conflitos no próprio exercício das atividades políticas. Nesse sentido, foram analisadas ao longo deste capítulo as articulações para cada eleição, considerando as oportunidades oferecidas pelos acordos realizados, bem como, pelas suas desarticulações.

Seguindo os objetivos desse trabalho, que buscou compreender as eleições para prefeito de Limoeiro do Norte durante a “Nova República” a partir de uma perspectiva

do materialismo histórico dialético, considerando para isso uma visão ampla dos processos estudados, configurada pela ótica da “história total”, entendo que os discursos tanto de campanha e de gestão, como o discurso jornalístico, fazem parte da dinâmica política, e são abordados neste capítulo juntamente com as práticas da “política real”.

O conceito de “história total” utilizado aqui refere-se ao que Karl Marx e Friedrich Engels elaboraram em *A Ideologia Alemã* (2007), isto é, uma concepção materialista da história que:

não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material (MARX; ENGELS, 2007, p. 42-43).

Sendo assim, essa concepção histórica considera em seus estudos todas as formas e todos os produtos da consciência humana uma vez que fazem parte da “atividade total” da sociedade, contudo, para isso, são analisados(as) a partir de sua materialidade, ou seja, no interior das relações sociais reais. Logo, no que diz respeito ao discurso político e ideias modernas nas estratégias eleitorais, é importante que consideremos as especificidades de cada espaço analisado, uma vez que a modernização dos modos de produção e circulação desses discursos existe em velocidades e intensidades distintas. Falando sobre as eleições presidenciais do Brasil, Vanice Sargentini explica que:

Até 1988, o arquivo do discurso político era menos diversificado. Contava-se com livretos contendo programas de governo e panfletos nos quais havia a predominância de textos escritos em relação aos imagéticos, sendo, em geral, publicados e distribuídos pelos comitês dos candidatos, portanto de forma reduzida. Além desses recursos, o candidato valia-se também, com certa dificuldade de acesso, de filmagens feitas em comícios públicos ou pronunciamentos em rádio e TV. O Horário Gratuito de Programa Eleitoral (HGPE) era forma única de atingir simultaneamente muitos eleitores. Na última década esse quadro de modificou. Diante desse grande arquivo que é a internet, é possível não só rever a qualquer tempo os programas do HGPE; mas também conversar com o candidato e ter acesso aos diálogos entre os candidatos e seus eleitores, por meio de várias redes sociais como Twitter, Facebook, MySpace, Badoo e muitas outras que possivelmente surgirão nos próximos dias. (SARGENTINI, 2015, p. 216)

Apesar das diferenças dimensionais entre as eleições nas esferas nacional e estadual, como foi citado no segundo capítulo desta dissertação, o marketing político desenvolvido no Ceará pelo grupo político Cambeba em meados da década de 1980, serviu de modelo para a campanha política de Fernando Henrique Cardoso no cenário nacional, especificamente para a eleição presidencial de 1994.

Esse marketing político no Ceará diz respeito às eleições governamentais. Em relação às eleições municipais, sobretudo aquelas ocorridas nas cidades interioranas, o discurso político se diversificou mais tardiamente e com menor velocidade.

Vejamos, algumas das principais lideranças dos municípios da microrregião do Baixo-Jaguaribe utilizavam e continuam utilizando elementos residuais de sua cultura ruralista, especificamente animais, como estratégias que identificam as campanhas e definem as lutas no campo do simbólico. Isso ocorreu em Morada Nova, com caborés e corujas; em Alto Santo, com andorinhas (figura que identifica o grupo do ex-prefeito Moacir Bezerra<sup>90</sup>; em São João, com cavalo e jacaré<sup>91</sup>; em Russas, com coelho e jacaré; contudo, isso não ocorreu em Limoeiro do Norte, onde as características principais das campanhas a partir das eleições do ano 2000 são as cores.

Essas cores e outros elementos que passaram a identificar cada campanha eleitoral desenvolvida para a disputa do executivo de Limoeiro do Norte, necessitaram de meios de circulação para levar suas informações de campanha até os destinatários (eleitores). Com isso, veremos que até as eleições do ano 2004, as campanhas apostaram nos materiais físicos de divulgação como bandeiras, banners, outdoors, cartazes, adesivos, panfletos, dentre outros, havendo como suporte para esses materiais a instrumentalização dos espaços públicos do município, sobretudo no centro da cidade, como praças, postes, ruas e avenidas, bem como os espaços privados como os muros e as próprias faixadas das casas, comitês e palanques de campanha.

Os espaços públicos do município continuaram a ser instrumentalizados na divulgação dessas identidades pós campanha eleitoral, sobretudo no mandato de Arivan Lucena. Ocorreu que cada logradouro público, como escolas, postos de saúde, matadouro

---

<sup>90</sup> Moacir Bezerra Freire nasceu em Alto Santo, no dia 05 de setembro de 1932, e faleceu aos 89 anos no dia 14 de julho de 2021. Moacir foi prefeito de sua cidade natal em quatro mandatos, 1971-1973, 1977-1979, 1989-1992 e 1997-2000. Também chegou a assumir uma cadeira na assembleia legislativa do Estado do Ceará entre os anos 1983-1986.

<sup>91</sup> O jacaré é o único destes símbolos que não possui relação residual, uma vez que não faz parte da fauna da região.

público, centros das regionais administrativas, dentre outros, que foram construídos ou reformados pela gestora municipal<sup>92</sup>, recebia uma pintura verde, identidade cromática de Arivan em sua campanha vencedora, que não condiz com as cores oficiais do município, o azul e o branco.

Para além da cor verde, no exercício de seu único mandato (2001-2004), despertou agitação entre o legislativo de Limoeiro do Norte através da cor lilás, pela emblemática pintura da Câmara Municipal, que passou a ser chamada pelos moradores da cidade de “Casa da Barbie”. A pintura foi destaque no jornal *Folha do Vale*, edição de nº 66, de agosto de 2003, cuja coluna tinha por título “O colorido da câmara”. O jornal, desqualificando o azul e o branco (as cores da bandeira do município de Limoeiro do Norte), argumentou que, diferentemente das cores pálidas de outrora, “o vivo” do verde e do lilás caracterizaria princípio de democracia, e com sua “luminosidade própria” o município haveria de ser um destaque entre as mídias mais modernas.

Resta saber em que momento é interessante para os políticos trazerem as cores e demais emblemas que lhes conferem identidade, ou trazerem as características emblemáticas do município através, por exemplo, da sua bandeira, como fez Arivan Lucena no ano de 2012, quando a vestiu por cima de seus ombros enquanto se apresentava em cima do palanque diante dos olhares da população limoeirense<sup>93</sup>. Arivan Lucena, como registrou Jerônimo Osterne<sup>94</sup>, “tem o sangue verde, tem o coração verde”<sup>95</sup>, mas também tem um escudo azul e branco conveniente em tempos de acusações e descrédito de sua imagem esverdeada, como ocorreu após a morte do radialista Nicanor Linhares<sup>96</sup>,

---

<sup>92</sup> A própria administração produziu uma espécie de catálogo no ano de 2001, exatamente 20 meses após a posse de sua gestora Arivan Lucena, contendo fotografias dos logradouros que foram construídos ou reformados pela gestão até então. No catálogo também é possível encontrar outros tipos de realizações como a aquisição de caminhões compactadores, etc. O catálogo tinha como título “Administração Compromisso com Limoeiro” e encontra-se disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/103515043/Arivan-Fez#fullscreen>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<sup>93</sup> Família Lucena Desabafa sobre absorção de Arivan Lucena. Limoeiro do Norte: Arivan Lucena, 2012. (5:50 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xehWNlejaHw>. Acesso em: 07 jun. 2018.

<sup>94</sup> Jerônimo de Oliveira Osterne nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 03 de agosto de 1959. Ocupação: servidor público federal.

<sup>95</sup> Convenção Arivan Lucena. Limoeiro do Norte: Tv Jaguar, 2012. (4:31 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nKjSw8egK-I>. Acesso em: 07 jun. 2018.

<sup>96</sup> Nicanor Linhares Batista apareceu como figura pública em Limoeiro do Norte-CE no ano de 1988 ao tornar-se radialista da *Rádio Educadora Jaguaribana*, e posteriormente assumindo os microfones da *Rádio Vale do Jaguaribe*. Durante seu percurso de radialista, causou muita influência na política de Limoeiro do Norte assim como em toda a região jaguaribana, tornando-se, pela voz, dono de um poder que, em seu círculo de influência, não se podia ignorar. No dia 30 de junho de 2003, à noite, Nicanor foi morto à bala enquanto gravava o programa *Encontro Político*. Essa morte teve grandes repercussões e efeitos na política de Limoeiro, pela influência que tinha o radialista com sua popularidade. Para mais informações sobre sua

tendo Arivan Lucena sido acusada de ter “encomendado” o crime, mas que, posteriormente, provou sua inocência e foi absolvida.

Voltando as campanhas eleitorais, a partir da eleição do ano 2008, temos em Limoeiro do Norte a instrumentalização da internet como um novo campo de atuação política. Nessa eleição, podemos constatar a utilização de *blogs*, da plataforma de vídeos *YouTube*, bem como da rede social *Orkut*, como extensão da casa dos usuários. Contudo, no caso do *Orkut*, não foi possível ter contato com as publicações de campanha, pois, a rede social se encontra desativada desde o ano de 2014. Posteriormente, nas eleições do ano 2012, para além de um melhor aproveitamento de canais já utilizados como os *blogs* e a plataforma *YouTube*, constamos como fator de novidade a rede social *Facebook*, que foi amplamente instrumentalizada pela política limoieirense através dos perfis dos candidatos.

No que diz respeito à atuação do discurso jornalístico, o jornal *Folha do Vale*, único jornal em atividade no período estudado que teve como objeto de suas matérias a microrregião do Baixo-Jaguaribe, participou dos processos eleitorais para as escolhas dos mandatários da prefeitura de Limoeiro do Norte, através de suas redações e dos espaços determinados em suas colunas para a propaganda política, onde os candidatos dessas eleições podiam divulgar suas imagens de campanha. O jornal também se fez atuante durante as gestões municipais.

Especificamente após a vitória de Arivan Lucena na eleição de 2000, o jornal, através de seus colaboradores, apresentou posições para cada período da atuação de Arivan a frente da prefeitura de Limoeiro do Norte. Passados os primeiros noventa dias dessa administração, o jornal publicou um texto intitulado “Injusta Cobrança”, onde o autor, Maury Oliveira Freitas, pressupõe que o povo de Limoeiro com Arivan iria ter a administração de seus sonhos.

Quer queiram ou não os adversários da atual administração, esta aos poucos, vai mostrando o seu perfil de algo sério, organizado, que tem compromisso com o povo.

---

morte, um bom começo seria a publicação intitulada “Limoeiro do Norte, 30 de junho de 2003”. Disponível em: [http://limoieironorte.blogspot.com.br/2008\\_06\\_01\\_archive.html](http://limoieironorte.blogspot.com.br/2008_06_01_archive.html). Acesso 18 mar. 2017

Alguns percalços existentes tendem a se corrigir com o tempo. A sensibilidade política de quem administra prevalecerá e certamente teremos uma administração dos sonhos do povo de Limoeiro.

É bom esperar. É cedo para julgar.

(...)

Toda cobrança que se fizer até aqui é injusta. Há que esperar para ver<sup>97</sup>.

Após um mês da edição na qual foi publicada o texto acima, o jornal *Folha do Vale* publicou sua 41ª edição, e nela, uma nova redação de Maury Freitas apareceu novamente ocupando um espaço entre os enunciados. “Há algo no ar”, foi o título escolhido pelo autor, deixando uma sugestiva impressão da saída de Laurinho (vice-prefeito) e dos partidos PDT e PT, do grupo de Arivan.

Nesse texto, Maury questiona o tratamento indiferente com “[...] aqueles que eram tidos como fiéis co-participes de uma administração participativa, diferente, dos sonhos”<sup>98</sup>. Apesar desse “algo no ar”, o autor continuou a apostar no compromisso da administração.

Contudo, apesar de tudo, não me dou por vencido. Ainda quero acreditar. Não me dou o direito de não acreditar que o povo contará com uma das melhores administrações que essa terra possa confirmar<sup>99</sup>.

Seguindo as edições do jornal, tal aposta na administração de Arivan Lucena não se confirmou, uma vez que 3 edições após, exatamente na 44ª edição, o periódico concluiu que “[...] o nível da política se encontra no mesmo de vinte anos atrás”<sup>100</sup>. O jornal já havia desaprovado os últimos 46 anos por alegar ter sido uma política eleitoral comandada pela máquina administrativa, agora compara o mandato de Arivan a esse passado, mesmo que já tenha defendido uma ruptura entre essas administrações e a vitória de Arivan para prefeita.

Como se não bastasse, para além de concluir que a política do mandato de Arivan se encontrava no mesmo nível de vinte anos atrás, na 49ª edição, enquanto tecia críticas as

---

<sup>97</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 40, abr. 2001.

<sup>98</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 41, mai. 2001.

<sup>99</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 41, mai. 2001.

<sup>100</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 44, ago. 2001.

sobre as “falsas promessas” da administração de Arivan Lucena, o *Folha do Vale* colocou em xeque sua visão sobre a imagem de novidade que a gestora carregava para a política limoeirense, pelas aspas incluídas no seguinte trecho: “[...] temos que torcer para que estes “novos administradores” caso não cumpram, não se empenhem para que o fato prometido não se realize”<sup>101</sup>.

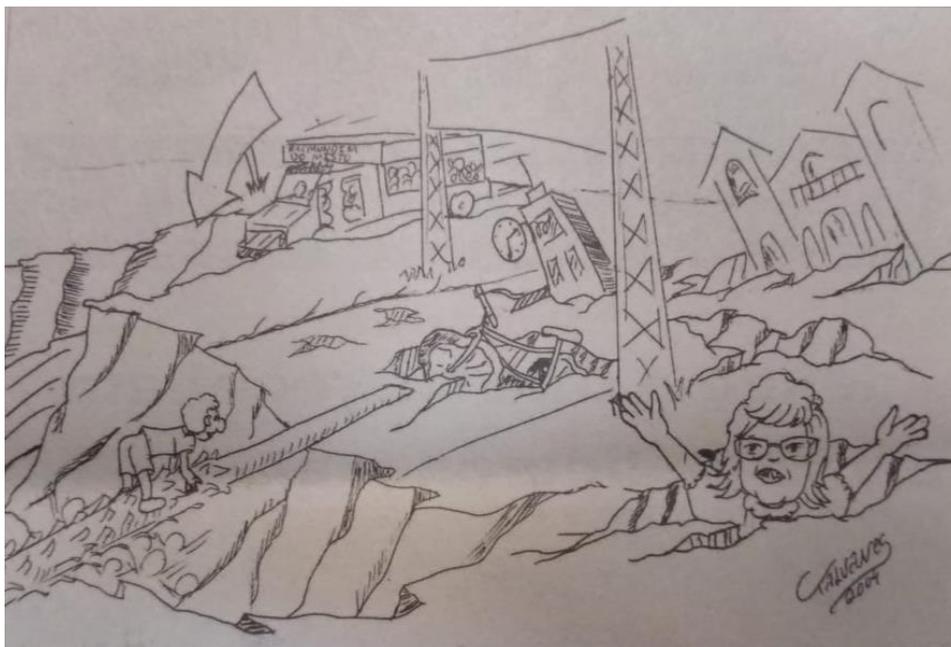
Dito isto, percebemos que assim como ocorreu na eleição de 1996, na eleição do ano 2000 também foi criada uma atmosfera de novidade por advento das eleições, com um fator ainda mais excepcional que foi a vitória da primeira mulher eleita prefeita do município de Limoeiro do Norte. Seguindo o roteiro, tal qual aconteceu após a eleição de 1996, depois da eleição do ano 2000 essa novidade também foi desconsiderada, em detrimento da unificação desse mandato com as demais gestões no executivo da cidade desde 1954, o que de fato tem coerência uma vez que, como já foi relatado, a partir dessa data, os Oliveiras, juntamente com Manuel de Castro, chegaram e dominaram o poder administrativo limoeirense.

Ainda durante a administração de Arivan Lucena, no ano de 2004 ocorreu uma manifestação imagética do jornal *Folha do Vale*, através de uma charge publicada em sua 76ª edição, que chamou atenção pela forma simbólica como o autor fez uma crítica sobre a falta de assistência às ruas de Limoeiro do Norte pela administração de Arivan.

**Figura 5 – Charge evidenciando falta de assistência às ruas de Limoeiro.**

---

<sup>101</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 49, fev. 2002.



Fonte: FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 76, mai. 2004.

No desenho, é possível visualizar elementos que, pela sua carga simbólica, ofereceu ao texto não verbal que é, outras possibilidades de narrativas históricas para além da crítica voltada a ausência de manutenção das ruas da cidade. Nele, encontramos a caricatura da prefeita, de braços levantados, além de outros objetos como ônibus escolar, igreja matriz, coluna da hora, tronco de carnaubeira e uma bicicleta localizada no centro da imagem, todos sobre buracos de estrada. Importante perceber que, mesmo com um ideal de modernização e civilização defendido a partir da chegada da diocese em Limoeiro do Norte e a atuação de seu primeiro bispo no município, os elementos do Limoeiro bucólico, de outrora, como as bicicletas e a carnaubeiras novamente figuram entre os elementos exponenciais utilizados para as narrativas políticas limoeirenses.

Com a proximidade das eleições para o cargo de prefeito do ano 2004, algumas especulações sobre candidaturas e coligações foram anunciadas. Para o *Folha do Vale* os possíveis candidatos seriam João Dilmar, Paulo Duarte, Arivan Lucena, José de Oliveira Bandeira, Laurinho e Reuber Tadeu Vieira. Listados os nomes, o jornal faz a seguinte pergunta: “Você não acha que já viu esta novela, apenas estará sendo reprisada no vale apenas ver de novo? É Limoeiro avançando no progresso...”<sup>102</sup>. Chama atenção o jornal não ter evocado as eleições do ano 2004 como oportunidade de melhores dias, pelo

---

<sup>102</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 67, set. 2003.

contrário, ironizou um possível progresso. Seria o início de uma mudança de postura do jornal?

### **3. 1. As eleições de 2004: uma aliança para vitória**

A eleição de 2004 foi uma das mais emblemáticas para o estudo das alianças firmadas no cenário político de Limoeiro do Norte. Uma vez que, tomando como base o resultado da eleição anterior, que terminou com a vitória de Arivan Lucena, algumas figuras políticas locais mudaram suas redes de apoio conforme a conveniência da conjuntura, formando-se novos acordos de poder para derrotar a candidata da situação nas eleições de 2004.

Ainda no mês de maio do ano 2003 já se falava de um “grupão da oposição” dispondo de nomes como João Dilmar, Paulo Duarte, Ariosto Holanda, Lindenor, Careca e Ademar Celedônio<sup>103</sup>. Fato é que a maioria desses nomes realmente concretizaram uma aliança que teve Dilmar como cabeça de chapa.

Sendo assim, na capa de sua 75ª edição, o jornal *Folha do Vale* publicou no mês de maio do ano 2004 que “Paulo Duarte confirma apoio a Dilmar”. Segundo o jornal, “[...] Paulão concedeu entrevista a Rádio Vale do Jaguaribe declarando apoio a pré-candidatura de João Dilmar à prefeito de Limoeiro”. O acordo entre as partes definia João Dilmar como candidato a prefeito do “grupão” e colocaria a cargo de Paulo Duarte a indicação de um nome para compor a chapa como vice<sup>104</sup>.

Fato é que o acordo entre as lideranças, João Dilmar e Paulo Duarte, começou ainda no ano de 2002, quando Dilmar apoiou a candidatura de Paulo para deputado estadual<sup>105</sup>. Já o acordo para as eleições de 2004, como já foi dito, estabeleceu João Dilmar como candidato ao cargo de prefeito, e para o cargo de vice-prefeita a escolhida foi Elizete Duarte<sup>106</sup>, irmã de Paulo Duarte.

---

<sup>103</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 63, mai. 2003.

<sup>104</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 75, mai. 2004.

<sup>105</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 55, ago. 2001.

<sup>106</sup> Elizete Silva Duarte nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 22 de março de 1966. A mesma já havia sido eleita vice-prefeita em 1996, com o igualmente eleito para o cargo de prefeito, José de Oliveira Bandeira. Ocupação: professora.

Entendemos que, ao avaliarem a acirrada disputa da eleição de 2000, João Dilmar da Silva e Paulo Duarte compreenderam que uma coligação entre os dois, resultaria numa forte candidatura capaz de derrotar Arivan Lucena, então prefeita concorrendo a reeleição. O resultado da eleição revelou que a análise da conjuntura política feita pelo “grupão” foi bem articulada, pois Arivan Lucena foi derrotada com uma diferença de quase 10.000 votos.

#### **Quadro 7 – Resultado das Eleições do ano 2004**

<b>Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 2004</b>			
<b>Partido</b>	<b>Nº</b>	<b>Candidato(a)</b>	<b>Votos</b>
PPS	23	João Dilmar da Silva	18.699
PR	22	Maria Arivan de Holanda Lucena	8.987
PSB	40	Lauro Rebouças Filho	2.479
PV	43	Luiz Mendes de Sousa Andrade	408
<b>Votos Brancos</b>			429
<b>Votos Nulos</b>			1.374

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE: <http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/ele2004/resultado.htm> - Acesso em: 01 fev. 2018.

Nessas eleições, Arivan Lucena formou chapa com Pedro Julião, candidato a vice-prefeito pelo PP, o mesmo que no ano de 1988 foi eleito vice-prefeito de João Dilmar. Arivan e Julião foram apoiados por uma grande coligação partidária composta pelo PR, PP, PL, PSDC, PSC, PC do B e PHS.

Outra candidatura, pouco expressiva em número de votos, mas importante no cenário político local, foi a de Lauro Rebouças Filho, popularmente conhecido por Laurinho. Devo ressaltar que o referido candidato era, à época, vice-prefeito na gestão da prefeita Arivan Lucena, ou seja, houve uma dissolução da chapa vitoriosa da eleição de 2000, embora o mandato de ambos ainda estivesse em curso.

Em sua nova composição política para as eleições de 2004, Laurinho, sendo candidato a prefeito pelo PSB, formou chapa com Lindenor Andrade Maia, candidato a vice-prefeito pelo PMDB, este que em 2000 concorreu como candidato a vice-prefeito ao

lado de Paulo Duarte. Dessa forma, em seus votos podem estar presentes alguns dos 814 votos que Arivan Lucena teve a menos em relação às eleições do ano 2000.

Laurinho, em entrevista<sup>107</sup> realizada e publicada no mês de agosto do ano 2003, pelo jornal *Folha do Vale* em sua 90ª edição, ao ser perguntado sobre os motivos pelos quais os eleitores deveriam votar em sua candidatura, entendeu que essa pergunta deveria ser feita aos eleitores. Contudo, afirma que, em suas caminhadas para angariar apoio popular, escutava de seus apoiadores: “Laurinho, voto em você porque você representa o novo para Limoeiro [...]”.

Dito isto, para além dos textos construídos pelo jornal *Folha do Vale* a cada processo eleitoral, os discursos de “novidade” também são narrados e contextualizados, enquanto são alimentados, pelas próprias campanhas eleitorais, através da voz do próprio chefe de campanha.

A quarta campanha que no ano de 2004 movimentou as ruas e praças da cidade de Limoeiro do Norte, bem como a zona rural do município, foi a de Luis Mendes de Sousa Andrade<sup>108</sup>, candidato a prefeito pelo PV, tendo como candidato a vice-prefeito Raimundo Aurizé Nonato Freire<sup>109</sup>, pela mesma legenda partidária, em uma coligação PV/PSL.

Ainda sobre a aliança vencedora, para além do cargo de vice-prefeito, o acordo favoreceu o grupo Duarte na câmara dos vereadores. Uma vez que o prefeito tinha a maioria dos legisladores ao seu lado, pelo menos sete dos dez vereadores, e “[...] orientou que seus aliados decidissem pela eleição de Marduque Duarte”, irmão de Paulo Duarte, para presidente da câmara de Limoeiro do Norte, sendo eleito para o biênio 2005-2006<sup>110</sup>.

Apesar do sucesso dessa aliança, podemos dizer que os bastidores para as eleições do ano 2008 começaram a se configurar em 2006, quando, segundo o jornal *Folha do Vale*, o prefeito João Dilmar, em emissoras de rádio da região, teria endeusado o casal Zé Maria Lucena e Arivan Lucena, interpretando com isso que Dilmar teria deixado no ar “[...] um sentimento de rompimento político com a família Duarte”. Fato é que Arivan

---

<sup>107</sup> Com o seguinte título: Laurinho – Administrar Limoeiro superando o Sistema tradicional de governar.

<sup>108</sup> Luis Mendes de Sousa Andrade, que é empresário, nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 07 de setembro de 1954.

<sup>109</sup> Raimundo Aurizé Nonato Freire nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 17 de março de 1956. O mesmo é empresário.

<sup>110</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 98, jan. 2005.

fazia parte de um grupo que teria se reunido com o intuito de juntar forças entorno de um só nome para enfrentar Paulo Duarte nas eleições para deputado estadual deste ano<sup>111</sup>.

### **3.2. As eleições de 2008: uma disputa já conhecida**

Para o pleito eleitoral de 2008, estavam sendo articulados e apresentados os mesmos candidatos a prefeito da eleição de 2000, condição que proporcionou uma postura negativa do jornal *Folha do Vale* em relação ao que se esperava dessas eleições, tal qual aconteceu na eleição de 2004. O jornal entendeu que havia “muita gente já lançando candidatura, muita gente se articulando, muita especulação, muito partido envolvido, mas pouca, muita pouca novidade, pouca diferença, pouca esperança”<sup>112</sup>.

No que diz respeito à estrutura das chapas concorrentes, no pleito de 2008, Arivan Lucena continuou como candidata do PR, mesmo partido da eleição de 2004, tendo como candidato a vice-prefeito Jerônimo Osterne do PDT, apoiados, apenas, pelo PRTB.

Assim como Arivan Lucena, Paulo Duarte não mudou de partido ao concorrer nas eleições de 2008, continuando com o PSDB, mesmo partido que lhe servia de legenda desde as eleições de 2000. O candidato ao cargo de vice-prefeito foi o radialista Francisco Rosálio Lopes Daniel<sup>113</sup>, que iniciou sua carreira política na eleição em questão.

João Dilmar filiou-se ao PRB, tendo Nonato Pinheiro<sup>114</sup> como candidato ao cargo de vice-prefeito pelo PT, ambos apoiados por uma ampla coligação composta pelos partidos PSL, PTB, PMDB, PV, PSC, PSB, PP e PHS.

No que diz respeito ao marketing político, a campanha de João Dilmar se apropriou de uma representação já identificada em outros espaços sociais da sociedade brasileira, que é o verdeamarelismo, conjunto cromático que, associado de tal forma a outros elementos como o próprio número 10, código do partido PRB, se assemelhava a uma imagem de um importante elemento da identidade nacional, a camisa amarela da

---

<sup>111</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 107, jan. 2006.

<sup>112</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 130, dez. 2007.

<sup>113</sup> Francisco Rosálio Lopes Daniel nasceu no município de Senador Pompeu-CE, no dia 04 de setembro de 1968. Ocupação: locutor e comentarista de rádio.

<sup>114</sup> Raimundo Nonato Pinheiro nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 04 de outubro de 1951. Ocupação: pecuarista.

seleção brasileira de futebol. A associação ao número 10 projetava a ideia do jogador mais habilidoso do grupo, ou, no caso em questão, do político/candidato com mais credenciais para governar o município de Limoeiro do Norte.

**Figura 6 – Caminhada da campanha eleitoral de João Dilmar.**



Fonte: <[\(1149\) Limoeiro Dilmar 10 - YouTube](#)>. Acesso em: 19 de ago. 2021.

Como já foi mencionado no início desse capítulo, nas eleições de 2008, dentre os meios existentes de circulação das identidades de campanha podemos encontrar pela primeira vez o uso da *internet* em Limoeiro do Norte. A imagem acima consiste em um *print* capturado de um vídeo publicado no dia 20 de julho deste ano, na plataforma de distribuição de vídeos *YouTube*, que continha várias fotografias dessa campanha eleitoral comandada por João Dilmar. Para além do *YouTube*, as imagens das campanhas também circulavam através do *Orkut*, contudo, a rede social foi desativada, impedindo, conseqüentemente, uma análise desse tipo de conteúdo produzido pelas campanhas eleitorais.

Embora os candidatos Paulo Duarte, Arivan Lucena e João Dilmar tenham polarizado a campanha política nas eleições de 2008, o referido pleito apresentou, ainda,

uma quarta candidatura, a de José Maria de Andrade<sup>115</sup>, candidato pelo PSTU. Zé Maria, como é popularmente conhecido, na disputa pela prefeitura municipal, formou chapa com Reginaldo Ferreira de Araújo<sup>116</sup>, candidato a vice-prefeito pelo mesmo partido, PSTU.

#### Quadro 8 – Resultado das Eleições do ano 2008

Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 2008			
Partido	Nº	Candidato(a)	Votos
PRB	10	João Dilmar da Silva	12.730
PSDB	45	Paulo Carlos Silva Duarte	11.127
PR	22	Maria Arivan de Holanda Lucena	9.583
PSTU	16	José Maria de Andrade	149
<b>Votos Brancos</b>			472
<b>Votos Nulos</b>			1.196

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE: [http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2008/HTML/index-LIMOEIRO\\_DO\\_NORTE.html](http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2008/HTML/index-LIMOEIRO_DO_NORTE.html) - Acesso em: 01 fev. 2018.

Embora tenham sido apresentadas as mesmas candidaturas do ano 2000, nessas eleições, Arivan Lucena ratificou seu perfil de candidata bem votada, tendo obtido um considerável número de votos, num total de 9.583, apenas 218 votos a menos do que obtivera no pleito do ano 2000, tendo se sobressaído se comparado a disputa eleitoral de 2004 quando atingiu a marca de 8.987 votos. Contudo, seus adversários políticos tiveram um considerável aumento de votos nas urnas: Paulo Duarte obteve 11.127 votos, 2.116 votos a mais que em 2000, e, João Dilmar alcançou 12.730 votos, 3.481 a mais que nas eleições de 2000.

Com o mandato de João Dilmar chegando ao fim, começavam os rumores sobre quais os personagens que seriam candidatos para as eleições de 2012. Devido à insistência de nomes como Arivan e Paulo, a *Folha do Vale* iniciou o ano de 2012 criticando a ausência de novidade nas eleições, afirmando que, assim como na capital, no interior “[...]”

<sup>115</sup> José Maria de Andrade nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 20 de janeiro de 1948. Ocupação: produtor agropecuário.

<sup>116</sup> Reginaldo Ferreira de Araújo nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 01 de setembro de 1973. Ocupação: professor.

não se fala em novos nomes, novos líderes, novas ideias”. O jornal entendeu que seria necessária uma reciclagem geral, antigas lideranças por novas gerações<sup>117</sup>. De fato, a partir da eleição de 2004, a *Folha do Vale* deixou de construir um discurso de novidade em detrimento das eleições para prefeito do município de Limoeiro do Norte.

### **3.3. As eleições de 2012: dos bastidores para a cena política**

Na eleição de 2012, a principal mudança estava no fato do então prefeito João Dilmar não poder se candidatar, haja vista estar em seu segundo mandato consecutivo. Com vistas a dar “continuidade” à sua administração, indicou um candidato para apoiar e continuar, de alguma maneira, exercendo sua força política na prefeitura. O candidato escolhido para concorrer à sucessão de João Dilmar foi Maílson Cruz<sup>118</sup>, também filiado ao PRB. A composição da chapa, teve como candidato a vice-prefeito Domingos Eduardo Bezerra Lins<sup>119</sup>, filiado ao mesmo partido. Apesar da chapa apresentar dois candidatos de um mesmo partido, ela foi apoiada por uma ampla coligação política constituída pelos seguintes partidos: PRB, PP, PSC, PHS, PTC, PV e PPL.

Maílson Cruz apoiou João Dilmar durante sua vitória a vice-prefeito de Limoeiro do Norte em 1982, e posteriormente nas vitórias eleitorais ao cargo de prefeito do mesmo município, em 1988, 2004 e 2008. Apoiou também o candidato nas eleições de 2000, contudo, nessa ocasião não saiu vitorioso. Sua relação com Dilmar constituía uma via de mão dupla, pois, nesse novo pleito eleitoral do ano 2012, Maílson saiu dos bastidores e se candidatou a prefeito de Limoeiro do Norte com o devido apoio de João Dilmar, visto que este não podia se reeleger, ocorrendo, dessa forma, uma inversão dos papéis.

Nessa eleição, Arivan Lucena mais uma vez apresentou-se candidata, entretanto, desta vez concorrendo pelo PSD<sup>120</sup>. O candidato a vice-prefeito foi Carlos Eduardo

---

<sup>117</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 167, fev. 2012.

<sup>118</sup> José Maílson Cruz nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 12 de novembro de 1959. Possui formação superior em Engenharia Agrônoma, especialista e Mestre em Irrigação e Drenagem pela UFC, tendo iniciado sua trajetória político-partidária no ano de 1980.

<sup>119</sup> Domingos Eduardo Bezerra Lins nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 05 de julho de 1986. Possui formação em Direito.

<sup>120</sup> Lembrando que não é o mesmo PSD ao qual Arivan era vinculada em 2000 quando venceu as eleições, aquele PSD foi extinto em 2003, sendo que este foi criado apenas em 2011, homenageando o antigo partido.

Borges Evangelista, conhecido por Caê Pessoa, filiado ao PR. Ambos os candidatos foram apoiados pela coligação formada pelos partidos PR, PRTB, PSD e PC do B.

Depois da vitória de Arivan Lucena no pleito do ano 2000, o feminino passou bastante a ser objeto de propaganda de suas campanhas, juntando-se a cor verde, e o gesto de levantar uma das mãos, evidenciavam os cinco dedos, cujo símbolo nos faz imaginar uma referência ao número cinco como uma representação do código (55) do partido PSD ao qual a candidata era filiada. Especificamente em um evento intitulado “Caminhada das mulheres 55”<sup>121</sup>, foram distribuídas mãos confeccionadas, provavelmente com papel color set, um tipo de papel um pouco mais resistente que cartolina. A mão projetada na cor rosa exibia os cinco dedos, em referência ao código 55, o qual tornava-se visível, de maneira mais direta, na palma da mão de papel, onde o número se achava impresso.

A respeito do feminino como propaganda política, ganha ainda mais força com a imagem de Dilma Rousseff no cenário nacional tornando-se a primeira presidenta da república do Brasil no ano de 2010, pelo Partido dos Trabalhadores. Com isso, a própria página da candidata Arivan Lucena, na rede social *Facebook*, publicou em sua “linha do tempo”, no dia 14 de setembro de 2012, um enunciado com as imagens, lado a lado, de Arivan e Dilma, ambas com vestimentas da cor de suas respectivas campanhas, Arivan verde e Dilma vermelho.

**Figura 7 – Cartaz sugerindo aproximação entre Arivan Lucena e Dilma Rousseff.**

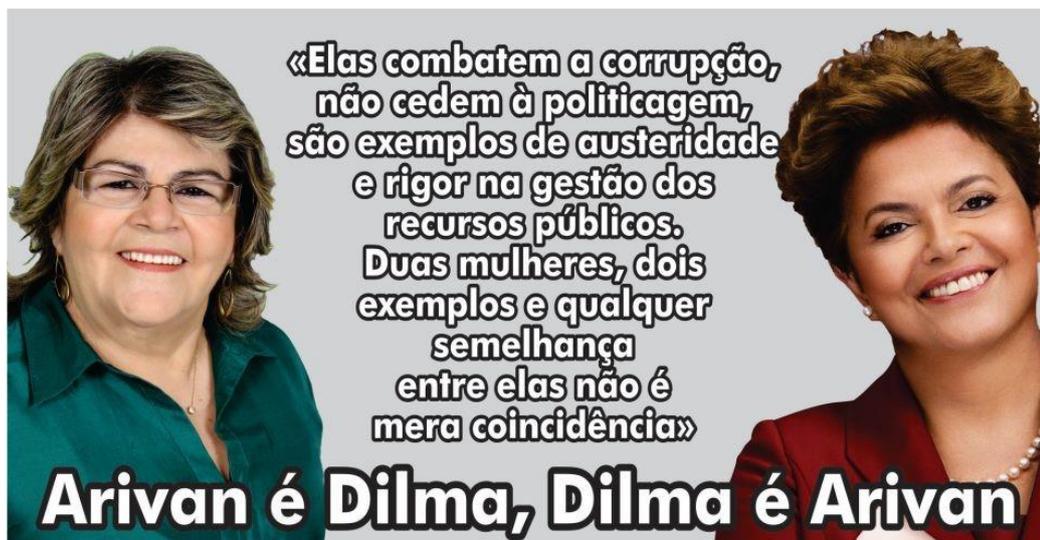
---

121

Disponível

em:

[https://www.facebook.com/arivanlucena/photos/ms.c.eJw9k9mNRTEIQzsasS~;9NzZ6OL6fR8aEmMQtLDM73Lum~;hy84Hhc1tUq~\\_nEfyZ5uV5GfhZznr3k82tWym~\\_Q~\\_HvpinwKxfu376MeaLN1~\\_JQBeyQVdyHPuS4Xf6fNUkgNs5P31t2U~;8~;Mbz7M~\\_fZyM~\\_mG9o1~\\_wn6O~\\_We97OvOqgF7UU3~;n5dKfl2cyn0rUJ~\\_tvP7LcT9Wc~;p3f6Ncf~\\_9UL~;dhXcl~;VC2a~;uf2acd6BntTXwcn5zhevi033~;Srb73zh~;dtvXmV9227x5RG3S7PyU9H~;ZD99p~\\_q5Mt3mG8H5hMhJ3TWx90nlvOIXv9ccoGpl5xfi4z5IPM0~;Hx~;3XX9i~;OMgHm~;yas35rXwK~;0Lf9C~;91~\\_6375GAmzke48q736jt~;9w6ho~;XbbI9z~;CyHb7at53kH8z~;0H~\\_wvzHBSxkzCtNRr7CfnHvSar~;AaF~\\_5~;M~.bps.a.32425554337688.74303.31855578241019/324255887670988/?type=3&theater](https://www.facebook.com/arivanlucena/photos/ms.c.eJw9k9mNRTEIQzsasS~;9NzZ6OL6fR8aEmMQtLDM73Lum~;hy84Hhc1tUq~_nEfyZ5uV5GfhZznr3k82tWym~_Q~_HvpinwKxfu376MeaLN1~_JQBeyQVdyHPuS4Xf6fNUkgNs5P31t2U~;8~;Mbz7M~_fZyM~_mG9o1~_wn6O~_We97OvOqgF7UU3~;n5dKfl2cyn0rUJ~_tvP7LcT9Wc~;p3f6Ncf~_9UL~;dhXcl~;VC2a~;uf2acd6BntTXwcn5zhevi033~;Srb73zh~;dtvXmV9227x5RG3S7PyU9H~;ZD99p~_q5Mt3mG8H5hMhJ3TWx90nlvOIXv9ccoGpl5xfi4z5IPM0~;Hx~;3XX9i~;OMgHm~;yas35rXwK~;0Lf9C~;91~_6375GAmzke48q736jt~;9w6ho~;XbbI9z~;CyHb7at53kH8z~;0H~_wvzHBSxkzCtNRr7CfnHvSar~;AaF~_5~;M~.bps.a.32425554337688.74303.31855578241019/324255887670988/?type=3&theater). Acesso em: 08 mar. 2017.



Fonte:

<<https://www.facebook.com/arivanlucena/photos/a.32319173777403.73942.31855578241019/328836887212888/?type=3&theater>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.

Importante compreender os textos verbais e não verbais introduzidos na imagem, e analisá-los considerando a conjuntura em que foram produzidos. O caráter feminino encontra-se evidente, contudo, torna-se ainda mais significativo quando tomamos conhecimento que o PT havia rompido com a prefeita Arivan Lucena durante seu mandato (2001-2004) no dia 30 de março de 2001, três meses após sua posse. Apesar da diferença ideológica partidária, a relação entre as personalidades políticas é efetivada, especialmente pelo elemento feminino, que é o de maior significado no enunciado.

A imagem acima foi postada na rede social *Facebook*, que a partir das eleições do ano 2012 foi utilizada como meio de circulação das imagens dos candidatos, bem como ferramenta de divulgação dos eventos propostos por cada campanha eleitoral nos diferentes espaços de atuação.

Durante o agitado período de campanha eleitoral, os candidatos a prefeito marcaram presença tanto nas comunidades rurais quanto na zona urbana do município de Limoeiro do Norte, embora no meio rural não tenha se verificado a proliferação de propagandas na mesma intensidade com que ocorria na zona urbana, a exemplo das caminhadas, pedaladas e carreatas eleitorais.

Em 2012, as fotografias produzidas durante os comícios ocorridos nas comunidades podiam ser encontradas no *Facebook*, especificamente na página de Arivan Lucena. As páginas dos demais candidatos ou limpam seus registros fotográficos ou

não disponibilizavam fotografias dos comícios de suas campanhas. Essas fotografias também são materiais de campanha, pois foram publicadas no *Facebook* ainda durante o período de 90 dias destinados a campanha eleitoral, sendo publicadas com uma data limite de dois dias após a realização dos comícios.

Diferentemente dos comícios comunitários, as caminhadas e passeatas ciclísticas e motorizadas não detêm a predominância de uma linguagem discursiva por parte do candidato através da oralidade, prevalecendo, assim, o discurso imagético projetado em razão da força representada pela quantidade de pessoas/transportes que a compõem. No momento em que as campanhas ganham as ruas, sua importância é direcionada, principalmente, para a característica de levar em sua composição uma multidão em movimento, fazendo, dessa multidão, a legitimação de sua força. Ou seja, elas funcionam como formas de medir a força da campanha promotora em relação as outras campanhas, configurando em uma disputa por quem leva mais indivíduos/transportes em suas manifestações.

Sendo assim, o *Facebook* novamente aparece como uma importante ferramenta de campanha, desta vez como meio de divulgação e chamada para os eventos. Especificamente na página da candidata Arivan Lucena, eram lançadas as chamadas para as caminhadas e pedaladas eleitorais promovidas por sua campanha. Abaixo temos um cartaz produzido pelo comitê da candidata convidando a população limoieirense para dois eventos no ano de 2012.

**Figura 8 – Chamada para 3º pedalada da campanha de Arivan Lucena.**

Fonte: <https://www.facebook.com/arivanlucena>: Acesso em: 08 mai. 2017.

O primeiro evento marcou a 3ª pedalada da campanha de Arivan Lucena para o cargo de prefeita nas eleições do ano 2012, que circulou pelas principais ruas do centro da cidade, e o segundo evento foi uma caminhada realizada no bairro Populares, cerca de 2,8 km de distância do centro de Limoeiro do Norte. Ambos ocorreram no mesmo dia, em 6 de outubro de 2012.

É importante observarmos que, para além do uso das redes sociais como forma de divulgação dos eventos e das identidades das campanhas, outras formas de potencializar essas imagens já utilizadas em eleições passadas continuam sendo incorporadas pelas campanhas, a exemplo da instrumentalização dos espaços públicos como as ruas e avenidas da cidade. Observemos a fotografia abaixo, foi produzida durante a 2ª pedalada da campanha de Arivan Lucena, enquanto percorria a avenida Cel. Francisco Remígio, na cidade de Limoeiro do Norte, no dia 22 de setembro de 2012, tendo sido, no mesmo dia, publicada na rede social *Facebook*.

**Figura 9 – Pedalada eleitoral de Arivan Lucena**



Fonte:

<https://www.facebook.com/arivanlucena/photos/a.331686513594592.76801.31855578241019/331686556927921/?type=3&theater>: Acesso em: 08 mai. 2017.

A avenida Cel. Francisco Remígio é um dos principais corredores da cidade, de tal forma que, quando utilizada para um determinado evento de campanha, torna suas identidades muito mais visíveis e próximas aos olhares dos eleitores e não eleitores, apoiadores e opositores da campanha.

Cada campanha, na formação de sua identidade visual, articula suas características primárias, ou seja, nome e rosto dos candidatos, bem como o número de registro da campanha<sup>122</sup>, com outras características que fazem delas ainda mais chamativas, como cores, objetos, gestos e etc., ou seja, elementos que, na hora da votação, não serão diretamente utilizados. Para isso, necessitam constantemente dos meios de circulação como as redes sociais e os espaços públicos e privados da cidade.

---

<sup>122</sup> Em relação ao nome do candidato e o número do registro de campanha, chamo-as de informações primárias, pois representam as duas informações necessárias para que se efetue o voto na urna eleitoral. Quando o eleitor se acha na cabine, diante da urna eletrônica ou da cédula de votação, o número e o nome dos candidatos é que serão, respectivamente, visualizados para que, então, seja confirmado pelo eleitor o candidato no qual irá confiar seu voto. No caso da urna eletrônica, o rosto do candidato pode, ainda, representar uma terceira informação primária, pois, assim como o nome, o rosto aparece na tela da urna após o número ser digitado, servindo como uma espécie de confirmação do candidato escolhido na operação.

Apesar do marketing político da campanha de Maílson Cruz, que recebeu o apoio do então prefeito João Dilmar e herdou o verdeamarelismo, e das estratégias visuais de Arivan Lucena através do feminino, dentre outros elementos como a cor verde e o gesto das mãos representando o número 55, nenhuma dessas candidaturas conseguiu vencer as eleições, que acabou elegendo um outro pilar da hegemonia política limoeirense.

Em 2012, Paulo Duarte chegava na sua terceira tentativa de ocupar o cargo de chefe do executivo municipal, uma vez que já havia disputado o cargo nas eleições de 2000 e 2008, quando foi candidato pelo PSDB. Concorrendo novamente ao cargo de prefeito, desta vez, Paulo Duarte, teve por legenda partidária o DEM. O candidato a vice-prefeito foi José Marcos Castro Coelho<sup>123</sup>, então filiado ao PSB. A chapa composta pelos candidatos do DEM e do PSB foi a vencedora do pleito eleitoral de 2012, e contou, para isso, com o apoio do PMDB, PPS, PMN, PTB e PSDB.

#### **Quadro 9 – Resultado das Eleições do ano 2012**

<b>Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 2012</b>			
<b>Partido</b>	<b>Nº</b>	<b>Candidato(a)</b>	<b>Votos</b>
DEM	25	Paulo Carlos Silva Duarte	15.936
PRB	10	José Maílson Cruz	13.399
PSD	55	Maria Arivan de Holanda Lucena	5.385
PT	13	Raimundo Nonato Pinheiro	245
PSTU	16	Reginaldo Ferreira de Araújo	157
PT do B	70	José Mirailton de Sousa Meneses	51
<b>Votos Brancos</b>			548
<b>Votos Nulos</b>			1.236

**Fonte:** Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE: <<http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/resultados/2012/menu.html>> - Acesso em: 01 fev. 2018.

Paulo Duarte, já nas eleições de 2000, quando se candidatou pela primeira vez ao cargo de prefeito de Limoeiro do Norte, apresentou um discurso de campanha pautado

<sup>123</sup> José Marcos Castro Coelho nasceu no município de Limoeiro do Norte-CE, no dia 15 de fevereiro de 1964.

em dois temas, saúde e segurança, e seus correligionários disseminavam a seguinte frase, “Limoeiro saudável e sem medo”, como *slogan* de campanha. Em 2012, apesar de contar com um *slogan* diferente “Limoeiro de Verdade”, seu discurso nas comunidades rurais, tal qual foi filmado e postado pela *Tv Jaguar* na plataforma de vídeos *YouTube*, continuou sendo marcado pelos dois temas mencionados, que se tornaram as “bandeiras” levantadas pelo personagem político ao longo de sua trajetória, sobretudo a segurança, uma vez que dedicou boa parte de sua vida ao ramo, como ele mesmo relatou enquanto discursava na comunidade do Espinho.

desde 74 quando eu entrei na polícia federal, fui agente federal, fui delegado federal, comandi a polícia federal em vários estados do Brasil, tive a oportunidade de conduzir os garimpos do Brasil, principalmente a região do Pará e do Mato Grosso, fui interventor em serra pelada, [...] passei mais de um ano lá, fui secretário de justiça do Estado do Ceará, fui subsecretário de segurança e secretário de segurança do Ceará<sup>124</sup>.

Além das três principais candidaturas, considerando o percentual de votos obtidos, Paulo Duarte, Mailson Cruz e Arivan Lucena, outras três, menos expressivas, também participaram das eleições de 2012, foram elas: Raimundo Nonato Pinheiro e Maria Lúcia de Sousa (PT); Reginaldo Ferreira e Zeuza Maria Freitas Lima (PSTU); Mirailson Meneses e José Wilker de Paiva Maciel (PT do B).

Apesar do que defendeu no início do ano ao propor que era preciso trocar antigas lideranças por novas gerações, o jornal *Folha do Vale*, no mês de outubro, já manifestava expectativas de “melhores dias”, considerando, para isso, as eleições ocorridas em Limoeiro do Norte, pois confessou esperar que os “[...] próximos mandatos [fossem] melhores do que aqueles que temos até o final de 2012”<sup>125</sup>.

Fato é que a opinião publicada no jornal mudou ao longo do ano 2012 no que diz respeito às eleições para prefeito de Limoeiro do Norte e o que se esperar delas. Através de um texto escrito pelo radialista Richard Leitão, o jornal entendeu que “as eleições passaram, no entanto, a ansiedade permanece no coração dos limoeirenses. Muitas

---

<sup>124</sup> Paulo Duarte Reunião Paulo Duarte. Limoeiro do Norte: Tv Jaguar, 2012. (24:16 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uu3ENXnfNVI&index=18&list=PL1doI9eEcbHFbwAnBxOnUJJUuFMIRVMTA>> Acesso em: 18 ago. 2018.

<sup>125</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 174, out. 2012.

promessas de campanha foram feitas por Paulo Duarte, a esperança de um novo tempo”<sup>126</sup>.

Com isso, o jornal traz à tona o discurso apresentado nas eleições de 1996 e 2000, pelo qual defendia que com elas surgia “[...] nova sensação de melhores dias para o limoeirense”<sup>127</sup>, “um grito de esperança”, sempre criando um sentimento de “salvação” por onde alguém ganhava uma oportunidade ímpar para “salvar” Limoeiro do ano anterior, ou seja, como apontou Richard, ganhava a oportunidade de ser “a esperança de um novo tempo”.

### **3.4. As eleições de 2016: uma nova aliança**

Ao longo da gestão de Paulo Duarte, bem como ocorreu com todos os mandatos a partir do ano de 2000, teve rupturas de acordos firmadas durante o período eleitoral. Em janeiro de 2015, em sua 198ª edição, o jornal *Folha do Vale* anunciou o rompimento do atual vice-prefeito, Marcos Coelho, com a gestão de Paulo Duarte, ruptura que levou junto “[...] o apoio político do ex-deputado Ariosto Holanda”, este que já esboçava envolvimento com um novo empreendimento, alimentando especulações para as eleições de 2016.

Como já foi mencionado, o rompimento político entre Marcos Coelho e Paulo Duarte não significou um fato isolado. Contando com Marcos, os últimos quatro vices de Limoeiro do Norte romperam politicamente com seus prefeitos antes do fim de seus mandatos: Laurinho com Arivan em 2001, mandato 2001-2004; Elisete Duarte com Dilmar em 2007, mandato 2005-2008; Nonato Pinheiro com Dilmar em 2011, mandato 2009-2012; e Marcos Coelho com Paulo em 2015, mandato 2013-2016. Esse caráter provisório dos acordos entre prefeitos e vice-prefeitos também foi percebido e publicado pelo jornal *Folha do Vale*, na 198ª edição já mencionada acima.

Para além dos vice-prefeitos o jornal também chamou atenção para os acordos partidários, caracterizando o movimento dos bastidores para a eleição de 2016 como uma “ciranda partidária”, uma vez que, segundo a *Folha*, faltando aproximadamente 30 dias

---

<sup>126</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 174, out. 2012.

<sup>127</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 01, mar. 1997.

para o encerramento do prazo de mudanças, a “ciranda das siglas partidárias” começava a rodar<sup>128</sup>.

Fato é que ao analisar historicamente os acordos partidários, daqueles que foram candidatos duas ou mais vezes durante o período estudado nesta dissertação (1988 a 2016), percebemos que essa “ciranda partidária” esteve presente. Vejamos, Dilmar, PDS em 1988, PSDB em 1996, PPS em 2000 e 2004 e PRB em 2008; Careca, único que não trocou de sigla, PDS em 1992 e 1996; Julião, PDT em 1992, PMDB em 1996, PP em 2016; Larinho, PFL em 1996, PSB em 2004; Arivan, PSD em 2000 e 2012, PR em 2004 e 2008; Paulão, PSDB em 2000 e 2008, DEM em 2012 e 2016.

Para além dessa “ciranda partidária”, no que diz respeito às alianças, na eleição de 2016 ganhou destaque o chamado “acordão histórico”, expressão que serviu de título para uma coluna do jornal *Folha do Vale*, publicada na edição de nº 209, de março deste ano. A coluna foi escrita por Marcelo Castro, objetivando explicar um possível acordo que formaria uma chapa para disputar o cargo de prefeito de Limoeiro do Norte, onde envolveria várias lideranças, locais e estaduais. Segundo Marcelo,

O desembargador José Maria Lucena recebeu, por meio do ex deputado Mailson Cruz (na manhã de 13 de dezembro último), o convite para ingressar nas fileiras do “Cidismo” e ser, conseqüentemente, o candidato a prefeito de Limoeiro com apoio do PDT e de seus respectivos líderes locais: Dilmar, Ariosto Holanda e do próprio Mailson. [...]. Essa articulação reflete a repactuação política entre Mailson e Dilmar, que andavam afastados desde o fim do pleito de 2012. Essa proposta de aliança mudaria por completo o quadro atual e satisfaria os interesses eleitorais de todos os envolvidos, senão vejamos: Ariosto reorganizaria suas bases e seu peso eleitoral em Limoeiro; Dilmar veria se consolidar um enorme bloco político capaz de sedimentar a derrota do atual prefeito Paulo Duarte (seu maior rival) e se projetaria no cenário regional em 2018, Mailson se reposicionaria no cenário político como habilidoso operador político (visto que é obra dele toda essa costura política aqui descrita) e poderia vir a ser, neste pacote, o próximo vice-prefeito ou mesmo voltar a Assembleia Legislativa. Já Zé Maria, além de se consolidar como franco favorito na disputa, também neutralizaria a intervenção do poder estadual (Camilo, Cid e Ciro) no pleito. [...]. No momento, Zé Maria estuda a proposta e consulta figuras de peso do seu grupo e lideranças regionais aliadas.

---

<sup>128</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 202, jun. 2015.

O acordo descrito pela *Folha do Vale* não só aconteceu, como levou José Maria Lucena à vitória na disputa pelo cargo de prefeito de Limoeiro do Norte em 2016, contando com uma ampla coligação formada pelos partidos PMDB, PMB, PV, PSD, PROS e PTN. Contudo, diferentemente do que foi apontado na publicação, Dilmar foi o escolhido para o lugar de vice-prefeito.

Em relação àqueles que foram prefeitos pelo menos uma vez nessa experiência democrática, podemos perceber diferentes alianças realizadas; Dilmar e Careca, 1982; Careca e Paulo, 2000; Paulo e Dilmar, 2004; e Dilmar e José Maria Lucena, 2016. Essas alianças chamam atenção sobretudo pelo seu caráter conjuntural, a facilidade dos sujeitos e/ou partidos políticos envolvidos em conciliar e afrouxar os acordos dada a conjuntura política eleitoral, fato já apontado pelo jornal *Folha do Vale* no ano de 2012, quando percebeu a facilidade na formação de “[...] coligações contraditórias e o abandono de posições antes defendidas com fervor”<sup>129</sup>.

Contudo, apesar da leitura assertiva do jornal sobre o abandono dessas posições, a afirmação de que formavam coligações contraditórias não parte de uma leitura das posições reais que cada liderança ocupava na sociedade limoeirense, e sim de uma interpretação das posições defendidas discursivamente por esses sujeitos. Em outras palavras, essa contradição só existe no plano discursivo com o intuito de definir oposição política a outros projetos dirigentes. Nas relações sociais reais esses personagens não apresentam antagonismo/contradição entre si.

Edilson Santiago, em entrevista concedida para a *Folha do Vale* no ano 2016, respondendo a seguinte pergunta: “qual a sua avaliação sobre o atual ciclo político iniciado em 1982, onde todos os políticos já se aliaram e se opuseram entre si?”, entendeu que essa política de acordos circunstanciais teria se iniciado em Limoeiro do Norte após a atuação de Manuel de Castro: “estes grupos continuadores na política pós Manoel de Castro fracassaram como gestores, fazendo uma política do junta/separa nas conveniências [...]”<sup>130</sup>.

Apesar de entender que a influência de Manuel de Castro na política Limoeirense continuou mesmo após o ano de 1982, de fato é a partir desse ano que é iniciada a maioria das lideranças realizadoras da política do “junta/separa”. Essa característica conciliatória

---

<sup>129</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 171, ago. 2012.

<sup>130</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 212, jul. 2016.

me parece ser um dos principais fatores que fizeram surgir retratos como “Ciclo dos amigos”, expressão atribuída por Maurilo Freitas em 2009, que seria, para o memorialista, bem como defendeu Edilson Santiago, um ciclo iniciado com Careca em 1982. O problema é: podemos dizer que essas estratégicas alianças, efetivadas a partir de uma leitura da conjuntura política eleitoral, são por isso determinadas tão somente pelas e nas próprias conjunturas?

O historiador René Rémond, em uma tentativa de mostrar os limites ou a ausência de limite *do político*, diz que “[...] o político é o lugar de gestão da sociedade global, ele dirige em parte as outras atividades; define seu *status*, regulamenta seu exercício. A lei proíbe, encoraja ou impede.” (2003, p. 447). Nestas circunstâncias *do político* apontada pelo autor, parece possível afirmar a determinação das alianças tão somente pela conjuntura política. Contudo, corroborando os estudos de Gramsci, entendo que o lugar de gestão da sociedade globalizada, da massa social, é ocupado pela classe dirigente, pessoas reais, que por sua vez, podem exercer esse poder de direção para além do poder de coerção estatal, ou seja, desempenhando tal papel nos variados campos de direção social.

Posto isto, pode parecer que esses acordos sejam determinados tão somente dada a conjuntura eleitoral, visto que eles ocorrem no "tempo de eleição"<sup>131</sup>, mas esta determinação estaria vinculada às características desses grupos, que uma vez dirigentes são socialmente semelhantes, ou seja, são oposições entre iguais, não apresentam antagonismos sociais, conflitos entre classes, o que torna os acordos e coligações possíveis e perecíveis dada as circunstâncias.

Além de Zé Maria e João Dilmar, candidatos pelo PMDB, na eleição do ano 2016 apresentaram-se as seguintes candidaturas, respectivamente, para prefeitos e vice-prefeitos: Paulo Duarte e Nice Cruz (DEM); Pedro Julião e Lidiana (PP); Anchieta Sousa e Persia Rebouças (PSL); Professor Hélio e Júlio Nogueira (PC do B); Edilson Santiago e Jocicleudo (PSB).

---

<sup>131</sup> Segundo Rémond (2003, p. 443), “certas situações ampliam o campo do político”. No que confere ao período de campanha eleitoral, presumo que o mesmo proporciona um tempo diferente para a população, um “tempo de eleição”, que, como indica Barreira (1998, p. 12), “torna evidente o que os olhos parecem não ver em tempos normais”. Contudo, esse tempo não deve ser tratado apenas como o período de campanha eleitoral, para os partidários esse tempo começa antes, já no processo de escolha dos componentes para a formação das chapas eleitorais.

## Quadro 10 – Resultado das Eleições do ano 2016

Quantidade de Votos nas Eleições Majoritárias de 2016			
Partido	Nº	Candidato(a)	Votos
PMDB	25	José Maria Lucena	24.938
DEM	10	Paulo Carlos Silva Duarte	7.342
PP	55	Pedro Julião	1.029
PSL	13	Anchieta Sousa	675
PC do B	16	Professor Hélio	662
PSB	70	Edilson Santiago	25
<b>Votos Brancos</b>			853
<b>Votos Nulos</b>			1.983

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará - TRE-CE

No que diz respeito ao que se esperava com a vitória de José Maria Lucena, o jornal *Folha do Vale*, em sua 212ª edição, entendeu que, ao contrário de sua esposa, Arivan Lucena, prefeita de Limoeiro do Norte no mandato 2001-2004, José Maria mostrou “habilidade política”, construindo uma das maiores alianças políticas da história da cidade, o que lhe garantia maioria na câmara dos vereadores, fato não ocorrido no mandato de Arivan, uma vez que em sua gestão ocorreu rupturas em relação aos acordos firmados nas eleições de 2000, ela rompeu com seu vice-prefeito Laurinho e com o PT, que integrava a coligação partidária de sua chapa, além disso tinha minoria na Câmara dos vereadores, o que acabou dificultando sua gestão. Contudo, segundo a *Folha do Vale*, existe uma semelhança política conjuntural entre o início de governo do casal, ambos teriam herdado o caos.

Arivan herdou do antecessor, o ex-prefeito Careca, uma prefeitura endividada, desorganizada e um cenário orçamentário estadual e nacional de completo aperto. Caso vença a eleição, Zé Maria não receberá coisa melhor<sup>132</sup>.

<sup>132</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 212, jul. 2016.

Com isso, para além da comparação entre o governo de Arivan e um possível governo de seu marido, a redação trata paralelamente o mandato de José de Oliveira Bandeira (Careca), já criticado pelo jornal, com o mandato de Paulo Duarte. Em relação ao mandatário da gestão 1997-2000, as principais críticas apontaram-no como responsável por ter deixado o município falido nos seus mais diversos aspectos, com um trânsito confuso, e nenhum esforço pela instalação da indústria de calçados que geraria mais de 3.000 empregos para os limoieirenses<sup>133</sup>. Já em relação ao mandatário da gestão 2013-2016, as críticas acusavam-no pelo “[...] desmonte da máquina pública e do serviço público, o desajuste das contas públicas devido ao descontrolado empreguismo, somado ao atraso no pagamento dos vencimentos dos servidores”<sup>134</sup>.

Essa comparação é interessante, na medida em que, assim como ocorreu no início do mandato de José de Oliveira Bandeira, o mandato de Paulo Duarte foi visualizado pelo jornal como fator de esperança e de superação dos mandatos anteriores, suas vitórias significaram a esperança de um novo tempo. Posteriormente, Careca e Paulo tornaram-se os gestores de mandatos depreciados, enquanto Arivan Lucena (em 2000) e José Maria Lucena (em 2016), as esperanças.

Com isso, percebemos que nas eleições realizadas para prefeito ao longo do período da chamada Nova República, foram criados discursos de rupturas que insistiam em criar ambientes de novidade, no intuito de fomentar esperanças para um novo tempo. Foi assim em 1988, com a constituinte; em 1992, pelo único mandato do PSDB para prefeito de Limoeiro do Norte; em 1996 e 2000 pelos discursos de esperança e salvação emitidos nas páginas do jornal *Folha do Vale*; em 2012, pelo novo gestor ser a esperança de um novo tempo; e em 2016, pela esperança no mandatário pautada na sua habilidade política de construir alianças.

---

<sup>133</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 30, jun. 2000.

<sup>134</sup> FOLHA DO VALE. Limoeiro do Norte. Edição 214, nov. 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma análise da história do município de Limoeiro do Norte, considerando seus aspectos sociais, econômicos, geográficos, políticos e culturais, ou seja, de uma investigação pautada na perspectiva da história total, entendemos que as mudanças ocorridas sobretudo na década de 1950 foram de suma importância na configuração da classe dirigente de Limoeiro tal qual podemos encontrar no período estudado (1988-2016).

Em 1954, ocorreu a ascensão do grupo político dos Oliveiras na prefeitura de Limoeiro do Norte, quebrando com uma hegemonia política liderada pelo grupo dos Chaves que durou mais de 80 anos. Os Oliveiras foram comandados pelo coronel Manuel de Castro e tiveram como fator essencial para sua ascensão social e política o comércio da cera de carnaúba, pois lideravam a produção desse produto na região. Manuel, como líder desse grupo, teve forte influência na formação da política limoeirense, uma vez que a liderou até a eleição de 1982, e apadrinhou os principais personagens que passaram a liderar as décadas seguintes.

Outro fator fundamental na configuração dessa política municipal foi a fragmentação do território de Limoeiro do Norte no ano de 1957. Seus três distritos, Tabuleiro do Norte, São João e Alto Santo, foram elevados a cidade, fazendo com que Limoeiro perdesse 90% de seu território. O fato não dividiu apenas sua extensão geográfica, mas também sua classe dirigente e todo o colégio eleitoral.

A conquista da diocese, que foi instalada em Limoeiro do Norte no ano de 1937 após vencer uma disputa contra os municípios de Russas e Aracati pela sua sede, também teve sua importância na configuração e fortalecimento da classe dirigente do município, uma vez que a partir da atuação deste órgão nas décadas de 1940, 1950 e 1960, com a construção das citadas “arquiteturas do poder”, Limoeiro se tornou o centro, sobretudo educacional, da microrregião do baixo Jaguaribe. Fator essencial na projeção de suas personalidades políticas, inclusive nos cenários regional e estadual.

Apesar dos memorialistas defenderem, através de suas obras, que a atuação da diocese pelas mãos do seu primeiro bispo, o senhor Dom Aureliano Matos, marcou a virada do Limoeiro bucólico, de outrora, isolado e essencialmente rural, para um

Limoeiro civilizado e moderno, na prática não ocorreu tal dicotomia, pois os limoeirenses, inclusive os personagens da classe dirigente, que foram diretamente beneficiados pela modernidade das arquiteturas do poder, continuaram a manifestarem-se como sujeitos envolvidos pelas características residuais de um passado ruralista e uma política tradicional com aspirações coronelistas.

Nas eleições de 1982, pela primeira vez estavam ausentes os líderes políticos Franklin Chaves e José Simões, que ainda faziam oposição ao grupo político liderado por Manuel de Castro nas eleições municipais de Limoeiro do Norte. Daí em diante se configurou o chamado “ciclo dos amigos”, pois os principais políticos que atuaram no município a partir da década de 1980 tinham uma mesma origem política, iniciada a partir da influência de Manuel. Um grupo que já era dominante, neste momento tornava-se hegemônico.

A atuação de Manuel foi um diferencial na configuração da elite política estudada neste trabalho, pois, se na década de 1980 ocorreram mudanças significativas no governo do Estado do Ceará, com a retirada dos coronéis e o surgimento dos governos Cambeba<sup>135</sup>, nesta mesma década, em Limoeiro do Norte, o próprio coronelismo, através de Manuel, iniciou os novos personagens da política municipal.

Inicialmente, nesse grupo foram construídas duas fortes lideranças, José de Oliveira Bandeira e João Dilmar da Silva. Esses dirigentes dominaram o executivo de Limoeiro do Norte nas décadas de 1980 e 1990, com exceção do mandato de Ademar Celedônio (1992-1996). A partir do ano 2000, podemos observar uma hegemonia política ainda mais definida, pois o grupo passou a ser liderado por um “triângulo de poder” bem semelhante, tendo em cada lado as seguintes personalidades: João Dilmar; Paulo Duarte; Arivan Lucena e José Maria Lucena.

Apesar dessa hegemonia, em sua composição existiam grupos menores formados entre familiares. Esses grupos eram muito semelhantes, sobretudo por serem dirigentes, e por isso não configuraram uma oposição política bem definida entre si. Suas pretensões eram mais voltadas para definir uma rede de apoio mais sólida fundamentada no parentesco, caso dos irmãos Marduque Duarte, Paulo Duarte e Elizete Duarte; do casal

---

<sup>135</sup> Apesar desses novos personagens da política cearense, liderados por Tasso Jereissati, serem semelhantes aos coronéis enquanto grupos dirigentes, não existiu entre eles segmento de poderes como ocorreu em Limoeiro do Norte.

Arivan Lucena e José Maria Lucena; de João Dilmar da Silva e sua filha Dilmara Silva; de José de Oliveira Bandeira e seus filhos Lúcia e Gládis Bandeira. Com uma única exceção: os primos José de Oliveira Bandeira e Pedro Julião, que foram oposições na disputa para o cargo de prefeito do Município de Limoeiro do Norte na eleição de 1996.

Sendo assim, como lideranças iniciadas por um mesmo grupo, de características dirigentes, com pouca ou nenhuma fidelidade partidária e uma rede de apoio mais sólida de caráter estritamente familiar, tornou-se comum que os acordos partidários, as coalizões entre candidatos a prefeito e vice-prefeitos, e demais alianças com apoiadores, fossem firmados conforme as circunstâncias de cada eleição. Isso não quer dizer que os laços e rupturas realizados na “política real” determinaram o curso da história eleitoral do município, pelo contrário, a semelhança social dessas lideranças permitiu ou favoreceu a circunstancialidade desses acordos.

Essa mesma semelhança social intensificou nessas lideranças uma busca pela formação das identidades visuais de suas campanhas e mandatos, não só para aumentar o alcance de seus projetos políticos, mas também por uma necessidade de se diferenciar, pelo menos imagetivamente, das campanhas opositoras, uma vez que eram socialmente semelhantes. Nesse processo de diferenciação, as campanhas selecionaram e incorporaram os elementos emergenciais que surgiram, sobretudo no que diz respeito ao marketing político, contudo, sem abandonar os elementos residuais.

## **FONTES**

### **PERIÓDICOS**

- Folha do Vale, Limoeiro do Norte, 1997 a 2016.
- Diário do Nordeste, Fortaleza, 2013.
- O Globo, Rio de Janeiro, 1974.

### **AUDIOVISUAL**

- TV Jaguar, Limoeiro do Norte, 2012, 2013 e 2016.

### **ACERVOS**

- Biblioteca Pública Municipal Dr. João Eduardo Neto, Limoeiro do Norte.
- Núcleo de Documentação Cultural da UFC, Fortaleza.
- Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.
- Tribunal de Justiça do Estado Ceará.
- CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

### **BLOGS E REDES SOCIAIS**

- História Política de Limoeiro do Norte, de Maurilo Freitas.
- Limoeirodonorte, de Alex Chaves Monteiro.
- Facebook, página de Arivan Lucena.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. **Organização espacial e questão ambiental: o caso da cidade de Limoeiro do Norte - Ceará.** 2003. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

ALENCAR, Vânia Freitas de. **Com o pé em Limoeiro.** Fortaleza: La Barca Editora, 2011.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de Papéis: Ritos e Símbolos de Campanhas Eleitorais no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322 p.

BLOOMFIELD, Tânia. **Camisas azuis, mangas arregaçadas: aspectos não-verbais e simbólicos presentes nas campanhas eleitorais de 2006.** Art&Sensorium, Vol.01 – N°02. p. 124-139. 2014.

COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DREIFUSS, R. A. **1964: A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe.** Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FRANÇA, Maria Florinda de. **Minhas Madrugadas.** Fortaleza: Premius, 2008. 77 p.

FREITAS, Maria das Dores Vidal; OLIVEIRA, Maria Lenira de (Org.). **Limoeiro em Fotos e Fatos.** Fortaleza: Edições do Autor, 1997. 477 p.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce.** Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. Os "governos das mudanças" (1987 - 1994). In: SOUZA, Simone de. **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 409-445.

HOBSBAWN, Eric. Os camponeses e a política. In: HOBSBAWN, Eric. **Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz.** Tradução de Irene Hirsch, Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 436 p.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOVELER, Rejane Carolina. René Dreifuss e o golpe de 1964: sobre teorias e “conspiracionismos”. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO: Saberes e Práticas Científicas**, Vol. 16, 2014. Disponível em: [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400181633\\_ARQUIVO\\_Re neDreifusseogolpede1964\\_sobreteoriaseconspiracionismos\\_textocompletoanpuhrij.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400181633_ARQUIVO_Re neDreifusseogolpede1964_sobreteoriaseconspiracionismos_textocompletoanpuhrij.pdf). Acesso em: 07 maio 2021.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001. 454 p.

LEITE, Jonathan Vilar dos Santos. **a frágil “abertura” de João Figueiredo: a redemocratização campinense em apuros (1979-1985)**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

LIMA, Jared de Santiago. **Minhas Lembranças**. Fortaleza: não possui, 2008.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Na Ribeira do Rio das Onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997. 535 p.

LIMA, Luciano Mendonça de. Um golpe de classe! A ditadura militar em Campina Grande. In: AIRES, José Luciano de Queiroz et al (Orgs.) **Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964 e outros ensaios**. João Pessoa: Editora CCTA, 2016.

MACHADO, José Wellington de Oliveira. Limoeiro do Norte: Arquiteturas de uma "Cidade Princesa". In: CHAVES, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe: histórias e culturas**. Fortaleza: Luxprint Off Set, 2008. p. 107-124.

MACHADO, José Wellington de Oliveira. Entre fronteiras de dois rios: a Ilha-Pátria de Limoeiro. In: CHAVES, José Olivenor Souza (Org.). **Vale do Jaguaribe: Autos do Passado**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 29-42.

MACHADO, José Wellington de Oliveira. **Memórias, poéticas e temporalidades: a invenção estética de Limoeiro do Norte (1943 a 1957 e 1957 a 2016)**. 2016. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

MAIA, Luciano. **Nau Capitânia**. São Paulo: Editora Escrituras, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. O sentido de classe do golpe de 1964 e a ditadura: um debate historiográfico. IN ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. **1964: 50 anos depois: a ditadura em debate**. Sergipe: EDISE, 2014.

MONTE, Cleyton. Notas sobre o conceito de grupo político: considerações sobre os Ferreira Gomes no Ceará. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 118-140, dez. 2019.

MOTA, Aroldo. **História política do Ceará (1966-1987)**. Rio - São Paulo - Fortaleza: Abc Editora, 2008. 262 p.

MUNIZ, Altemar da Costa. **Trajetórias de vida, espaços de sociabilidade, e projeto político da burguesia “mudancista” cearense (1978-1986)**. 2007. 308 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NUNES, Antônio Pergentino. **Minha Vida... Minha Luta...** Fortaleza: Premium Editora, 1999. 384 p.

PANOFISKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: PANOFISKY, Erwin. Significado nas artes visuais. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 47-87.

PINHEIRO, Francisco Irajá. **O Menino da Ilha**. 2. ed. Fortaleza: não possui, 1997. 149 p.

PONTES, A. G. V., FERREIRA, M. J. M., RIGOTTO, R. M., GADELHA, D., FREITAS, B. M. C.. Os perímetros irrigados como estratégia geopolítica para o desenvolvimento do semiárido e suas implicações à saúde, ao trabalho e ao ambiente. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2012. Disponível em: [13 andrezza ok.pmd \(scielosp.org\)](https://doi.org/10.1590/s1518-87872012055100000) Acesso em: 21 jul. 2021.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o Bloco Histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 142 p.

REGIS, João Rameres. **“Galinhas-Verdes”: Memórias e História da Ação Integralista Brasileira, Limoeiro-Ceará (1934-1937)**. 2002. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura, Anistia e reconciliação. In: **Revista Estudo Histórico**. Rio de Janeiro, vol. 23, nº45, 2010, p. 171-186.

RÉMOND, René. (Org.). **Por uma História Política**. 2.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro; FGV; 2003.

SANTOS, Luciana de Sousa. **A repercussão da política da educação profissional e tecnológica em Limoeiro do Norte: da Faculdade Tecnológica (FATEC), do Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Instituto CENTEC), ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2002.

SARGENTINI, V. M. Discurso Político e Redes Sociais. **Revista da ABRALIN**. v.14, n.2, p. 215-232, jul./dez. 2015.

SILVA, Lúcia Maria da (Org.). **Álbum do Jaguaribe, 1998**. Fortaleza: Premium, 1998. 128 p.

THOMPSON, Edward Palmer. Introdução: costume e cultura. In: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-24.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 420 p.